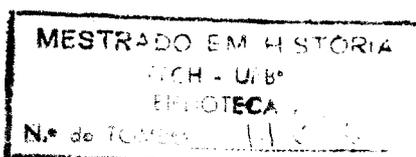


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**“O Banquete Espiritual da Instrução”:
O Ginásio da Bahia, Salvador: 1895-1942**

Déborah Kelman de Lima

Salvador
2003



Déborah Kelman de Lima

**“O Banquete Espiritual da Instrução” -
O Ginásio da Bahia, Salvador: 1895-1942**

Dissertação apresentada ao Mestrado em História da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FFCH
da Universidade Federal da Bahia - UFBA, como
requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Bellini

Salvador
2003

L 732b Lima, Déborah Kelman de.

“O banquete espiritual da instrução” - Ginásio da Bahia, Salvador: 1895 -
1942 / Déborah Kelman de Lima. – Salvador: D.K. de Lima, 2003.

174 f. : il.

Orientadora: Profa. Lígia Bellini.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade e Filosofia e
Ciências Humanas, 2003.

1. Educação – História – Salvador (BA). 2. Ginásio da Bahia – História – Salvador
(BA). 3. Ensino secundário – Salvador (BA). 4. Bahia – Vida intelectual I. Bellini,
Lígia. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

CDU - 37.(813.8) (091)
CDD – 370.981

*Aos que partiram,
e muito deixaram,
Ana, minha avó, e Bernardo, meu tio.*

*Aos sempre presentes,
Marlene, minha mãe, e Solon, meu irmão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo.

A minha mãe e meu irmão pelo constante exercício afetivo, Eduardo Cunha, pela força, a Mari Ney Carmo Nascimento e Simone Franco, amigas-irmãs, exemplos de solidariedade nesta trajetória.

A professora Lígia Bellini cuja postura afetiva e impecável, apoio e incentivo nos piores momentos desta caminhada foram, para mim, fundamentais para a execução deste trabalho. A ela os meus agradecimentos, reconhecimento e afeto.

Agradecimentos especiais merecem as professoras Marli Geralda Teixeira e Ana Alice Alcântara Costa, cujas participações no início deste processo são inesquecíveis.

As Profas. Maria Hilda Paraíso e Lina Aras, pelo apoio e compreensão diante das dificuldades enfrentadas.

Agradeço especialmente aos queridos C. Tupiniquim, Maria Jutuacira, Cosme, Neusa Cidreira, Francisco Tapioca e Geonaldo Fonseca

Aos amigos Ângela Menezes e D. Dezinha, Antonieta Miguel, José Augusto, pela indicação bibliográfica imprescindível, Neuracy (Cicinha) pelo auxílio com o banco de dados e Télió, Wheymar, Neusa Esteves, Gilca Assis e Marina, Iacy, Wlamyra, Greice Cohn, minha "Morá Gugu", Luiz e Hércules, confrades queridos, Polane, Heloísa, Jurema e aos companheiros da Maré.

Àqueles que muito contribuíram em aspectos de ordem acadêmica Tereza Cristina Fagundes, amiga querida, Profa. Antonietta Nunes, profa. Vera Cabana, prof. José Vaidergorn, profa. Maria da Conceição Barbosa da Costa e Silva, Kátia Vinhático e Rinaldo Leite.

Aos colegas do Colégio Estadual da Bahia - Central, referencia institucional inspiradora e significativa, em especial, para mim. Nesta casa, onde muitas amizades construí, destaco, neste momento a especial colaboração que obtive do Prof. Raymundo Duarte, dos Diretores Prof. Estanislau Araújo, em cuja gestão este trabalho foi iniciado e a profa. Maria Auxiliadora presenciou o restante desta dissertação. A querida Tide, e os colegas Peter Leão e Percival. Os colegas-amigos Helena, Walter, Dora e Rita, cujo apoio e incentivo foram de grande valia para mim.

Agradeço o cuidado e critério de Ana Carolina, na pesquisa nos periódicos, Eleonora Guimarães pela busca inicial de referências e normatização realizada em conjunto com Maria Creuza Ferreira.

Aos ex-alunos do Ginásio da Bahia, entrevistados neste trabalho, agradeço sinceramente:

Estrella Uderman, tia querida, Alcilídio Barreto de Carvalho, Walney França Machado, José dos Santos Pereira Filho, Geraldo Danneman, Angelina Maria Pelosi Matos, Fernando dos Reis Santana, Jacob Gorender, João Carlos Tourinho Dantas, Luiz Henrique Dias Tavares, Waldir Freitas de Oliveira, Cid Teixeira, Maria del Carmem Vilas Martins Moreira, João Carlos Freire Carvalho, Ariana Sampaio Cruz, Helena Sampaio Cruz, Bernardete Sampaio Cruz, Wagner José Leal, José Belchior da Fonseca.

Aos funcionários das instituições nas quais pesquisei:

FFCH - Marina Santos

APEB - Antonio Carlos Moraes, Marlene Assis de Deus Moreira, Neide.

CEDIC – Maria das Graças, Vânia, Renato, Lucia

IGHB -Fernando, Zita, Augusta

BPEB - Maria Emília Ribeiro Reis, Ana Cristina Fernandes Nascimento, Rita Almeida, Nelma, Luiz José de Carvalho, Eliseu Arcanjo Brandão, Célia Maria de Almeida Mattos, Licia Maria Vita do Eirado, Ana Gonçalves Carraro

SETOR DE REFERENCIA – UFBA Leonor Halla, Graça e Francisco

MEMORIAL DE MEDICINA - Zilda

ALB – Funcionárias da biblioteca

Na área de informática Clinger e Lemos.

A Capes pela bolsa de mestrado.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a construção desta dissertação.

“A História serve à ação.”
(Marc Bloch)

“Viver ultrapassa todo entendimento.”
(Clarice Lispector)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um conjunto de aspectos relativos ao Ginásio da Bahia, a mais importante dentre as instituições educacionais públicas baianas durante a primeira metade do século XX, e sua relação com o contexto social, político e cultural da República, particularmente em Salvador. A instituição, objeto desta dissertação, atuou na cena educacional soteropolitana por 47 anos, de 1895 a 1942, quando se transformou no Colégio Estadual da Bahia. Optamos aqui por uma abordagem histórica que privilegia as características e a trajetória específica do educandário, nos moldes de tendências mais recentes na área de história da educação. São enfocados na dissertação elementos relativos à educação ofertada pelo Ginásio, a composição e postura de seu corpo docente e o perfil do alunado.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALB – Academia de Letras da Bahia

APEB – Arquivo Público da Bahia

BPEB – Biblioteca Pública do Estado da Bahia

CEB – Colégio Estadual da Bahia - Central

CEDIC – Fundação Clemente Mariani – Centro de Documentação

GB – Ginásio da Bahia

GBP - Grêmio Beneficente do Professorado Baiano

IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

IOES – Instituto Oficial de Ensino Secundário

LPB – Liceu Provincial da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Convento da Palma, edifício onde funcionou o GB em seus primeiros anos	23
Figura 2 – Edifício do Ginásio da Bahia em 1900	40
Figura 3 - Edifício do Ginásio da Bahia em 1903	43
Figura 4 – Estandarte do Colégio Estadual da Bahia	47
Figura 5 – Gabinete Antropométrico do Ginásio da Bahia	58
Figura 6 – Ginásio da Bahia no “Dia da Raça”	60
Figura 7 – Congregação do Ginásio da Bahia em 1916	64
Figura 8 – Francisco da Conceição Menezes e Gelásio de Abreu Farias	74
Figura 9 – Congregação do Ginásio da Bahia em 1935	75
Figura 10 – Alunas do Ginásio da Bahia e Conceição Menezes	76
Figura 11 – Alunas do Ginásio da Bahia	113
Figura 12 – Discentes do Ginásio da Bahia em dia de desfile com suas bicicletas	115
Figura 13 – Discentes do Ginásio da Bahia em 1906, a esquerda Manoel Devoto	119
Figura 14 – Alunos no Gabinete Antropométrico (sem data)	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Horário do primeiro ano do GB em 1900	49
Quadro 2 – Bibliografia indicada pelo Ginásio Nacional em 1898	50
Quadro 3 – Carga horária do curso jurídico do GB em 1936	52
Quadro 4 - O julgamento do candidato dr. Deraldo Dias	62
Quadro 5 - Ingresso de docentes no Ginásio da Bahia	66
Quadro 6 - Formação acadêmica dos docentes (total)	67
Quadro 7 - Formação acadêmica (com dados)	67
Quadro 8 - Número de docentes de cada categoria ingressos por período	69
Quadro 9 - Número de professores de cada categoria X Formação acadêmica (total)	70
Quadro 10 - Número de professores de cada categoria X Formação acadêmica (com dados)	70
Quadro 11 – Composição, segundo o gênero, do corpo docente	81
Quadro 12 – Ingresso, segundo o gênero, de docentes no GB	82
Quadro 13 – Categorias dos docentes, segundo o gênero (total)	83
Quadro 14 - Categorias dos docentes, segundo o gênero (com dados)	84
Quadro 15 - Formação acadêmica dos docentes, segundo o gênero (total)	84
Quadro 16 - Formação acadêmica dos docentes , segundo o gênero (com dados)	85
Quadro 17 - Variação salarial	90
Quadro 18 - Vencimentos funcionalismo publico baiano X vencimentos docentes GB	91
Quadro 19 - Aspectos e variáveis analisados no Cap. 3	96
Quadro 20 - Regiões e áreas dos endereços dos discentes	97
Quadro 21 - Endereços dos discentes (total)	98
Quadro 22 - Endereços dos discentes (com dados)	98
Quadro 23 - Profissão do pai (total)	99

Quadro 24 - Profissão do pai (com dados)	99
Quadro 25 - Variação da taxa de matrícula	100
Quadro 26 - Taxas de matrículas X vencimentos dos funcionários	101
Quadro 27 - Isenção de taxa de matrícula (total)	101
Quadro 28 - Isenção de taxa de matrícula (com dados)	102
Quadro 29 - Instituição de origem (total)	102
Quadro 30 - Instituição de origem (com dados)	103
Quadro 31 - Instituição do exame de admissão (total)	104
Quadro 32 - Instituição do exame de admissão (com dados)	104
Quadro 33 - Resultados exame de admissão em 1941	106
Quadro 34- Candidatos não eliminados	107
Quadro 35 - Ingresso de discentes do GB na Universidade	109
Quadro 36 - Permanência dos discentes no GB	109
Quadro 37 - Nacionalidade dos discentes do GB	110
Quadro 38 - Naturalidade dos discentes do GB (total)	110
Quadro 39 - Naturalidade dos discentes do GB (com dados)	110
Quadro 40 - Matrículas discentes do GB por gênero	114
Quadro 41 – Composição, segundo o gênero, do corpo discente	114
Quadro 42 – Composição, segundo a cor, do corpo discente (total)	116
Quadro 43 - Composição, segundo a cor, do corpo discente (com dados)	117
Quadro 44 – Cor população escolar segundo Donald Pierson em 1936	118
Quadro 45 - Cor x Gênero (1936 - 1937)	120
Quadro 46 - Cor x Gênero (1940 - 1942)	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ingresso de docentes no GB	66
Gráfico 2 – Formação acadêmica dos docentes do GB	68
Gráfico 3 – Composição, segundo o gênero, do corpo docente do GB	81
Gráfico 4 – Ingresso, segundo o gênero, de docentes no GB	83
Gráfico 5 – Categoria do docente X Gênero	84
Gráfico 6 – Regiões dos endereços dos discentes	98
Gráfico 7 – Isenção de taxa de matrícula	102
Gráfico 8 – Composição, segundo o gênero, do corpo discente do GB	114
Gráfico 9 – Composição, segundo a cor, do corpo discente do GB	117
Gráfico 10 – Cor x Gênero (1940 - 1942)	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A Aula de Alemão	16
-------------------------------------	----

⇒ **CAPÍTULO I**

1 “Em teu seio, cenáculo do estudo, aprendemos imersos em luz”: aspectos do cardápio do banquete	20
◦ 1.1 Transformando súditos em cidadãos: o Ginásio da Bahia e o panorama educacional republicano	20
1.2 Estudando instituições educacionais sob uma perspectiva historiográfica	35
1.3 O serviço do banquete: prédio, hino e estandarte	38
1.3.1 “Um templo digno da sciencia e das letras”: o edificio do Ginásio da Bahia	38
1.3.2 Hino e estandarte	44
1.4 Pratos que se servem: horário de aulas e conteúdos programáticos	48
1.5 Os bons modos à mesa	53
1.5.1 (In) disciplina	54
◦ 1.5.2 O controle dos corpos: o Gabinete Antropométrico	56

⇒ **CAPÍTULO II**

2 “Do teu peito o saber se irradia”: os promotores do banquete	61
2.1 Ritos de entrada, formação acadêmica, contratados e concursados	61
◦ 2.2 As cores do saber	71
2.3 O mundo masculino do saber – professoras e professores do Ginásio da Bahia	77
2.4 Posturas políticas e práticas pedagógicas	85
2.5 Salários e sobrevivência	89
2.6 Ritos de partida	92

CAPÍTULO III

3 “Mocidade do Ginásio da Bahia”: considerações sobre as convidadas e convidados do banquete	95
---	-----------

CONCLUSÃO: A prova de física	124
-------------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	128
--------------------	------------

APÊNDICES

APÊNDICE A - Perfil profissional dos docentes do Ginásio da Bahia	136
APÊNDICE B - Teses dos docentes do Ginásio da Bahia	147
APÊNDICE C - Diretores do Ginásio da Bahia	156
APÊNDICE D - Entrevistados	158

ANEXOS

ANEXO A - Programa de Literatura do curso Jurídico do Ginásio da Bahia de 1936	159
ANEXO B - Fichas do Gabinete Antropométrico do Ginásio da Bahia de 1935	164
ANEXO C - Fontes Documentais	169

O SINO

*“Tem sua
história interessante
o sino de bronze,
que ainda hoje,
na parte posterior
do edifício principal do Gymnasio,
no alto, bem ao centro, convoca
os mestres e os discípulos para
o banquete espiritual da instrução.”*

(Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial na Bahia.1837 - 1937. p. 120)

INTRODUÇÃO

A aula de alemão

O jornal *Correio de Notícias*, em 30 de março de 1900, trouxe a seguinte matéria sobre o Ginásio da Bahia¹:

Hontem, no meio dia, por ocasião de abrir a aula superior de lingua Alleman, frequentada pelos bacharelados em Lettras e Sciencias, o cathedrático da referida disciplina, dr. Egas Momiz de Aragão, proferiu no sonoro idioma de Goethe e Wieland um discurso analogo ao acto, que vae ser publicado em folhetos.

Convém notar que esta é a primeira vez que no Brazil, em estabelecimento desta ordem se pronuncia um discurso em lingua estrangeira, o que é bem digno de exemplo, maxime quando o espirito da ultima reforma gymnasial exige que o lente se dirija aos alumnos na lingua lecionada.

Aula de alemão, em plena Salvador de índices significativamente baixos, no que diz respeito à educação formal, em todos os níveis, indica-nos uma educação de excelência para poucos. Assim se nos afigura o Ginásio da Bahia, educandário público, símbolo do Estado.

Os ecos desta e de tantas outras aulas ainda se fazem presentes no Colégio Estadual da Bahia – Central. A referida instituição, que acaba de completar 167 anos de existência, permanece, de certa forma, envolta em um verdadeiro mito, enquanto referencial significativo para a vida intelectual de Salvador. Atravessando uma das mais sérias crises pelas quais já passou, este educandário vive a premente necessidade de levantar novas frentes de trabalho para a construção de uma realidade pedagógica mais orgânica. Desta constatação, emergiu nosso interesse em realizar um estudo de cunho histórico, que pudesse servir como mais um instrumental para a sua reestruturação.

¹ A grafia original é *Gymnasio da Bahia*. A partir de 1931, e com mais frequência após 1936, os documentos encontrados vão apresentar a grafia pela qual optamos nesta dissertação, qual seja, *Ginásio da Bahia*.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um conjunto de aspectos relativos ao Ginásio da Bahia, mais importante dentre as instituições educacionais públicas baianas, durante a primeira metade do século XX (1895 a 1942) e sua relação com o contexto social, político e cultural da República, particularmente em Salvador.

Aceitando o convite do Prof. Egas Moniz Barreto de Aragão, e de todos aqueles que construíram a história do Ginásio, sentamo-nos à *mesa do banquete*. As *iguarias* oferecidas não foram servidas apenas aos *convidados* da época. Ainda hoje constituem um convite à reflexão, em especial para os que lidam com a educação pública em condições tão desfavoráveis quanto as atuais.

Para a realizar esta dissertação, contamos com dificuldades de ordem teórica, considerando ser ainda escassa a produção acadêmica dedicada às instituições educacionais. A maioria dos estudos na área da história da educação, até pouco tempo, era produzida por pedagogos, uma vez que era raro o interesse de historiadores pelo tema. Esses estudos², em verdade, constituem uma primeira contribuição para a referida discussão, e aos quais se deve creditar a devida importância, visto que sem os mesmos o debate teria sido abandonado.

Nas duas últimas décadas do século XX, configurando uma nova tendência da produção historiográfica, historiadores de formação, mais acostumados às lides com as fontes documentais, partindo de novos enfoques, inauguraram uma produção orientada pela perspectiva da história - problema, herança da Escola dos Annales. Constituiu-se entre as vertentes desta nova-história da educação uma vertente dedicada aos educandários caracterizada por uma ênfase na trajetória e características particulares de instituições educacionais específicas e por uma certa rejeição às estruturas preferidas pelos pedagogos.

²Dentre esses estudos intitulados "História da Educação", destacamos os trabalhos de Otaíza de Oliveira Romanelli, Maria Lúcia de Arruda Aranha, Mario Alighiero Manacorda, Maria Luíza Santos Ribeiro, Thomas Ransom Giles e Paulo Ghiraldelli Jr.

As fontes utilizadas neste estudo incluem regulamentos, relatórios anuais, processos disciplinares, folhas de pagamento, listagens e pastas individuais dos alunos, teses de concurso para professores, memórias do educandário, artigos de cunho biográfico, fotografias, entrevistas com ex-alunos e jornais da época.

A dissertação está dividida em três capítulos, acrescidos de breve introdução e conclusão, dos quais destacamos, sucintamente, os principais aspectos abordados. O primeiro capítulo, intitulado “*Em teu seio, cenáculo do estudo, aprendemos imersos em luz*”, verso do hino do Ginásio da Bahia, objetiva situar o Ginásio na história da educação brasileira, focalizando as especificidades de sua trajetória. Nele analisamos aspectos curriculares, disciplinares, símbolos da instituição (prédio, hino, e estandarte) e em que medida, estes revelavam o projeto educacional ali posto em prática.

O segundo capítulo “*Do teu peito o saber se irradia*”: *os promotores do banquete*, trata do corpo docente do GB. Procuramos construir um quadro da sua formação intelectual, sua práxis pedagógica e inserção noutras instituições soteropolitanas. Questões tais como salários, constituição deste corpo docente enquanto categoria profissional, elementos relativos às relações raciais e de gênero no universo dos professores, também nos interessam neste capítulo. Conquanto se possa identificar uma elite de mestres catedráticos que compunha a congregação do Ginásio, o conjunto das atividades do educandário dependia de um diversificado corpo docente, muito mais amplo do que o grupo de maior prestígio no GB e na cidade de Salvador como um todo.

No terceiro capítulo, intitulado *Mocidade do Ginásio da Bahia: considerações sobre as convidadas e convidados do banquete*, analisamos a composição do corpo discente do Ginásio quanto ao seu perfil sócio-econômico, cor, gênero, permanência na instituição e representações de vivências da época. Para processar a referida análise, construímos um banco de dados, utilizando como fonte documental uma série de 281 pastas, contendo

registros sobre os discentes da instituição. Para uma melhor compreensão do processo, estabelecemos um diálogo entre os resultados obtidos e o conteúdo de entrevistas de ex-alunos, notícias de jornais e dados de outros trabalhos, enfocando a população escolar de Salvador.

Muito ficou a ser feito. Não pesquisamos as relações que se estabeleceram com os servidores do Ginásio da Bahia, a Biblioteca do Educandário, o conteúdo das teses de concurso dos docentes e sua produção acadêmica e literária. Também não pudemos nos dedicar à trajetória dos ex-alunos na cena cultural soteropolitana, em especial, as ex-alunas que vieram a constituir uma elite intelectual feminina. Limitações de diversas ordens, incluindo as relativas ao tempo despendido na coleta e organização das fontes, contribuíram para isto. Os aspectos não abordados aqui, quem sabe, serão tema de um próximo estudo.

CAPÍTULO I

1 “Em teu seio, cenáculo do estudo, aprendemos imersos em luz”: aspectos do *cardápio do banquete*

*Em teu seio – cenáculo do Estudo –
Aprendemos – imersos em luz –
Artes, letras, sciencias e tudo,
Que a suprema Belleza produz!*

Estrilho do Hino do Ginásio da Bahia, 1935

Adentramos ao Ginásio da Bahia, alertados pelos ecos do sino centenário, em busca de repostas aos nossos questionamentos. Que educação fora ministrada naquele espaço escolar? Que conteúdos foram ofertados àquele alunado? Que símbolos compuseram a representação do Ginásio e quais os seus conteúdos ideológicos? Esta educação poderia ser, realmente, considerada como um banquete?

Neste primeiro capítulo, temos por objetivo, analisar alguns aspectos do banquete espiritual da instrução, ou seja, tratar da educação ofertada pelo GB aos seus estudantes. Optamos por iniciar contextualizando a instituição, no panorama educacional republicano, estabelecendo, para tanto, um diálogo entre a história do Ginásio e as idéias educacionais que vigoraram durante a sua existência.

1.1 “Transformando súditos em cidadãos”: o Ginásio da Bahia e o panorama educacional republicano

Se durante o Império a necessidade de legitimação da Monarquia “levou intelectuais e homens de Estado a formularem um projeto político civilizatório de Nação, comprometido com o perfil identitário branco-europeu idealizado para os trópicos”, a República

“representou o sentimento estético de crítica intelectual à ordem monárquica, retomando o discurso do progresso revitalizado pelas discussões em torno de novas atitudes civilizatórias”. (ANDRADE, 1999, p.1). Os projetos educacionais seguem as mesmas utopias e trajetórias da jovem república, tendo como fundamento a crença na evolução cultural, encaminhando-se no sentido do ideal de progresso veiculado na época. Na expressão de Cristian Topalov, “para os republicanos o analfabetismo e a falta de escolas, e como consequência a existência de um povo inculto, perigoso e inexpressivo eram as principais causas do atraso do país e não consequências de uma sociedade excludente.” A construção da nação civilizada seria propiciada pela superação do analfabetismo, da corrupção, dos costumes tidos por bárbaros e inferiores. (LUZ, 2000, p.4).

A idéia predominante de educação na República brasileira, tinha vindo da Europa com o projeto civilizador incorporado pelo império. A importância conferida à instrução pública tem sua gênese na Terceira República Francesa. De acordo com Vera Cabana Andrade (1999, p. 50) na França como no Brasil, “a finalidade da escola [...] pautada pela ‘pedagogia do cidadão’ era desenvolver a moral e as virtudes cívicas, prioridades educacionais de um novo país livre e voltado para a modernização [...] No imaginário republicano, a escola foi o signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o progresso”. A escola emerge, pois, como o grande instrumento para converter os súditos em cidadãos, “redimindo os homens de seu duplo pecado histórico; a ignorância, miséria moral e a opressão, miséria política.” (ZANOTTI, 1972 apud SAVIANI, 1986, p.10)

Instaurado o novo paradigma de progresso, torna-se visível a inadequação da população pobre em geral, em especial de ex-escravos, considerados perigosos para o trabalho e à cidadania. Este é o contexto do incentivo à imigração européia, que deveria substituir os trabalhadores brasileiros. Na formulação de Andrade,

Tal como o discurso fundador do império elegeu o índio como imagem romântica da brasilidade e considerou o negro como “inimigo” e as resistências culturais afro-brasileiras como entraves ao projeto civilizatório, as políticas públicas republicanas de branqueamento e eugenia qualificaram a

herança negra como fator de degeneração da raça e da civilização. (ANDRADE, 1999, p.142).

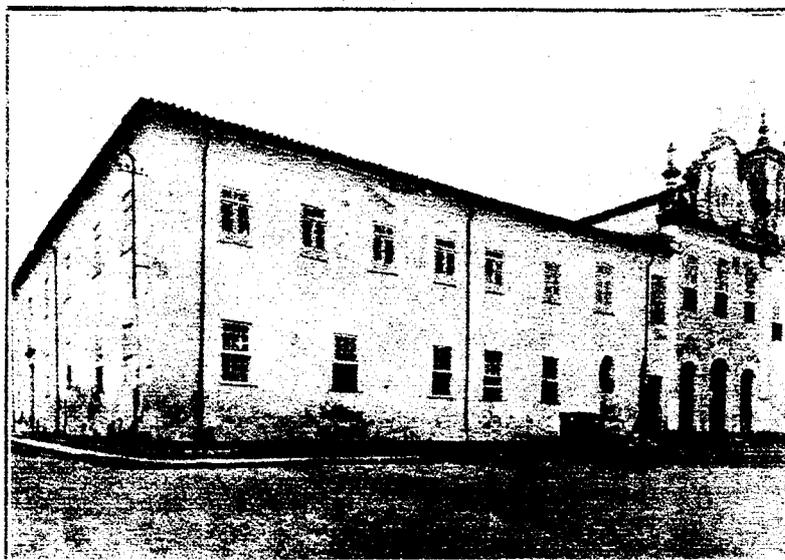
E para melhor realizar a proposta eugenista, forma, implementou-se um projeto de higienização intensivo, cujo discurso negava, em verdade, a própria a existência do povo.

A erradicação das doenças infecto-contagiosas e das endemias assumia feições de uma cruzada, que tinham por meta impossibilitar a implantação de um sistema de trabalho eficiente, produtivo, dentro dos parâmetros exigidos pela economia de mercado. Reabilitar e valorizar o brasileiro, ou melhor, discipliná-lo, adestrá-lo moraliza-lo para transformá-lo em agente capaz de concretizar as inúmeras potencialidades da terra, esse o ideal apregoado pelos apóstolos do discurso higienizador. (LUCA, 1999 apud LUZ, 2000, p.4).

Tanto as políticas de urbanização e saneamento quanto as reformas educacionais estavam associadas aos novos valores nacionais e à emergente concepção de cidadão. Este é, em linhas gerais, o contexto ideológico no qual foi criado o Educandário, objeto deste estudo.

A instituição que viria a se tornar o Ginásio da Bahia e que figurou entre os poucos colégios secundários oficiais públicos do Estado, juntamente com o Instituto Central de Educação Isaias Alves – ICEIA e duas escolas normais rurais, uma em Caetitê, outra em Feira de Santana (BOAVENTURA, 1977, p.152), recebeu, inicialmente, a denominação de Liceu Provincial da Bahia. Este foi criado pela Lei n. 33, de 9 de março de 1836, votada pela Assembléia Provincial e sancionada pelo decreto do Vice - Presidente, o Desembargador Joaquim Marcelino de Brito. A partir de 7 de setembro de 1837, passou a funcionar no Convento dos Frades Agostinianos, hoje Universidade Católica do Salvador-UCSal, na Palma.³

³ O Lyceu Provincial da Bahia é tema da dissertação de mestrado intitulada Origem da Política Pública do Ensino Secundário na Bahia, de Sara Martha Dick, defendida em 1992 na FAGED, UFBA.



Edifício em que funcionaram o Lyceu Provincial, o Instituto Official de Ensino Secundário e o Gymnasio da Bahia em seus primeiros annos

Figura 1: Convento da Palma, edifício onde funcionou o GB em seus primeiros anos

Por ato de 23 de outubro de 1890, o primeiro vice-governador do Estado da Bahia, Virgílio Clímaco Damásio, reformou o ensino, e o Liceu passa a se chamar Instituto Official de Ensino Secundário. Em 1895, com a Lei n. 117, de 24 de agosto, sancionada pelo Governador do Estado, Joaquim Manuel Rodrigues Lima, o ensino público ganhou uma nova organização, sendo extinto o Instituto Official do Ensino Secundário, criando-se, em seu lugar, o Ginásio da Bahia. (BOCCANERA JÚNIOR, 1926, p.293; MATTA, 1994, p. 218).

A Lei 117, criadora do Ginásio da Bahia, demonstra a influência centralizadora de Satyro Dias, para quem a educação deveria ficar a cargo do Governo do estado, com o governador na direção máxima da administração educacional, auxiliado por seu delegado mais imediato, o Diretor Geral da Instrução.

Promover e aperfeiçoar o “o desenvolvimento físico, intelectual e moral do individuo, dando-se uma educação integral que o habilite a bem servir à família e à sociedade”

seria o principal objetivo da educação, assim como a criação, organização e manutenção de instituições que a promovessem e aperfeiçoassem. (TAVARES, 1968, p. 42-43).

A referida lei prescrevia uma educação humanista⁴, para os educandários baianos, o que não se afastava do quadro tradicional. O aluno que completasse sete anos de Ginásio recebia o grau de Bacharel em Letras e Ciências⁵, adquirindo, assim, direito à matrícula nas escolas de nível superior e preferência nas nomeações para o magistério nos estabelecimentos de instrução secundária.

Analisemos alguns trechos da lei :

“Art. 1º O Ensino Público no Estado da Bahia tem por objetivo a criação, organização e manutenção de instituições que promovam e aperfeiçoem o desenvolvimento físico, intelectual e moral do indivíduo, dando-lhe uma educação integral, que o habilite a bem servir à família e à sociedade.

Art. 2º Dividir-se-á em ensino primário, secundário, profissional e superior.

Art. 3º É livre o exercício de qualquer dos ramos do ensino, e leigo o que for ministrado pelos estabelecimentos do Estado ou do Município.

O disposto na 1ª parte do presente artigo fica dependente das condições de moralidade, higiene e estatística, definidas n'esta lei e nos regulamentos complementares.

Estes primeiros artigos indicam-nos as reformulações estabelecidas pelo paradigma republicano e incorporadas pela legislação, no sentido de legitimar e normatizar o processo educacional formal, de acordo com as orientações republicanas mencionadas anteriormente.

Para servir de modelo às instituições congêneres que o Estado e os municípios viessem a criar, o art. 31 da Lei 117 estabelece, na medida do possível, a vinculação ao plano e aos

⁴ É importante, aqui, fazer algumas considerações a respeito da concepção humanista, apontada como orientadora da educação ministrada no Ginásio da Bahia. O referencial cronológico do termo Humanismo é a Idade Moderna. Etimologicamente, o termo vem do ciceroniano “humanitas”, que significa “erudição” e “cultura”, mas também “comportamento correto e civil” (Cícero, *De Oratore*) e “dignidade” (Cícero, *De Officiis*). Os termos “studia humanitatis” ou “humanae litterae” significavam, exatamente, o estudo das obras dos antigos com a finalidade de formar-se o estilo “humanista” de falar, escrever e também viver. Historicamente, Humanismo descreve-se como um movimento cultural que, voltando-se para os grandes autores da cultura clássica, grega e romana, de uma parte, visa imitar as formas literárias e artísticas deles e, de outra parte, tende a descobrir e apropriar-se dos conteúdos e valores humanos transmitidos por estes modelos. (NOGARE, 1983; 56).

⁵ O art. 42, da Lei 117, criadora do Ginásio, indica-nos, que no ato solene da colação de grau, o aluno poderia fazer uso de um anel que lhe seria entregue no referido ato. (FARIAS; MENEZES, 1937, p. 26)

programas de ensino do Ginásio Nacional⁶, (outra denominação do Colégio Pedro II) e garante para os alunos aprovados nos exames do Ginásio da Bahia, a matrícula em cursos superiores da República.

Para o Ginásio da Bahia, o Art 32 da referida lei indica as seguintes disciplinas: Língua portuguesa, latim, grego, francês, inglês, alemão, matemática elementar, história universal, geografia, corografia e história do Brasil, biologia (compreendendo a história natural descritiva e a geologia), física, química, mineralogia e meteorologia, mecânica e astronomia, geometria geral, cálculo, geometria descritiva, literatura nacional e comparada, sociologia, moral, psicologia, lógica, economia política, estatística, direito pátrio. Prescreve também a existência de professores para as aulas de desenho, música, ginástica, esgrima, natação e exercícios militares. A respeito dessas disciplinas, Luís Henrique Dias Tavares (1968, p.46) descreve:

Essas matérias estavam distribuídas, do primeiro ao sétimo ano, em programas de círculo concêntrico, os conhecimentos ampliados até alcançar o nível da prova de madureza, que constava de exames orais e escritos, feitos no final do curso. Além dele, dois outros exames, o de suficiência (provas orais para os alunos que continuavam o estudo da matéria em grau superior) e o final (escritas e orais após o estudo de cada matéria), permitiam verificação da aprendizagem.

Valemo-nos de um outro comentário de Tavares (1968, p.45-46) sobre este último artigo da Lei 117:

Concluía-se, desse modo, velha reivindicação dos diretores do antigo Liceu Provincial, mestres que passaram boa parte do Império solicitando para o educandário oficial a condição de preparatório para as escolas de Direito e Medicina. Esperava-se, aliás – como escrevia o Conselheiro Luis Vianna – que essa situação acabasse com o ‘pernicioso regime dos exames gerais preparatórios’ e desse estímulo, desde quando o diplomado pelo Ginásio da Bahia passava a ter privilégio ou preferência em certos ramos da boa atividade social.

⁶ Sabemos através das *Memórias Históricas*, obra da autoria dos Profs. Gelásio de Farias e Conceição Menezes, que o Ginásio da Bahia sofrera inicialmente uma resistência por parte do Ginásio Nacional, no que se refere à dita equiparação. (FARIAS; MENEZES, 1937, p. 204)

Encontram-se neste texto, as circunstâncias da formação dos que, uma vez concluído o curso, passam a compor uma elite que atravessará os portões do Ginásio para integrar importantes quadros intelectuais e políticos da sociedade baiana.

Estes bacharéis, graduados pelo GB, visibilizavam um dos fenômenos mais característicos do ensino secundário no início do século XX, o chamado bacharelismo. Nas palavras de Leôncio Basbaum, (apud RIBEIRO, 2000, p.89) “ser doutor era, senão um meio de enriquecer, certamente uma forma de ascender socialmente. Ao doutor abriam-se todas as portas, e, principalmente, os melhores cargos no funcionalismo. Éramos um país de doutores e analfabetos” [...].

Neste quadro educacional polarizado, uma instituição se manteve como signo da instrução no Brasil - o Ginásio Nacional. Vera Cabana Andrade nos indica, em sua tese de doutorado, *O Colégio Pedro II: Um Lugar de Memória*, que o Imperial Colégio Pedro Segundo foi fundado em homenagem ao Imperador-Menino, quando do seu décimo-segundo aniversário, a 2 de dezembro de 1837. Segundo Andrade, “Criado para ser o modelo da instrução secundária oficial do Município da Corte e das províncias, o Imperial Colégio Pedro II foi um dos instrumentos do projeto civilizatório da monarquia, sendo o ensino das humanidades o paradigma da formação da nação brasileira, de perfil branco de origem européia.”(ANDRADE, 1999, p.14). Neste projeto, prevalece o saber erudito, enciclopédico e bacharelesco que vai formar grande parte das elites condutoras dos destinos do país. Posteriormente, o Pedro II passou à formação de quadros do funcionalismo público, de gerência dos setores secundários, terciários e militares.

Representado por um corpo docente titulado, concursado e nomeado pelo Governo por dez anos (o que na prática não ocorreu, uma vez que os catedráticos continuaram na vitaliciedade do cargo), de peso intelectual reconhecido pela sociedade, e por um corpo discente selecionado pelos exames de admissão e promocionais exigidos ao longo do curso, o Colégio Pedro II, que se manteve nas esferas das elites culturais até o início da década de 30, teve a sua natureza

verdadeiramente alterada, com a entrada maciça de alunos, de ambos os sexos, das camadas médias urbanas menos favorecidas. (ANDRADE, 1999, p.84).

O Colégio Pedro II⁷ foi adotado, enquanto modelo, em várias partes do Brasil. No que se refere à equiparação de instituições educacionais, em relação ao referido educandário, menciona Vera Cabana Andrade (1999, p.67): “Ginásio Mineiro, Internato e Externato, e Liceu Paraense, em 1892; Ginásio Amazonense e Liceu Cearense, em 1894. No ano seguinte, sucessivamente, Instituto Benjamin Constant de Pernambuco, Liceu Maranhense, Liceu Paraibano, Ginásio da Bahia e Ginásio São Paulo, além do Instituto Kopke, Colégio Particular de Petrópolis”.

A partir de 1904, mantendo-se a elitização como uma característica marcante, estabeleceu-se em âmbito nacional “uma ampliação no ensino secundário na rede particular, pois na pública houve um pequeno aumento com relação ao pessoal docente e diminuição quanto às escolas e à matrícula”. Tal cenário irá impulsionar o estabelecimento das reformas educacionais dos anos 1910. A Reforma Rivadávia Corrêa, de 1911, que facultava total liberdade e autonomia aos estabelecimentos e suprimia o caráter oficial do ensino, acabou gerando resultados desastrosos. A reforma Carlos Maximiliano, de 1915, num retorno à tradição, “reoficializou o ensino, reformulou o Colégio Pedro II e regulamentou o ingresso nas escolas superiores”.(ROMANELLI, 1991, p.43).

Em função destas reformas, ocorrerão alterações no Ginásio da Bahia. Em 1911, foi cancelada a equiparação de vários institutos de ensino secundário, tanto oficiais quanto particulares, inclusive o GB, em relação ao Colégio Pedro II. Em 1915, pelo decreto 11.530 o Ginásio e os demais estabelecimentos secundaristas foram reequiparados ao Colégio Pedro II. (NUNES, 2001, p.232).

⁷ Em atendimento ao princípio federativo, no período de 1892 a 1895, vários colégios da Capital e dos Estados foram equiparados ao Ginásio Nacional do Rio de Janeiro.

As reformas de ensino de 1911, 1915 e 1925 (Luis Alves/ Rocha Vaz), representam tentativas mal-sucedidas de sanar o quadro de crise do ensino secundário. Segundo Maria Luisa Santos Ribeiro (2000, p.88), em 1904, já se declarava a decadência deste ensino:

De fato, o ensino desceu até onde podia descer: não se fazia mais questão de aprender ou de ensinar, porque só duas preocupações existiam, a dos pais querendo que os filhos completassem o curso secundário no menor espaço de tempo possível e a dos ginásios na ambição mercantil estabelecendo-se as duas fórmulas: bacharel quanto antes; dinheiro quanto mais.

Nos anos 1920, diversas reformas pedagógicas, baseadas em idéias escolanovistas, são promovidas antes mesmo do ideário da Escola Nova ser bem conhecido. Entre seus autores, encontram-se Lourenço Filho (Ceará, 1923), Anísio Teixeira (Bahia, 1925), Francisco Campos e Mario Casassanta (Minas Gerais, 1927), Fernando de Azevedo (Distrito Federal, 1926), Carneiro Leão (Pernambuco, 1928). (ARANHA, 2000, p.200). Francisco Campos assume o Ministério da Educação e Saúde, recém-criado pelo governo provisório de Getúlio Vargas, e imprime uma tendência renovadora nos diversos decretos de 1931 e 1932. Pela primeira vez, uma ação planejada visa a organização nacional do ensino secundário e do comercial, do regime universitário, a criação do Conselho Nacional de Educação e a organização da Universidade do Rio de Janeiro.

Quanto ao novo estatuto das universidades brasileiras, os decretos que efetivam a reforma Francisco Campos propõem a incorporação de pelo menos três institutos de ensino superior, incluídos os de Direito, de Medicina e de Engenharia ou, ao invés de um deles, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras. Esta última, evidentemente, se volta para a premente necessidade de formação do magistério secundário.

Tentando evitar que o ensino secundário permanecesse propedêutico, este foi estruturado em dois ciclos, um fundamental, de cinco anos, e outro complementar, de dois anos, este último visando à preparação para o curso superior. Com isto, pretendia-se evitar que o ensino secundário permanecesse, como antes, descuidando-se da formação geral do aluno. Entretanto, o

caráter seletivo e elitizante continua, pela desvinculação entre o curso secundário e o curso comercial. Todas as escolas se equiparam ao Colégio Pedro II, até então considerado modelo, sendo “estabelecidas normas de admissão de professores e formas de inspeção do ensino ministrado”.(ARANHA, 2000, p.200-201).

Reagindo às diretrizes da Reforma Francisco Campos, a 16 de Janeiro de 1932, o Dr. Gelásio Farias, remeteu ao Governo do Estado o relatório da sua gestão no ano de 1931, publicado sob o título de “A reforma do ensino secundário” pelo vespertino *A Tarde*.

As considerações do Prof. Gelásio, na condição de Diretor, “de um dos institutos de ensino de maior tradição do País” (segundo suas próprias palavras), residiam sob pontos essenciais para o funcionamento do Ginásio da Bahia, tais como: a) “criação de um curso complementar facultativo de dois anos, para a frequência posterior ao curso fundamental obrigatório de cinco anos”⁸; b) “a extinção, pelo silêncio, do bacharelado em ciencias e letras”⁹ ; c) “cessação das prerrogativas dos professores cathedaticos dos gymnasios equiparados, quanto à elaboração do programma das respectivas cadeiras, os quaes passam a ser feitos no Collegio Pedro II”; d) “a determinação do julgamento em conjuncto, mediante o preenchimento de duas condições (a nota 8, ou maior, em cada disciplina, junta à média 5 ou maior, no total das disciplinas)”; e) “a introdução, na 1ª série, dos estudos de História da civilização e Ciencias Physicas e Naturaes, com o complemento da Musica”; f) – “a collocação do latim na 4ª. série e o começo do seu estudo pela métrica de Ovídio e de Phaedro”; g) constituição da banca examinadora de admissão por três professores, que em aviso posterior determinou que fossem de preferência os das respectivas cadeiras.

⁸ Este curso passaria a ser instituído a partir de 1936, trazendo um complexo programa do qual nos ocuparemos em ítem posterior neste mesmo capítulo.

⁹ É interessante notar os desdobramentos desta medida. Após a extinção, ocorrerá uma queda no número de alunas matriculadas no Ginásio, uma vez que, como nos indica as Memórias, as alunas esposavam, como único objetivo, ao extrair o diploma de bacharel, o exercício do magistério em estabelecimentos de ensino particular.

Quanto ao cancelamento das prerrogativas dos catedráticos de elaborarem os programas de suas disciplinas, Gelásio de Farias e Francisco da Conceição Menezes (1937, p.330-331) o qualificam como

uma “capitis diminutio” para esses assíduos e modestos colaboradores da grandeza da Republica, os quaes mais uma vez voltam a perder a sua conquistada autonomia didactica, sujeitando-se a programmas fartas vezes menos pedagógicos, quando não eivados de erros gravíssimos sempre assignalados sem eco e sem providencia, pelo facto de serem impostos pelo instituto padrão.

Farias e Menezes também criticaram a avaliação dos alunos, preconizada pela reforma, apontando, destarte, os erros da referida proposta

O julgamento em conjuncto afigura-se-nos também grandemente iníquo, produzindo dois absurdos: o 1.^o – o de ser o candidato approved em cada disciplina de per si e reprovado em todas no conjuncto, donde concluir-se que foi approved nas parcelas, mas o não foi na somma; o 2.^o – o de ser approved no conjuncto e o não ser em uma ou mais disciplinas, donde outro absurdo de ter sido approved na somma e o não ter sido em uma ou mais parcelas. (FARIAS; MENEZES, 1937, p.331).

Discordavam ainda, estes autores, da introdução dos estudos de História da Civilização, Ciências Físicas e Naturais e Música na primeira série, argumentando que estas representam “uma prejudicial sobrecarga, incompatível com o grau de desenvolvimento intellectual dos alumnos nessa idade, já sobrecarregados com os estudos, actualmente defficillimos” [...]

No que diz respeito à introdução do estudo de Latim na quarta série, o latinista experiente pergunta “No que tange à collocação do Latim na quarta série e começo do seu estudo pela métrica de Ovídio e de Phoedro, digam os technicos da materia se não é isso uma utopia semelhante a pretender pintar na areia? ”

Falemos um pouco do que concerne às relações sociais de gênero estabelecidas na instituição. O Ginásio da Bahia pode ser tomado como educandário de avançada conduta no que se refere à recepção de mulheres em seu quadro discente. A partir de 1900, passou a contar com

turmas de adolescentes de ambos os sexos. No Colégio Pedro II, nos indica Vera Cabana Andrade (1999, p.84)

A admissão regular de estudantes do sexo feminino chegou ao significativo número de seiscentas matrículas em 1936. Concebido como uma escola masculina desde a sua fundação, manteve o Colégio Pedro II esta concepção até 1926, quando o Diretor Geral do departamento de Ensino Rocha Vaz, interpretando liberalmente o decreto da reforma, resolveu permitir a matrícula da aluna Yvone Monteiro da Silva no Externato. Este precedente abriu caminho para o ingresso das meninas no Externato, mantendo-se o Internato exclusivamente para os meninos.

Gelásio de Abreu Farias e Francisco da Conceição Menezes (1937) informam que, em um período de 30 anos (1902 - 1932), de um total de 515 bacharéis graduados pelo Ginásio, 167 eram mulheres (32,4 %). Embora masculino, por excelência, no sentido de que preparava elites dirigentes eminentemente compostas por homens, o Ginásio, ao abrigar turmas mistas, representa um avanço no que diz respeito às relações sociais de gênero na educação secundária.

Com o Estado Novo, a juventude tornou-se a “estrela” da educação e dos caminhos da nação. No texto Constitucional de 1934, já se encontra o cuidado para com os filhos do operariado, em especial, tão amplamente difundido no governo de Vargas:

O Art. 130 O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais”.

É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público.

O Estado Novo cria suas estruturas específicas, fundadas num autoritarismo centralizante e populista (GILES, 1987, p.294). Nos artigos da Constituição que o inaugura em 1937, nota-se nitidamente o papel do Estado entusiasta de postulados fascistas, no que se refere à educação e à cultura:

Art. 131. A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

Art. 132. O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas associações civis, tendo umas e outras por fim organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficiais, assim como promover a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação.

Art. 133. O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.

Vozes dissonantes também foram ouvidas nessas primeiras décadas do século XX. Perspectivas diferentes trazem os anarquistas, herdeiros da tradição trazida pelos imigrantes italianos e espanhóis nas décadas de 1910 e 1920, que acreditavam que cabia à comunidade organizar a educação. Com base nesse pressuposto, Aranha (2000, p.199) destaca os anarquistas enquanto vigorosos críticos das instituições chanceladas pelo sistema convencional de educação e fundam “escolas operárias, também conhecidas como escolas modernas e escolas racionalistas, em quase todos os estados brasileiros”.

Entre seus representantes encontramos o teórico anarquista José Oiticica (1882-1957). Punido com o exílio, em decorrência do intenso ativismo político, o professor universitário, também lecionou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro; além da obra de cunho literário, escreveu poesias, contos, teatro e ocupou-se com importantes questões lingüístico-filológicas. Em 1925, num trabalho que visava a divulgação do anarquismo entre os trabalhadores, Oiticica formula a máxima: “A chave da educação burguesa é o preconceito”. Nesta mesma obra, comenta o pensador:

“O Estado, exatamente pelo mesmo processo usado com os soldados, vai gravando, à força de repetições, sem demonstrações ou com argumentos falsos, certas idéias capitais, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças, dos adolescentes, dos adultos. Essas idéias, *preconceitos*, vão se tornando, pouco a pouco, verdadeiros dogmas indiscutíveis, perfeitos *ídolos subjetivos*. (...) Essa idolatria embute no espírito infantil os chamados *deveres cívicos*: obediência às instituições, obediência às leis, obediência aos superiores hierárquicos, reconhecimento da propriedade particular, intangibilidade dos direitos adquiridos, amor da pátria até o sacrifício da vida, culto à bandeira,

exercício do voto, necessidade dos parlamentos, tribunais, força armada etc..” (Oiticica, José. *Doutrina anarquista ao alcance de todos.*) (ARANHA, 2000, p. 199-200).

Retornando ao nosso Ginásio soteropolitano, em 1936 é instituído *Programa do Curso Complementar do Gymnasio da Bahia*, pelo decreto n. 9.883, de 31 de Março de 1936, assinado por Gustavo Capanema. O programa estabelece a estrutura curricular dos cursos que passaram a existir no GB, encaminhando os estudantes da instituição para as três carreiras consideradas de elite naquele momento, quais sejam, Direito, Engenharia e Medicina.

O ano seguinte foi marcado pelas festividades relativas ao centenário do Ginásio. Muitos foram os eventos que compuseram o programa da semana comemorativa entre os quais a publicação das *Memórias do Ginásio*, apresentações artísticas e palestras. Dos artigos comemorativos destacamos o publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 24 de Outubro de 1937, intitulado “O Centenário do Gymnasio da Bahia”, no qual Alexandre Passos comenta os regulamentos pelos quais passou o Ginásio da Bahia, e faz um balanço da trajetória da instituição quanto às instalações, programa e qualidade de ensino ministrado:

O Gymnasio da Bahia tem sabido vencer todos estes óbices. As suas instalações materiaes têm sido melhoradas e ampliadas por quasi todas as administrações, a começar pela do Conselheiro Luiz Vianna, que lhe deu o predio principal, ainda hoje imponente e bastante conhecido por ser, há cerca de 40 annos, quando inaugurado, o de fachada mais original, reproduzida em livros escolares. Os seus programmas são bem elaborados, acatados e, às vezes, imitados, o que não deixa de ser digno de louvores. Falando do de Latim, disse o prof. Deraldo Dias: Não estarei em erro, dizendo que o nosso programma é o melhor dentre os de todos os Gymnasios do Brasil (O Discurso do Gymansio, 1929). Cerca de mil discentes frequentam as suas aulas. Além de cadeiras duplices, como as de Latim, Portuguez, Francez e outras, e do concurso de professores contractados para as turmas supplementares, existe, - e creio que continuará a existir, - a cadeira de Grego. Poderíamos resumir tudo isso na phrase: Os cem annos do Gymnasio da Bahia, transcorridos a 7 de Setembro deste anno, dignificam o Brasil.

Em 1937, impulsionados pela Reforma Francisco Campos, diplomaram-se no Brasil os primeiros professores licenciados para o ensino secundário. Diz Fernando Azevedo (apud ARANHA, 2000, p.201):

Com esse acontecimento inaugurou-se, de fato, uma nova era do ensino secundário, cujos quadros docentes, constituídos até então de egressos de outras profissões, autodidatas ou práticos experimentados no magistério, começaram a renovar e enriquecer-se ainda que lentamente, com especialistas formados nas faculdades de filosofia que, além do encargo da preparação cultural e científica, receberam por acréscimo o da formação pedagógica dos candidatos ao professorado do ensino secundário.

Com Gustavo Capanema, ministro de Getúlio Vargas, reformas do ensino são empreendidas, bem ao gosto dos postulados nazi-fascistas esposados pelo Estado Novo, sendo estas regulamentadas por diversos decretos-leis assinados de 1942 a 1946, denominados Leis Orgânicas do Ensino. A partir dessas reformas, o curso secundário é novamente reestruturado, passando a ser constituído pelo ginásio (em quatro anos) e o colegial (em três anos), este dividido em curso clássico (com predominância de humanidades) e científico.

Otaíza de Oliveira Romanelli (1991, p.157) aponta, como finalidades do ensino secundário estipuladas na Lei Orgânica do Ensino Secundário, temos: “proporcionar cultura geral e humanística; alimentar uma ideologia política definida em termos de patriotismo e nacionalismo de caráter fascista; proporcionar condições para o ingresso no curso superior; possibilitar a formação de lideranças.”

Nas palavras do próprio Gustavo Capanema:

O ensino secundário se destina à preparação das individualidades condutoras, isto é, dos homens que deverão assumir as responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação, dos homens portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habituais entre o povo (...)

O estabelecimento de ensino secundário tomará o cuidado especial na educação moral e cívica de seus alunos, buscando neles formar, como base do patriotismo, a compreensão da continuidade histórica do povo brasileiro, de seus problemas e desígnios, de sua missão em meio aos povos (art. 22) (...)

Deverão ser desenvolvidos nos adolescentes os elementos essenciais da moralidade: o espírito de disciplina, a dedicação aos ideais e a consciência da responsabilidade. Os responsáveis pela educação moral e cívica da adolescência terão ainda em mira que é finalidade do ensino secundário formar as

individualidades condutoras, pelo que força desenvolver nos alunos a capacidade de iniciativa e de decisão e todos os atributos fortes da vontade. (CAPANEMA, 1942 apud RIBEIRO, 2000).

E é justamente a Reforma Capanema de 1942 que alterará o nome do GB. Em 9 de abril de 1942, o Ginásio da Bahia passou a ter o nome de Colégio Estadual da Bahia (COSTA, 1971, p.67) abrigando inicialmente o Curso Colegial e o Ginásio, sendo este último posteriormente abolido.

1.2 Estudando instituições educacionais sob uma perspectiva historiográfica

As análises apontadas no item anterior deste capítulo expressam uma forma específica de encarar a história do Ginásio e a conjuntura educacional à qual este esteve relacionado. Um capítulo introduzindo características da instituição objeto desta dissertação e modos de abordá-la não poderia deixar de fazer referência às novas leituras da história das instituições educacionais. Estas privilegiam o exame das singularidades das instituições estudadas, (ao invés das análises macrossociológicas, predominantes nos cursos de pedagogia brasileiros, a partir centralmente de consulta bibliográfica, e em detrimento da pesquisa de fontes primárias). Na formulação de Justino de Magalhães trata-se agora de “uma abordagem que permita a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições educativas.” (MAGALHÃES, 1996 apud ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002, p.22). Noutras palavras a história das instituições educacionais vem abraçando como objetivo a percepção

dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, por meio da busca da apreensão ... daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer dos tempos. (ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002, p.20).

Neste ponto, é relevante chamar a atenção, para o fato de que há uma natural tendência, quando da emergência de uma nova corrente, de negação, por parte da mesma, de tudo o que foi produzido pelas anteriores. Acreditamos que a “natural” superação de determinadas análises por outras é extremamente benéfica, uma vez que enriquece a discussão acerca de um determinado tema. Entretanto, devemos registrar a contribuição dos pedagogos que se ocuparam da História da Educação no Brasil, de cunho mais generalizante, por manterem acesa a reflexão em momentos em que os historiadores não estavam voltados para objetos concernentes a este campo.

Importante contribuição para as novas abordagens na história da educação são os estudos de Décio Gatti Júnior e Ester Buffa, publicados na obra intitulada *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Em “História e Filosofia das Instituições Escolares”, Buffa (ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002, p. 23) ressalta a importância da investigação histórica de educandários como uma das formas de se estudar filosofia e história da educação brasileira, uma vez que “as instituições escolares estão impregnadas de valores e idéias educacionais”. Buffa e Gatti Junior propõem que os estabelecimentos escolares constituem o verdadeiro *locus* das marcas das políticas educacionais, contrapondo-se à produção intelectual de educadores brasileiros que privilegia a densidade teórica em detrimento do cotidiano escolar, ou incidem na polarização oposta, divorciando as duas etapas complementares da produção nesta área.

Décio Gatti Jr. destaca dois pólos irradiadores que serviram de inspiração para as novas tendências em história da educação. Inicialmente a França, no período do entre-guerras, com o surgimento da Escola dos Annales que rompe e supera os postulados da historiografia tradicional. E em seguida a Inglaterra onde historiadores se afastam do Partido Comunista Oficial, rompendo assim com o marxismo vulgar em meados dos anos de 1950. De acordo com Gatti Jr. (ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002, p.18),

Na França, no Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas, seção de História da Educação, alguns historiadores como André Chervel e Anne-Marie Chartier vêm constituindo sua obra em um campo historiográfico especializado na “história das disciplinas escolares”. Especialidade que encontra antecedentes nas obras sobre a escola de Jacques Ozouf e de François Furet, mas que nos aparece como novidade mais marcante desde o final dos anos de 1970.

No que diz respeito à Inglaterra, assinalou-se o surgimento de um novo campo de reflexões, chamado de “sociologia do currículo”. Sobre esta área recaiu a maior concentração de análises, em detrimento da história da educação, justamente por questionar as reais funções da escola na sociedade do capital.

No que se refere às categorias de análise, Ester Buffa (ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002, p.27) inspira-se em categorias propostas por André Petitat nos seus estudos sobre o surgimento dos colégios franceses no século XVI, propondo investigar “o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (os elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização do uso do tempo, a seleção de conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola”. Para a autora, tais categorias habilitam-nos a traçar “Um retrato da escola com seus atores”, além de aspectos organizacionais, o cotidiano e os rituais da instituição, sua cultura e o significado que tem na sociedade na qual está inserida.

Para investigações do campo atinente às institucionais encontramos um quadro conhecido entre os historiadores, caracterizado pelo mau estado de conservação das fontes, fruto do descaso para com a memória institucional. Apesar das várias dificuldades encontradas, inclusive no que tange à ausência de conjuntos documentais organizados, no Brasil, historiadores e educadores têm-se lançado à tarefa de construir interpretações acerca das instituições educativas espalhadas pelo Brasil. Desta perspectiva toda sorte de fontes, tais como atas, relatórios, livros de matrícula, livro de ouro, programas das disciplinas, fotografias, conteúdos

estudados, fichas de alunos, registros de professores, além da legislação, jornais da época, literatura pertinente e entrevistas com atuais ou ex-professores, diretores e alunos da escola, podem nos fornecer informações sobre diferentes aspectos de histórias institucionais. (ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002, p.28).

Em síntese, os pesquisadores devem investigar as particularidades de uma escola, de forma minuciosa, resgatando os mais diversos aspectos que lhe caracterizam. Uma vez realizada a análise, a partir desses dados, se faz necessário estabelecer um diálogo desta com as características gerais da sociedade e da educação brasileiras. Neste sentido, o clima cultural e o espírito da época, poderão ser captados.

1.3 O serviço do *banquete*: prédio, hino e estandarte

1.3.1 “Um templo digno da sciencia e das letras”: o edificio do Ginásio da Bahia

O endereço Praça Carneiro Ribeiro s/n, onde passou a funcionar o Ginásio da Bahia a partir de 1903, se consagrou como referência intelectual em Salvador. O edificio teve sua inauguração à 28 de maio de 1900 e segundo o Prof. Egas Moniz Barreto de Aragão (o mesmo da aula de alemão destacada na introdução deste trabalho), tratava-se de “um prédio que corresponde às mais momentosas e indispensaveis accomodações prescriptas pela sciencia”.(FARIAS; MENEZES, 1937, p.221).

A inauguração foi noticiada pela imprensa soteropolitana:

Pode ser dito que o Conselheiro Luiz Vianna procurou encerrar o período de sua administração, com chave de ouro: a inauguração do grande pavilhão principal do edificio do Gymnasio ao Tororó.
Obra mais meritória não poderia s. ex. reservar para o esmalte de seu governo. E tanto foi assim compreendido pela sociedade intellectual da Bahia, que toda ella se fez representar no acto da inauguração, revestindo-o de bella solenidade. (*Correio de Noticias*, 29 de maio, 1900, p.1).

Não faltaram discursos neste ato solene: do sr. Octaviano Muniz Barreto, secretário interino do Interior e da Instrução Publica, o Dr. Egas Moniz de Barretto de Aragão, pela Congregação do Gymnasio, e do Cons. Luiz Vianna, por ocasião de passar o governo a Severino Vieira. De acordo com o *Correio de Noticias*, o “salão nobre lindamente adornado e provido de crescido numero de assentos todos os quais ficaram occupados por cavalheiros distinctos.” (*Correio de Noticias*, 29 de maio, 1900, p.1).

A cerimônia de inauguração foi iniciada por um préstito de carros a cuja frente ia o carro do palácio conduzindo Luiz Vianna e Severino Vieira que, ao entrar no edificio do Ginásio “por entre alas de alumnos e pessoas outras”, foram saudados com “vivas entusiastas e de música.” Diz a notícia que “Foi uma festa brilhante, cujo alcance deve desvanecer a todos os amantes do futuro desta terra.” (*Correio de Noticias*, 29 de maio, 1900, p.1).

No que concerne à participação dos alunos, usaram a palavra o orador oficial Aristides Pereira Maltez, seguido por Raul Boccanera, Gelásio de Abreu Farias, Manoel Vaz, Philemon Menezes, Ubaldo Drumond, Aydano Sampaio, Alvaro Martins da Costa e José Argileu. Estes alunos, para receber Dr. Manoel Carlos Devoto, que retornara à condição de diretor do Ginásio, estando no exercício interino da funções de inspector geral do ensino,

ornamentaram geralmente o edificio, conseguiram banda de música, escolheram oradores para cada uma das séries e com entusiasmos peculiares à mocidade, se dispuzeram a receber seu estimado director e mestre ... avaliarão aquelles que tendo tido convivencia com a mocidade, conhecem de que prodigios é capaz o ardor de seu entusiasmo sempre inspirado nos mais nobres intuitos. (*Correio de Noticias*, 29 de maio, 1900, p.1)

No seu discurso, o Cons. Luiz Vianna afirmou que

Na primeira visita que fiz ao Instituto (Normal) e ao Gymnasio, constrangeu-me ver que excepção feita da excellencia dos seus professores lhes faltavam, as principaes condições, reclamadas pelo ensino. Predios vetustos e imprestaveis, com analogo mobiliamento, deixavam tristes os visitantes, acanhado o professor e mal accomodados os alumnos. (...) (*Correio de Noticias*, 29 de maio, 1900, p.1)

A construção do “novo” edifício do Ginásio da Bahia fora uma conquista do seu corpo docente, uma vez que o antigo prédio (atual convento da Palma) não mais atendia às necessidades da instituição.

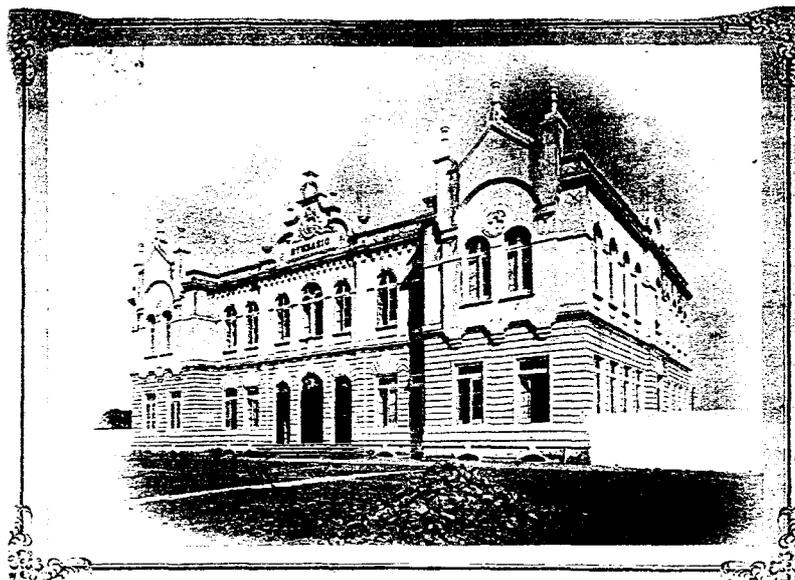


Figura 2: Edifício do Ginásio da Bahia em 1900

A 22 de janeiro de 1900, portanto dois meses antes da inauguração, o *Correio de Notícias*, publicou, sob o título “Novo edifício do Gymnasio”, matéria sobre a fase conclusiva da obra, fornecendo os dados pertinentes à sua construção, que ficou sob a responsabilidade “da Secretaria da Agricultura achando-se incumbido dos projectos e sua execução o engenheiro civil Dr. Justino Franca, auxiliado pelo desenhista sr. Manoel Weill.” (*Correio de Notícias*, 22 de janeiro, 1900, p.1). Informa ainda o jornal que

O edifício acha-se situado ao Tororó Pequeno, nos terrenos onde existia o velho Gymnasio, havendo o governo comprado à Companhia do Queimado mais uma área de 3.500 m afim de comportar todas as dependências do estabelecimento de ensino.

As obras de construção contractadas com o empreiteiro Eduardo Coitinho de Vasconcellos em 10 de janeiro do anno passado tiveram começo no dia 20 do mesmo mez e em menos de um anno acham-se bastante adiantadas, estando

promptas todas as alvenarias, vigamentos dos soalhos e forros e madeiramento do telhado.

As dimensões deste “templo do saber” são citadas pela notícia¹⁰ que apresenta comentários elogiosos à arquitetura do prédio: “Em suas linhas geraes apresenta o edificio uma perspectiva agradável, sendo a ornamentação sábia e de bom gosto. Foram attendidas todas as condições hygienicas, havendo ar e luz em profusão.” Entretanto, naquele momento, a obra se encontrava bastante incompleta. O projeto incluía, além do novo edificio, as seguintes construções: 1º pavilhão para exercicio de gymnasticas; 2º chalets para instalação de water-closets; 3º esplanada e muros de sustentação de terras; 4º grades de ferro e muros de recinto; 5º avenida de entrada pela rua da Lapa.” Um exame das instalações do GB, que se preservaram desde esse período, indica-nos que nem todas estas obras foram realizadas.

Os dados sobre a construção do prédio do Ginásio, (indicados posteriormente neste capítulo), contrastam-se com a Salvador de então, cuja população carecia de todo tipo de serviço urbano. Estabelecendo-se um paralelo entre a realidade soteropolitana e a paulista, tomemos as palavras de Carlos Monarcha (1999, p.186) a respeito das alterações urbanísticas em São Paulo, ao abordar a arquitetura da Escola Normal da Praça, enquanto imagem de uma época:

no limiar da república, despede o passado colonial e monárquico para transformar-se em uma cidade cosmopolita, que concentra as funções de capital econômica, administrativa, política e cultural do estado de São Paulo. Entretanto, o tecido arquitetônico, a atmosfera cosmopolita e a retórica republicana dissimulam a presença de uma atmosfera saturada de tensões causadoras de luto e desolação: acumulação progressiva das populações, irrupção de epidemias, pobreza e indigência das massas urbanas, especulação imobiliária, escassez de imóveis e alta dos aluguéis; e, no âmbito mais geral da nação, o jacobinismo político e a guerra civil – A Revolta da Armada, a Revolução federalista e a Revolta de Canudos.

A realidade soteropolitana, embora se configure bastante distinta da de São Paulo cosmopolita, apresentava suas contradições ainda mais marcantes. A arquitetura presente na

¹⁰ As dimensões do edificio são citadas adiante, quando da análise de seu espaço interno.

malha urbana era em geral muito simples, sendo composta por pequenas casas, a despeito dos casarões existentes em bairros nobres.

Quanto à reformulação urbana em Salvador, Rinaldo Leite (1996, p.52) apresenta quatro principais etapas:

Salvador vivenciou, nos quarenta anos da Primeira República, seguidos impulsos de transformação urbana, sendo eles: 1^o) em 1906, relacionado ao início de obras no porto, com a construção de cais e armazéns, além da pavimentação de suas ruas vizinhas; 2^o) em 1910, calçamento de ruas e saneamento do bairro comercial, como preparo à comemoração dos cem anos da Associação Comercial; 3^o) entre 1912-1916, relativo às várias obras para alargamento de suas ruas, abertura de avenidas e construção de novos edifícios empreendidas no governo de J. J. Seabra; 4^o) em 1924, com construção do bairro das Nações, em áreas conquistadas ao mar, na Cidade Baixa..

Apesar das diferenças entre o Ginásio da Bahia e a Escola Normal da Praça, de São Paulo, bem como as suas respectivas conjunturas sócio-econômicas, a análise de Monarcha (1999, p.188) parece adequar-se à atmosfera que irá se constituir em torno do edifício do Ginásio da Bahia:

Praça e edifício formam um conjunto urbanístico e arquitetônico grandioso destinado a impressionar a imaginação de seus contemporâneos [...] o local representa o triunfo da república e a derrota da confusão do caos e, ao mesmo tempo, o monumento que perpetua os ideais vitoriosos de uma época histórica.

Tais considerações cabem perfeitamente no que diz respeito ao nosso Ginásio. Como analisa Monarcha (1999, p.190-191):

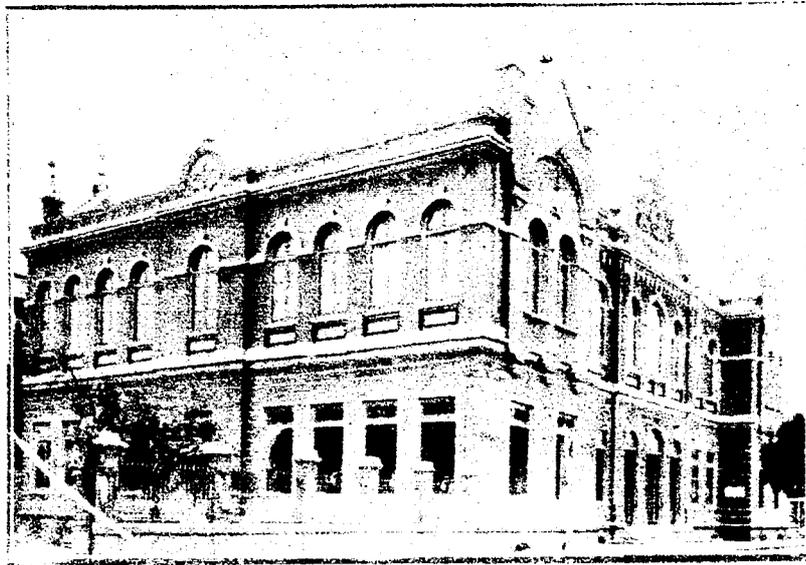
A escala monumental, a elegância severa e a sobriedade na decoração do edifício sugerem reciprocidade entre a grandeza dimensional e grandeza moral: a arquitetura transforma-se em pedagogia eloqüente que ensina aos indivíduos os princípios da sociedade perfeita. Dessa maneira, os instituidores da república acrescentam imagens às idéias.

Para uma Salvador de arquitetura residencial, relativamente acanhada, podemos afirmar que as imponentes proporções do edifício do Ginásio assumem um poder quase intimidativo.

Ao analisar a arquitetura da escola Normal de São Carlos, em artigo intitulado *Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos – 1911 – 1933*, Ester Buffa (ARAÚJO; GATTI

JÚNIOR, 2002, p.28) chama atenção para a importância da análise dos espaços internos das instituições escolares. Em relação ao Ginásio da Bahia, o prédio privilegia espaços típicos de instituições de cultura geral como hall de entrada, diretoria, salas de aula, anfiteatro, biblioteca e laboratórios científicos. O estilo neoclássico, então em voga, presta-se à perfeita divisão dos espaços destinados a fins específicos: salas de aula, salão nobre, laboratórios, biblioteca etc.

O edifício do GB traz à frente quatro grandes degraus de mármore branco que dão acesso às três portas da fachada do prédio, por onde se entra no hall principal.



Edifício actual em que foi instalado o Ginásio da Bahia, em 1903

Figura 3: Edifício do Ginásio da Bahia em 1903

Segundo notícia da inauguração do prédio do Ginásio, citada anteriormente, o edifício é assim disposto:

Fachada Principal 31m,40;

Fachada Lateral 23 m

Altura total 13m

A área do terreno ocupado é de 572m, 64.

Compõe-se de um corpo central com 17 m de comprimento e de dois corpos ou pavilhões lateraes com 7 m, 20 de comprimento cada um.

Para instalação da escada principal foi construída uma rotunda semi-circular ao lado oposto da fachada.

Os pavilhões laterais fazem saliência sobre o corpo central de 1,60. Está o edifício dividido em dois pavimentos de 5m, 60 de altura cada um, repousando toda a construção sobre um plinto de 0,80 de altura.” (*Correio de Notícias*, 22 de janeiro, 1900, p.1).

Caminhando-se em linha reta, ao adentrarmos na construção, ao fundo vê-se dupla escada de mármore branco que dá acesso ao pavimento superior da obra:

No 1o. pavimento encontram-se os seguintes compartimentos:

1 vestibulo com 7,40 X 7 m

2 salas contíguas ao vestibulo com 7,50 X 4,60.

4 salões laterais com 9m X 6m, 15.

1 galeria geral com 30m, 20 X 2,75.

No segundo pavimento acham-se: um salão nobre com 17m X 7m, 57;

4 salões laterais com 9m X 6,15, e a galeria geral igual à do primeiro pavimento.” (*Correio de Notícias*, 22 de janeiro, 1900, p.1).

Tal configuração arquitetônica do GB constitui o que Ester Buffa (ARAÚJO; GATTI JÚNIOR, 2002) denomina “mítico e sagrado espaço do poder”, e sua imponência, de certa forma, torna-se inacessível aos alunos, a não ser em ocasiões muito especiais. Segundo a autora “Do ponto de vista da relação do espaço escolar com o saber transmitido e as atividades escolares, é possível perceber que essa escola manifesta, em sua arquitetura, as duas faces do saber: a da respeitabilidade, a admiração e prestígio e a da laboriosidade, disciplina e trabalho cotidiano.” À semelhança da Escola Normal de São Carlos, o estilo neoclássico do nosso Ginásio reflete sobriedade, credibilidade e conservadorismo do currículo calcado nos clássicos da literatura greco-romana e francesa.” O prédio “sinaliza uma cultura humanista rebuscada para as elites”. Desta forma, “o templo do saber” se impõe sobre uma cidade em grande medida “inculta”.

1.3.2 Hino e estandarte

A composição do Hino do Ginásio da Bahia foi noticiada pela primeira vez na imprensa soteropolitana, em 21 de fevereiro de 1935. A matéria informava sobre a audição do hino, (com música do maestro Geraldo De-Vecchi e letra do poeta Roberto Correia) “dedicada

à imprensa e aos professores daquele estabelecimento de ensino” (*Diário de Notícias*, 21 de fevereiro, 1935, p.1). E, no dia seguinte à apresentação considerada “uma encantadora hora de arte, a que não faltaram as mais eloqüentes manifestações de fervoroso civismo da mocidade estudiosa e as mais lisonjeiras expansões de quantos alli estiveram e que não puderam deixar de si confessar magnificamente impressionados, tanto pela música como pela letra.” (*Diário de Notícias*, 22 de fevereiro, 1935).

Diz a letra do hino:

Salve, augusto Gymnasio! Em teu seio
Santuário de raro esplendor,
Vivem sempre num plácido enleio,
A Virtude, o Trabalho e o Amor!
A Virtude nos dá força e calma!
O Trabalho, vigor varonil!
E o Amor retempera noss-alma,
Para as luctas em prol do Brasil!

Coro:
Em teu seio – cenáculo do Estudo –
Aprendemos – imersos em luz –
Artes, letras, sciencias e tudo,
Que a suprema Belleza produz!

O teu nome – é um sol flammejante!
Tua historia – uma Bíblia immortal!
Tua vida tem sido a constante
Lucta accesa do Bem contra o Mal!
Do teu peito o Saber se irradia!
Altas glorias reaes, glorias mil,
A tua alma tem dado à Bahia!
O teu gênio tem dado ao Brasil!

Coro:
Em teu seio – cenáculo do Estudo – etc.

Valemo-nos da reflexão de Vera Cabana Andrade (1999, p.106) para com o Hino dos Alunos do Colégio Pedro II, que, como nos diz a autora, foi especialmente encomendado para que a comemoração do centenário desta casa fosse também recordada por uma memória musical. Neste tipo de memória, Andrade citando Halbswachs “a linguagem dos sons faz a evocação da

lembrança que traz a sensação de assimilação plena do sentido da realidade vivida através da música”. E complementa:

A partir do momento em que a lembrança existe, a execução do hino como em geral toda música que possui significado sentimental, comunica emoção e expande a memória, num sentimento de liberdade e de poder criador. Sendo assim, o hino se constitui numa das práticas e representações mais importantes da memória coletiva do Colégio.

A sensibilidade auditiva preserva na memória individual e coletiva os compassos melódicos que reproduzem em conjunto o compromisso com o passado e o futuro da instituição – o projeto civilizatório de construção da Nação pelo saber, o poder do cientificismo que preconiza a ciência como guia propulsora do progresso e a retomada da educação como instrumento do Estado para a formação do cidadão. (ANDRADE, 1999, p.106).

É interessante notar que o mesmo autor da letra do hino do Ginásio da Bahia, o professor Roberto Correia, escreveu a letra do Hino para a Escola Normal da Bahia, sendo ambos aprovados pelo Decreto 9782 de 26 de outubro de 1935.¹¹

Comparando-se os hinos, podemos notar que, enquanto o do Colégio Pedro II atribui aos seus alunos a condição de soldados da ciência, o da Escola Normal caracteriza-se por uma ênfase no aspecto religioso, próprio dos que viam na educação um serviço sagrado. No hino do GB, tanto a letra, quanto a melodia, evidenciam o tom civilista empreendido aos aspectos pedagógicos pela instituição.

Na letra deste hino, o educandário é qualificado como templo do saber, onde reina a harmonia, (propícia à realização do trabalho intelectual e pedagógico), constituída pelo *tripé*: virtude, trabalho e amor, atuando estes elementos com propósitos civilistas.

Nos versos do “Coro”, fica expresso o ideário humanista professado pelo GB: “*Em teu seio, cenáculo do Estudo / Aprendemos, imersos em luz / Artes, letras, ciências e tudo, / Que a suprema Beleza produz!*” A luz do saber que envolvia os discípulos, constituía-se em certeza para a efetivação do ideário de inspiração platônica, onde a noção do belo estava intimamente ligada ao bem, enquanto produtor de grandezas.

¹¹ APEB – Seção republicana Caixa 3921 / Maço 02. - Decretos de aprovação de regulamentos do curso complementar do Ginásio da Bahia, Hinos da Escola Normal e outros.

Na segunda estrofe, percebemos o Ginásio sendo referido como “sol flamejante”, “bíblia imortal”, “Luta acesa do Bem contra o Mal”. Tais elementos só reforçam a condição de templo do conhecimento, atribuída à instituição. Conclamando a juventude a engrossar as fileiras “nas lutas em prol do Brasil”, os últimos versos [*A tua alma tem dado à Bahia! / O teu gênio tem dado ao Brasil!*] localizam o Ginásio - cuja excelência, confere excepcional contribuição à pátria - no panorama educacional, transpondo as fronteiras do Estado da Bahia.¹²

Em 30 de março de 1935, como nos indicam as *Memórias Históricas* (FARIAS; MENEZES, 1937), “foi entregue à guarda dos alunos o riquíssimo estandarte, confeccionado no Colégio a Providência, com as cores do Ginásio, tendo ao centro, em alto-relevo, as armas da Instrução do Estado com a seguinte frase latina, de autoria do Dr. Gelásio Farias: “Discite Cras Docebitis.”¹³



Figura 4: Estandarte do Colégio Estadual da Bahia

¹² Os ex-alunos do Ginásio entrevistados, pessoas que já alcançaram a casa dos setenta anos, ainda se recordam do hino e conseguem cantá-lo emocionados.

¹³ “Aprendeis amanhã ensinareis”

Uma vez não encontrado o estandarte original, reproduzimos o seu substituto, que do primeiro difere apenas no nome Colégio Estadual da Bahia, onde se lia Ginásio da Bahia. Os elementos, símbolos do GB, são os mesmos da Instrução Pública: a lâmpada grega, a palavra LUX, um ramo de café e um ramo de cana-de-açúcar, riquezas do império. Junto ao hino e à farda, o estandarte irá compor o conjunto de signos que representavam o Ginásio na sociedade baiana, permanecendo na memória afetiva de seus ex-alunos.

1.4 Pratos que se servem: horários de aulas e conteúdos programáticos

Mesmo que de maneira breve, é importante tratar da educação formal, ministrada no Ginásio da Bahia. Para tanto, escolhemos documentos relativos a dois momentos significativos da vida da instituição: um horário de aulas datado de 1900, incluindo disciplinas e conteúdos programáticos; e alguns trechos do “Programma do Curso Complementar do Gymnasio da Bahia”, de 1936.

Encontramos o primeiro publicado no *Correio de Notícias* de 20 de março de 1900, à p. 3 sob o título “Horário para o curso do bacharelado durante o anno de 1900 do Gymnasio da Bahia.” A partir dele, podemos entender mecanismos organizacionais da instituição e os valores atribuídos a cada disciplina curricular. Para o primeiro ano estava previsto¹⁴:

Desenho – Segundas, quartas, e sextas, das 8 às 9.
 Música – Terça e quinta, das 8 às 9.
 Português – Segundas, terças, quartas, sextas e sábados, das 9 às 10.
Geographia – Segundas, **quartas** e sextas, das 10 às 11.¹⁵
Arithmetica – Terças, **quartas** e sábados, das 10 às 11 e 20.
 Francez – Segundas, terças, quartas, sextas e sábados, das 12 a 1
 Gymnastica – Segundas, de 1 às 2.
 (*Correio de Notícias*, 20 de março de 1900, p.3).

O que nos daria a seguinte disposição:

¹⁴ Constam dos anexos da dissertação os demais horários encontrados, para os quais, também, confeccionamos quadros.

¹⁵ Grifo nosso para ressaltar o choque de horário entre as disciplinas.

Quadro 1: Horário do primeiro ano do bacharelado no GB em 1900

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
8:00 – 9:00	Desenho	Música	Desenho	Música	Desenho	
9:00–10:00	Português	Português	Português		Português	Português
10:00-11:00	Geografia	Aritmética	Geografia		Geografia	Aritmética
11:00-11:20		Aritmética	Aritmética			Aritmética
12:00-13:00	Francês	Francês	Francês		Francês	Francês
13:00-14:00	Ginástica					

Aulas de francês e português todos os dias, (exceto às quintas-feiras), e inclusive aos sábados, revelam a prioridade que se dava a uma formação calcada em valores relacionados à distinção e à nobreza. Aulas de Ginástica de 13:00 às 14:00 nos parecem muito pouco convidativas, revelando uma inadequada escolha para tais atividades. Tal disposição das disciplinas no horário escolar revelam o grau de desenvolvimento da psicologia aplicada à educação, fazendo com que prevaleça muito mais uma percepção restrita da educação, do que propriamente uma visão relacionada ao bem estar do aluno e à melhor adaptação deste às atividades escolares.

Uma consulta aos programas propostos pelo Ginásio Nacional na obra *Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira: 1850-1951*, da autoria de Ariclê Vechia e Karl Michael Lorenz, nos dá uma idéia dos conteúdos ministrados no GB, uma vez que em nossas pesquisas os mesmos não foram encontrados¹⁶.

No que se refere ao primeiro ano do Bacharelado em 1900, por exemplo, o programa em vigor, no Ginásio Nacional é o mesmo de 1898. Este programa apresenta oito cadeiras e a seguinte bibliografia indicada:

¹⁶ Encontramos programas do Ginásio Nacional elaborados para os seguintes anos: 1895, 1898, 1912, 1915, 1926, 1929, 1931, 1942.

Quadro 2: Bibliografia indicada pelo Ginásio Nacional em 1898

Cadeiras		Livros indicados
1ª	Aritmética	“Arithmetica de João José Luiz Vianna e de Aarão e Lucano Reis.”
2ª	Português	“Elementos da grammatica portugueza, por Felisberto de Carvalho, (14ª edição) e Exercícios de lingua portugueza, correspondentes Grammatica elementar, (4ª edição) pelo mesmo autor.”
		“Anthologia Nacional, por Fausto Barreto e Carlos de Laet.”
		“Autores contemporâneos, Por João Ribeiro.”
3ª	Francês	“Grammatica Elementar de Ploetz, trad. De Said Ali.”
		“Selecta Franceza, de Leopoldo Marcou.”
		“Diccionario francez-portugues e vice-versa.”
		“Diccionario grammatical.”
4ª	Alemão	“Saddler ou Primeiros Passos, de Hewitt.”
	Inglês	“Nova Grammatica Allemã de Said Ali.”
5ª	Geografia	“Tancredo do Amaral, Geographia elementar, ou Lacerda, Curso methodico de geographia, ou Sallaberry, Lições de geographia geral, Moreira Pinto, Curso de Geographia.”
		“Atlas do Brazil, por Homem de Mello.”
		“Atlas de Delamarche ou Schrader. “
6ª	Desenho	
7ª	Música	“Compendio elementar, de M. J. Teixeira.”
		“ABC musical, por Panseron.”
8ª	Ginástica	

Fonte: Vecchia; Lorenz, 1998, p. 162-164.

Para Aritmética, neste primeiro ano, indicava-se um “estudo prático” de ordem basilar e instrumental envolvendo: quantidade, unidade, numeração, as quatro operações, frações, progressões, logaritmos, regra de três, juro simples e desconto. Para Português o foco residia na leitura e recitação de textos, exercícios ortográficos, Gramática (incluindo análise léxica e sintática) e Composição (exercícios fraseológicos envolvendo construção de períodos e narrações onde os alunos teriam que responder de viva voz e por escrito). O estudo do Francês apresenta-se de forma mais apurada indicando-nos o papel da Língua na formação daqueles alunos. Estudo teórico e pratico da fonologia francesa; leitura de textos (“tendo o lente previamente dado o modelo da pronuncia”); noções elementares de artigos, substantivos, adjetivos e pronomes; conjugação “na pedra” de verbos simples e auxiliares; preposições, advérbios, conjunções e

verbos (ortografia, verbos pronominais e unipessoais, formação dos tempos, verbos irregulares mais empregados). A parte denominada “prática” era composta por: leitura, tradução e versão de exercícios da gramática, além de análise escrita. (VECCHIA; LORENZ, 1998, p.162-163). Uma maior ênfase e cuidados para com o Francês, em detrimento da língua pátria, o que é perfeitamente compreensível no contexto, caracterizado pelo elitismo, no qual o referido programa foi criado.

Para Ginástica: marchas e contramarchas; saltos; exercícios callistenicos; exercícios com alteres, varas e massas, saltos com trampolim, exercícios nas barras, nas paralelas e sobre a viga de equilíbrio. Temos aqui, uma formação quase espartana destinada apenas aos rapazes, uma vez que em 1898 não se admitiam moças no Ginásio Nacional.

Em 1936, regulamentado pelo decreto n. 9.883, de 31 de março daquele ano, instaura-se, o Programa do Curso Complementar, estabelecendo-se, então, três cursos: a) Jurídico, b) de Engenharia e c) Médico, Farmacêutico e Odontológico. O curso fundamental, como já era previsto, seria ministrado em cinco anos e o complementar em dois. O programa caracterizou-se, sobretudo, pela ampla grade curricular e pelo extenso e rico conteúdo programático.

As regras estabelecidas para professores e alunos indicam o perfil do Curso Complementar:

Art. 3º Para a regencia das disciplinas do Curso Complementar terão preferencia os Professores do Gymnasio da Bahia, por designação do seu Director, attendidas as affinidades existentes entre as respectivas cadeiras e as do curso ora creado, e respeitadas as instrucções federaes que regulam a especie. Paragrapho único. Na falta desses professores poderão ser contractados, mediante proposta do Director do Gymnasio ao Secretario de Educação, Saúde e Assistencia Publica pessoas idoneas que preencham as exigencias das instrucções baixadas a 28 de Janeiro de 1936, pelo Sr. Ministro de Educação e Saúde Pública.

Art. 4º A remuneração a cada professor por tres horas semanaes de trabalho será de 200\$000, por turma de 40 alumnos, no maximo, e por disciplina.

Art. 6º Haverá no Curso Complementar matricula gratuita para alumnos em cada uma das tres classes, escolhidos um dentre os que houver alcançado maior média nas approvações do 5º anno, no Gymnasio da Bahia e outro dentre os que forem minimamente pobres.

Paragrapho único. A reprovação em uma das disciplinas do Curso Complementar fará perder o direito à gratuidade.

Deste extenso programa de 112 páginas¹⁷, destacamos apenas um dos conteúdos programáticos indicado para o Curso Jurídico, cujo horário se constituía da seguinte forma:

Quadro 3: Carga horária do Curso Jurídico do GB em 1936

Primeira série	Segunda série
Latim (6 horas por semana)	Latim (6 horas)
Literatura (4 horas)	Literatura (6 horas)
História da Civilização (4 horas)	Geografia (3 horas)
Noções de Economia e Estatística (4 horas)	Higiene (3 horas)
Biologia Geral (3 horas)	Sociologia (4 horas)
Psicologia e Lógica (4 horas)	Historia da Filosofia (4 horas).

A formação de um estudante sob este tipo de programa, evoca a figura do “intelectual universal” analisada por Foucault em *Microfísica do Poder*. Para Foucault (2002, p.10-11) este intelectual secundarista

como funcionou no século XIX e no começo do século XX, derivou do fato de uma figura histórica bem particular: o homem da justiça, o homem da lei, aquele que opõe a universidade da justiça e a equidade de uma lei ideal ao poder, ao despotismo, ao abuso, à arrogância da riqueza.(...) O intelectual ‘universal’ deriva do jurista-notavel e tem sua expressão mais completa no escritor, portador de significações e de valores em que todos podem se reconhecer.

A educação dos discípulos do GB, destarte, advinha do paradigma, que elegeu o homem culto como signatário da resolução dos problemas da sociedade. Neste diapasão, o educandário objetivava formar alunos aplicados e oradores eruditos, através de uma concepção ligada ao sujeito universal, identificado como masculino e branco. Tal herança acadêmica pode ser associada à própria gênese da universidade brasileira, que por sua vez, bebeu em fontes bastante distintas: o centralismo francês e o liberalismo alemão. José Vaidergorn, em sua tese de doutorado intitulada *As seis irmãs: as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo* (VAIDERGORN, 1995, p.31) resgata estas

¹⁷ Nos anexos desta dissertação consta o programa de Literatura indicado para o Curso Jurídico.

influências destacando, no que diz respeito à concepção de universidade alemã, a figura Wilhelm von Humboldt, primeiro reitor de Universidade de Berlim, cuja

preocupação era com a natureza e a formação do homem, procurando realizar o idealismo da Aufklärung kantiana, identificando em Goethe a sua concretização. A concepção filosófica de Humboldt, que influenciou sua ação ministerial, baseia-se no que considerava ser a tendência universal da cultura (formatio hominis, transformação progressiva do homem), envolvendo o indivíduo, o “Espírito” (pneuma, spiritus, a razão que criou o mundo e o transcende) e um mundo intermediário. Este era a nação, onde se revelam as individualidades coletivas, unidas pela língua (Humboldt irá se tornar o fundador da linguística comparada, baseada na história das idéias), expressão geral do Espírito. “O individuo se torna homem por intermédio do espírito da língua e do gênio da nação (Volksgeist).

Tais paradigmas concernentes à cultura acadêmica, por certo, não foram totalmente absorvidos pelos educandos do Ginásio da Bahia. Diante da extensão e complexidade de um programa deste porte, imediatamente nos vem a pergunta – será que este conteúdo foi realmente aplicado?

Infelizmente as entrevistas realizadas, até o momento, não nos esclareceram suficientemente este ponto, uma vez que as opiniões estiveram bastante divididas entre os entrevistados. Alguns, espantados com a quantidade e a complexidade dos pontos expostos nos programas, afirmaram ser possível tal aplicação curricular apenas em universidades européias. Outros, reconheceram certos conteúdos como familiares, o que nos leva a não tirar, neste momento, quaisquer conclusões acerca do tema.

1.5 Bons modos à *mesa*

Dois documentos dos anos 30, existentes no Arquivo Público do Estado da Bahia, nos permitem analisar medidas disciplinares praticadas no espaço intra-muros do Ginásio da Bahia. O primeiro, datado de 1938, nos revela a postura da instituição diante de conflitos internos; o segundo, um anexo do decreto 9767 (o mesmo que aprovou o Curso Complementar do Ginásio e

seu hino), de outubro de 1935, é relativo ao “Gabinete Médico e de Antropometria Pedagógica”, relevante por indicar a influência de idéias eugênicas na educação brasileira de então.

1.5.1 (In) disciplina

Foucault (1995, p.159), analisando a função da sanção normalizadora, nos indica que

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma ‘infra-penalidade’; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença.

Esta citação se adequa às questões disciplinares do Ginásio da Bahia. Conforme inquérito administrativo de 27 folhas¹⁸, passamos a conhecer os fatos ocorridos na noite de 3 de junho de 1938, cujos atores foram: um aluno do 2º ano do curso complementar do Ginásio, de 19 anos, Jairo Pinho Saback, e o funcionário da instituição, sub-inspetor de alunos, Alípio Assumpção Pinheiro, de idade de 58 anos.

¹⁸ APEB / Seção Republicana / Data-limite: 1938 / Caixa: 3954 / Maço: 60. O processo traz aspectos simbólicos muito interessantes. Os autos são muito bem preservados da exposição, uma vez que deles constam agressões que só depõem contra o referido estabelecimento escolar. Intitulado de “Processo sobre Inquérito Administrativo de fatos ocorridos no Ginásio da Bahia”, configura-se como uma verdadeira peça processual na qual se percebe a seriedade com a qual uma questão disciplinar desta ordem foi tratada pela direção do estabelecimento. Apresentando as primeiras folhas com os termos de praxe, apenas na leitura dos autos de perguntas, no “miolo” do documento, pode-se ter contato com o que ocorrera, sendo esta, por certo, uma forma do educandário preservar sua imagem pública.

Na versão de Alípio Pinheiro, Saback o empurrara. O funcionário teria se segurado no próprio Jairo para não cair e, com este reclamou, dizendo que não continuasse, e dele recebera uma “bofetada que raspou levemente pela face por ter o depoente se livrado rapidamente.” Em seguida, Jairo teria ofendido Alípio com palavras injuriosas e de baixo calão, ameaçando também “quebrar-lhe a cara”. Procurando se livrar do servente Ubaldo Brito que tentou conter os ânimos do aluno e que, após sair e sentar-se “calmamente” no avarandado do Pavilhão Rio Branco, o aluno o provocara com um ponta-pé contra o qual Alípio revidou “apanhando um pé de cadeira e dando-lhe uma pancada, para se defender. Segundo Pinheiro “de muito tempo vem o estudante Jairo insistindo em brinquedos grosseiros contra os quais ele sempre protestou.”

Jairo apresentou sua visão do ocorrido, através do Auto de Pergunta aplicado a ele. Relatou que cerca de 9 e meia da noite do dia 3 de Junho estava junto a colegas no Pavilhão Central, fronteiro ao Rio Branco, quando o sub-inspetor Alípio Pinheiro “descia a escada tendo ele, depoente, batido no ombro do mesmo inspetor com espírito de camaradagem existente entre eles e dito ‘Que é que há Alípio?’ tendo este escorregado e ele depoente procurar ajuda-lo a levantar-se tendo neste momento recebido um tapa retribuindo com outro;” e por ter o sub-inspetor, neste momento, apanhado uma tábua, o aluno Virgidal Sena, colega de Jairo, interferiu dizendo: “Está maluco, vae fazer uma coisa desta?”. Neste ponto o aluno Jairo Saback indica ter proferido expressões ofensivas ao se dirigir ao sub-inspetor. O depoente se desvencilha de Virgidal e Ubaldo Brito, que o seguravam, investe contra o sub-inspetor com um ponta-pé, se desequilibra e é atingido pelo sub-inspetor com uma pancada aplicada com o pé de cadeira que tinha na mão, e que após a pancada não se recorda mais de nada.

Uma comissão é constituída para acompanhar o inquérito, composta por um Presidente, Padre Manoel Barbosa, e os professores Augusto Alexandre Machado e Francisco da Conceição Menezes, e as testemunhas são arroladas. O aluno Jairo se faz acompanhar de um advogado constituído por seu pai, Bolivar Ribeiro Saback, para acompanhar o inquérito administrativo, o Bel Adhemar do Sento Sé. Na versão da primeira testemunha, Ubaldo Brito Oliveira, 45 anos, funcionário do GB, o aluno Jairo Saback iniciara o incidente agredindo com as referidas palavras injuriosas o sub-inspetor Alipio, mas que ambos se descomporam ao se xingar mutuamente, e que este teria sido o primeiro incidente desta natureza ocorrido entre ambos.

O inquérito é finalizado e aos culpados as penas. O aluno Jairo Saback foi suspenso por dois meses, como consta da cópia do edital junto aos autos, datado de 30 de julho de 1938. Quanto ao inspetor Alípio, é lhe imputada a culpa de ter sido o autor do ferimento provocado no aluno Jairo, e a isto aplica-se a pena de suspensão por três meses, além de censura.

Conquanto tenham sido implementadas as punições, o processo deixa vislumbrar um certo grau de liberalidade no GB, que acaba por permitir a ocorrência de questões disciplinares da natureza da aqui relatada. De fato, segundo Jayme Junqueira Ayres, autor da assinatura desta sanção: “o ambiente de disciplina daquele Estabelecimento deixa a desejar.”

Ainda que distúrbios disciplinares desta natureza não fossem tão freqüentes no Ginásio da Bahia este pode ser considerado um exemplo de postura adotada pela administração do estabelecimento quando diante de questões desta ordem.¹⁹

¹⁹ Outras notícias tivemos, durante a execução das entrevistas, sobre problemas disciplinares. Entretanto, as mesmas não são registradas neste trabalho, pela falta de documentos escritos com os quais pudéssemos confrontar estas fontes orais.

1.5.2 O controle dos corpos: O Gabinete Antropométrico

Interessante documento relativo à prescrição do controle dos corpos é o postulado pelo Decreto N. 9767, de 9 de outubro de 1935, no qual o governador do Estado da Bahia, Juracy Magalhães, aprovou o regulamento²⁰ e modelos de fichas referentes ao Serviço Médico e de Antropometria Pedagógica do Ginásio da Bahia.

Destacamos um conjunto de aspectos a serem analisados, no que diz respeito a este documento: a gênese das idéias antropométricas, vinculada à antropologia criminal; o estabelecimento de tais concepções pela doutrina fascista; e a absorção, durante a ditadura de Vargas, de tais elementos na educação da juventude brasileira.

Em *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*, Lilia Moritz Schwarcz (2001,p 43) indica-nos que, a partir de 1870, introduziram-se no cenário brasileiro teorias de pensamento até então desconhecidas, como o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo. Estas teorias acabaram por propiciar e referendar todo um arcabouço teórico para o que viria a se constituir nas teorias raciais produzidas no século XIX.

Nos seus antecedentes decorrentes do novo panorama internacional criado com as grandes viagens e o contato dos europeus com os habitantes das terras americanas, essas teorias criaram uma forma para pensar a origem do homem. Foram geradas no processo, duas correntes antagônicas. A corrente monogenista, com inspiração em Rousseau (para quem, na possibilidade de haver uma bondade original na natureza humana, esta fora corrompida pela evolução social - gerando assim a idéia do bom selvagem), dominante até meados do século XIX, “congregou a maior parte dos pensadores que conforme às escrituras bíblicas, acreditavam que a humanidade era una.” (2001,p 43) A poligenista, influenciada por autores tais como Buffon (que esposara a

²⁰ APEB / Seção Republicana / Série: decretos de aprovação de regulamentos do curso complementar do Ginásio da Bahia, hinos da Escola Normal e outros / data limite: 1926-1938 / caixa: 3921 / maço: 02

tese da infantilidade do continente) e Pauw (autor da tese da “degeneração americana”) que radicalizara os argumentos de Buffon propondo que os americanos não eram apenas imaturos, mas decaídos. Fazia, esta última escola, uma “interpretação biológica à análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato das leis biológicas e naturais”, apregoando a visão de que as “diferentes raças humanas constituiriam ‘espécies diversas’, ‘tipos’ específicos, não redutíveis, seja pela aclimação, seja pelo cruzamento”.

Tal análise, como nos indica Schwarcz (2001,p 48), foi encorajada “sobretudo pelo nascimento simultâneo da frenologia (ou frenologismo, teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseando-se na conformação do crânio) e da antropometria (processo ou técnica de mensuração do corpo humano ou de suas várias partes), teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos.” Disto irá surgir a antropologia criminal, cuja hipótese basilar residia na “natureza biológica do comportamento criminoso”, defendida por Cesare Lombroso, que postulava ser a criminalidade um fenômeno físico, hereditário e portanto detectável.

A herança poligenista do gabinete antropométrico existente no Ginásio da Bahia, revela a orientação da ditadura de Vargas em relação à juventude brasileira. Uma aceção de saúde ligada ao controle dos corpos, revelando pressupostos eugênicos, é indicada na documentação relativa a este gabinete, cujo modelo de fichas é apresentado nos anexos deste trabalho.

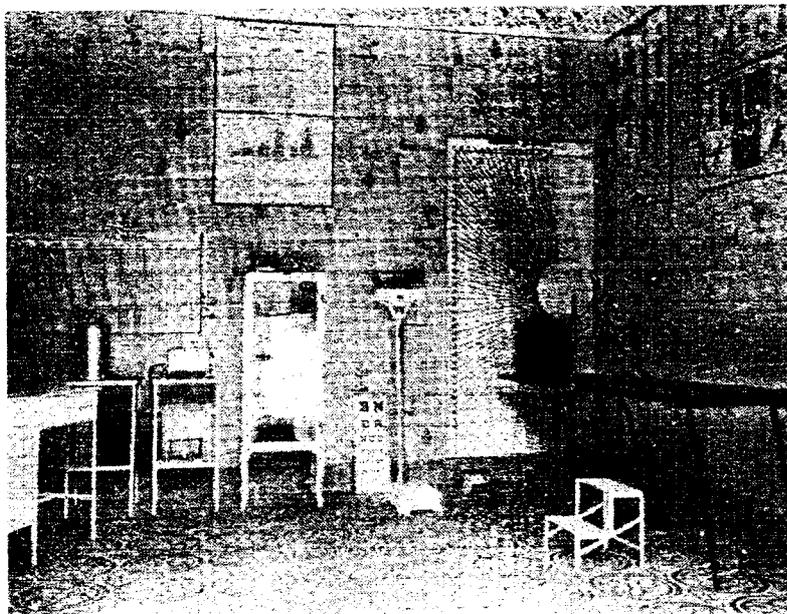


Figura 5: Gabinete Antropométrico do Ginásio da Bahia

Como se pode verificar nessas fichas, o estudante, com este exame, passava a ter seu corpo rigorosamente esquadrinhado, nos moldes das idéias eugenistas então em voga.

Neste diapasão, Eliana Dutra (1997, p. 185), em *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*, nos indica que, na ditadura Vargas, o sentimento de nacionalidade será construído a partir de iniciativas governamentais incrementada no segundo semestre de 1936. De acordo com a autora,

Essas iniciativas são empreendidas através de demonstrações patrióticas, paradas militares, sessões cívicas, desfiles escolares, de clubes recreativos e de escoteiros e até mesmo exposições de cantos orfeônicos, como a realizada por “trinta mil crianças”, segundo a imprensa, regidas por Villa Lobos, na comemoração do Dia da pátria, em 1937, na capital federal.

A juventude brasileira é convocada, pelo Estado, para ir às ruas demonstrar o seu amor à pátria. Uma “pátria-moral”, alicerce e referência para seus cidadãos. Esse amor deve estar relacionado a uma pátria sem dissensões partidárias, rivalidades regionais, infiltrações estrangeiras, idéias internacionalistas tais como as dos “cupins bolchevistas”. Devoção a “uma

pátria – una, forte, pelo culto das suas tradições, de seus heróis, de sua língua, de sua religião, de seus valores e costumes.”(DUTRA, 1997, p.184-185).

Em *A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália Fascista e os Estados Unidos da década de 1950*, Luisa Passerini (1996) analisa o papel da juventude no regime fascista italiano, indicando que o fascismo herdou da guerra a ênfase nos jovens que acompanharia o regime durante os vinte anos em que dominou o país. A maneira de considerar a questão, entretanto, já se havia configurado em parte antes da tomada do poder por Mussolini em 1922. A representação desta juventude se fez imprimir por atributos ligados à masculinidade e virilidade, uma vez que estes bem representavam o belicismo e a violência necessários para o triunfo da guerra.(PASSERINI, 1996, p.321). A partir de 1927, os membros das organizações juvenis passarão a ingressar no Partido Nacional Fascista. Neste,

“A organização dos jovens era paramilitar, como indicavam os nomes romanos das formações (centurias, coortes, legiões); a mística da ação e da violência continuava a ser estritamente ligada à visão da juventude em conexão com as idéias de virilidade e heroísmo. (PASSERINI, 1996, p.326).

Às moças reservou-se o lugar de filhas e irmãs, de estudantes, amigas, enfim, coadjuvantes num segundo plano, recomendando-lhes cumprir as tarefas concernentes a estes papéis “com bondade e alegria, embora o dever às vezes seja cansativo”; “servir e amar a pátria como a maior de todas as mães”; “ter coragem de opor-se a quem aconselha o mal e ironiza a honestidade”; “educar o corpo para vencer os esforços físicos e a alma para não temer a dor” e “amar o trabalho que é vida e harmonia”.(PASSERINI, 1996, p.326).

Vestidos de branco, os estudantes marcham nas festivas Paradas da Raça. Seus corpos devidamente esquadrihados traduzem a rigidez das propostas para a juventude de então. O ideal de pureza, beleza, juventude, saúde e vigor percorre as ruas da nação, desfraldando sua bandeira, fazendo rufar caixas claras, marchando, sob a inspiração de palavras como as pronunciadas por

Vargas, pelo rádio, em 1º de janeiro de 1937, com “a força da fé nos destinos da pátria, cada vez mais digna do nosso amor, cada vez mais nobre, mais bela e feliz”

Segue a mocidade pelas ruas, embalada pelo som das palavras de Vargas cujo sotaque fascista é claramente identificável. No Ginásio da Bahia, espetáculos desta ordem se fizeram registrar, naqueles momentos. Orgulhosos em defender a pátria, os jovens festejaram, minimizando o conteúdo totalitário das propostas do Estado Novo.

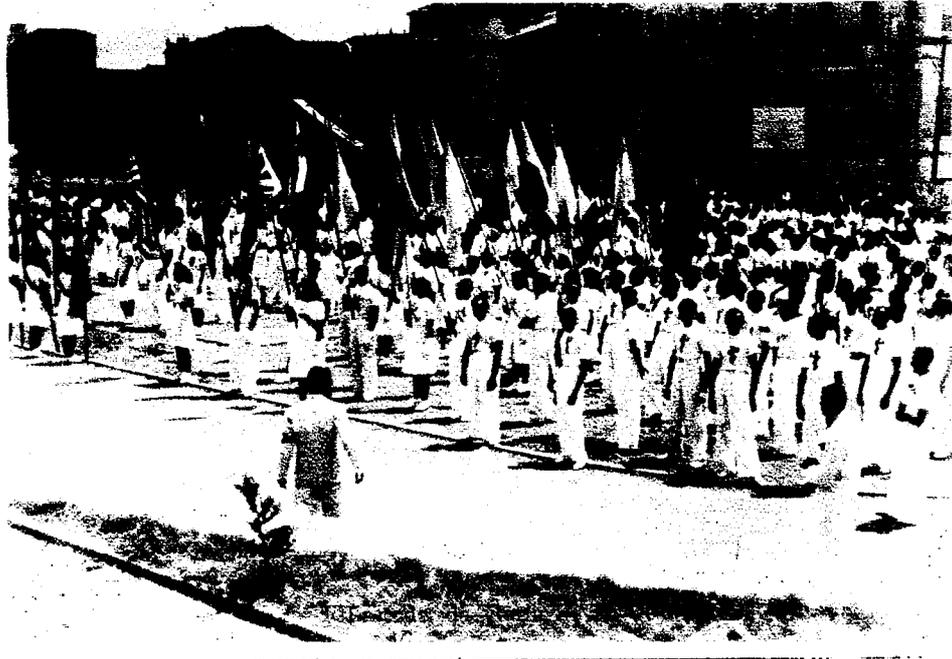


Figura 6: Ginásio da Bahia no “Dia da Raça”

CAPÍTULO II

2 “Do teu peito o saber se irradia”: os promotores do *banquete*

*“Nossa ambição é grande;
queremos a verdade, a beleza, a vida moral para todos.”*

Dr. Alfredo Constantino Vieira(1866-1943),
Professor de Ginásio da Bahia

2.1 Ritos de entrada, formação acadêmica, contratados e concursados

As cenas destes desfiles, mencionados no primeiro capítulo, nos fazem questionar - quem foram os condutores desta juventude? E no nosso caso, mais especificamente, quem eram os orientadores da mocidade do Ginásio da Bahia ? Como era constituído o corpo docente do Ginásio? Este pode ser considerado como uma elite intelectual?

Reportemo-nos, para ilustrar a questão, ao concurso à cadeira de Latim ocorrido de 2 a 20 de julho de 1929. Tal processo constituiu uma das mais célebres disputas a cátedra ocorridas no GB, pelas circunstâncias que o cercaram, tanto no que concerne a eventos envolvidos em sua realização, quanto à nomeação daquele que alcançara o primeiro lugar. Detalhes do referido concurso são mencionados pelos professores Gelásio de Farias e Conceição Menezes em sua obra aqui citada. O candidato aprovado, Deraldo Dias de Moraes, no momento da posse, leu para a atenta audiência “A Fábula dos Homens Bichos”, peça que lhe rendera dez dias de suspensão e que, no parecer de Farias e Menezes, “muito concorreu para a vulgarização não somente da dita fábula, mas também do motivo que a dictou ao seu autor.” (FARIAS; MENEZES,1937, p. 312).

A cerimônia de posse teve lugar no Salão Nobre do Ginásio da Bahia, ambiente cuja pompa se expressa no mobiliário em forma de sala de audiência, com direito a uma tribuna, signo da oratória. Ali ocorreram muitas vezes sessões solenes quando da posse de algum

candidato às cadeiras do Ginásio, em momentos festivos concernentes às datas cívicas, ou em momentos onde a Congregação esteve reunida para tratar de questões referentes à entidade.

Por mais solene e rígido que pudesse ser caracterizado um concurso público, numa instituição dessa natureza, o fato aqui comentado nos revela nuances muitíssimo interessantes no que se refere ao jogo travado nos bastidores do Ginásio. Nos seus corredores esses sujeitos históricos irão estabelecer, ainda que sob a aparência de cordialidade, relações em determinados momentos bastante conflituosas. É justamente dessas relações sociais que se estabelecem no espaço intra-muros do Ginásio, e principalmente no espaço relacionado ao poder, que vamos tratar neste capítulo.

Retomemos o concurso de 1929. O processo seletivo para o corpo docente era constituído de quatro exames, como se observa no *Discurso pronunciado pelo Dr. Deraldo Dias ao tomar posse do cargo de Professor Cathedratico da 2ª Cadeira do Gymnasio da Bahia, em 10 de Agosto de 1929*. De acordo com este documento, as notas eram conferidas por cada examinador, indicando-se as disciplinas ministradas por este e as provas pelas quais passou o candidato, conforme o quadro de avaliação reproduzido abaixo:

Quadro 4: O julgamento do candidato dr. Deraldo Dias

Professores	Disciplina que lecionavam	Tese livre escolha	Tese ponto sorteado	Prova pratica	Prova oral
Dr. Gelasio de Abreu Farias	Latim	10	10	10	10
Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho	Francês	10	10	10	10
Dr. Aristides Pereira Maltez	Chimica	10	10	10	10
Dr. Bernardino José de Souza	Historia Universal	10	10	10	10
Prof. Cassiano da França Gomes	Português	10	10	10	10
Prof. Francisco da Conceição Menezes	Historia do Brasil	10	10	10	10
Engº Joaquim Ignacio Tosta Filho	Inglês (Director)	10	10	10	10
Dr. João Gustavo dos Santos Filhos	Allemao	10	10	10	10
Dr. Heitor Prager Fróes	Francês	10	10	10	10
Conego Christiano Alberto Müller	Grego	10	10	10	10
Dr. Francisco M. de Góes Calmon	Historia Universal	10	10	10	9
Dr. M. A. Pirajá da Silva	Historia Natural	8	9	10	8
Dr. Pedro Leal	Geographia	5	5	7	4
Cirurgião-dentista J. Martins Rosas	Algebra e Geometria	8	9	7	6
Dr. Constantino Vieira	Arithmetica	5	3	10	4

Cada candidato deveria apresentar, como primeira prova, uma tese original, publicada em três cópias. A exposição de um ponto sorteado dentre vinte previamente estabelecidos constituía uma segunda prova (sob a forma de tese), havendo mais uma prova prática e uma prova oral.

Participaram desta banca quinze professores, representantes das diferentes cadeiras. Naquele concurso, eram membros da banca os professores de latim, grego, português, inglês (diretor), francês, alemão, história universal, história do Brasil, história natural, geografia, química, álgebra, geometria e aritmética.

Analisando-se o quadro de notas, “salta aos olhos” a grande disparidade entre a avaliação da maioria e as baixas notas conferidas principalmente por dois dos membros da banca, cuja presunção é criticada metaforicamente na “Fábula dos Homens Bichos”, pelo professor Deraldo de Moraes.²¹

Os concursos eram disputados e se faziam envolver por uma aura de *glamour* acadêmico. Fazer parte do corpo docente do GB, enquanto catedrático, significava uma das mais altas honrarias a que poderia granjear um intelectual em Salvador do início do século. Uma vez conseguida a cátedra, o dignitário desta estaria automaticamente laureado com um status diferenciado naquela cidade de população pouco letrada. O catedrático do Ginásio da Bahia gozava dos mesmos privilégios dos catedráticos da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito. Muitas vezes, como veremos adiante, tais professores pertenciam a dois desses espaços acadêmicos, o que se configurava como currículo invejável para os demais lentes.

Importante referência, para o Ginásio da Bahia, era a sua Congregação. Compor a mesma constituía indicação de status e poder perante a comunidade acadêmica. Seus membros

²¹ “A Fábula dos Homens Bichos” retrata os conflitos existentes nos bastidores do Ginásio. Nela, o prof. Deraldo de Moraes ridiculariza os professores que lhe conferiram notas baixas transformando-os em raposa velha, macaco de cheiro, cachorro, cágado, em pombo roxo, o seu concorrente; e a si mesmo, em borboleta.

eram signatários de respeito perante os demais professores e a eles era conferida a condição de exemplo de postura intelectual, idoneidade e probidade moral. À Congregação do Ginásio da Bahia cabiam as decisões mais importantes da instituição, assim como o cancelamento dos concursos dos catedráticos.

O Art. 47 da lei 117, de 1895, pela qual foi criado o GB, prescrevia que “O Corpo docente do Ginásio compor-se-á dos lentes, substitutos e professores, os quais constituirão a sua congregação. Nesta, os professores somente tomarão parte e terão voto, quando se tratar de assumpto relativo às suas aulas.” No entanto, sabe-se que as quatorze cadeiras do salão nobre eram ocupadas apenas por aqueles mais insignes na instituição: diretores e catedráticos.



A Congregação do Ginásio em 1916

Figura 7: Congregação do Ginásio da Bahia em 1916

Os concursos eram noticiados nos periódicos soteropolitanos, como se lê neste anúncio do jornal *A Tarde*, datado de 14 de setembro de 1944:

Concurso no Colégio da Bahia para a cadeira de matemática

“Terão início, no dia 16 deste o julgamento de títulos, pela Congregação, as provas do concurso para o provimento da cadeira de matemática do Colégio da Bahia. São candidatos à referida cadeira o dr. Sócrates Marback de Oliveira e o eng. Luiz de Moura Bastos. A comissão julgadora será integrada dos profs. José Martins Rosas e Antonio Figueiredo, do Colégio da Bahia. Leopoldo Amaral, da Escola Politécnica; Afonso de Souza Pitangueira, da Faculdade de Filosofia; e Solon Guimarães.

As formas de ingresso na instituição definiam a hierarquia entre os lentes que ali ensinavam. Não havia um período tempo específico para a permanência dos que ingressavam, por contrato, na instituição²². Estes podiam ser ou não posteriormente recontratados, ou ainda ascender à condição de catedráticos, prestando concurso. Em alguns casos, como o do Prof. Inácio Tosta, o docente poderia ingressar no educandário diretamente por concurso, assumindo, assim, a condição de destaque que a cátedra lhe conferia.

Muitas vezes, relações políticas estavam em jogo, principalmente no ingresso por contrato. Alguns professores, como pudemos apreender de entrevista realizadas com ex-alunos²³, conseguiam os cargos de lentes ou eram dispensados destes em função da sua maior ou menor proximidade com os governantes do Estado, ou seu grupo político. Enquanto os concursos obedeciam a regras de transparência e lisura, que protegiam a seriedade dos mesmos, os contratos, por vezes, estavam contaminados pelos vícios das relações políticas de apadrinhamento, o que, em alguns casos, poderia comprometer a qualidade do ensino ministrado no Ginásio da Bahia.

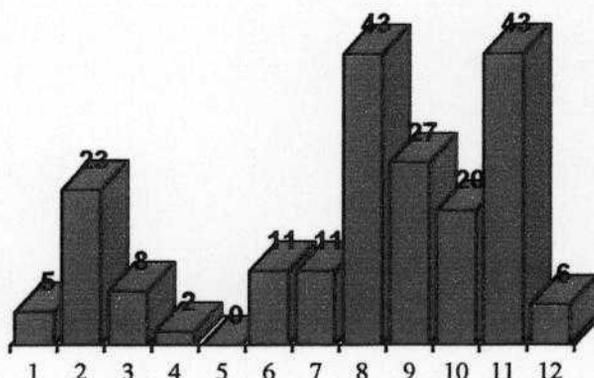
Para compor um quadro do perfil do corpo docente do Ginásio da Bahia organizamos um banco de dados com o total de 199 docentes que atuaram na instituição durante o período ao qual se refere a presente pesquisa.

²² Nas folhas de pagamento encontramos contratados pelos mais diversos períodos.

²³ Entrevista concedida por João Carlos Tourinho Dantas em 11.06.2002.

Quadro 5: Ingresso de docentes no Ginásio da Bahia

N. do Período	Período de entrada	Casos: 199	%
1	1871- 1890 (LPB)	5	2,5
2	1890-1895 (IOES)	23	11,5
3	1895-1900 (GB)	8	4,0
4	1901-1905 (GB)	2	1,0
5	1906 -1910 (GB)	0	0,0
6	1911-1916 (GB)	11	5,5
7	1917-1923 (GB)	11	5,5
8	1924-1929 (GB)	43	21,6
9	1930-1933 (GB)	27	13,5
10	1934-1936 (GB)	20	10,0
11	1937-1940 (GB)	43	21,6
12	1941-1942 (GB)	6	3,0

Gráfico 1: Ingresso de docentes no GB**Ingresso de docentes no GB**

1.1871-1890 = 2,5 %
2.1890-1895 = 11,5 %
3.1895-1900 = 4,0 %
4.1901-1905 = 1,0 %
5.1906-1910 = 0,0 %
6.1911-1916 = 5,5 %
7.1917-1923 = 5,5 %
8.1924-1929 = 21,6%
9.1930-1933 = 13,5 %
10.1934-1936 = 10,0 %
11.1937-1940 = 21,6 %
12.1941-1942 = 3,0 %

Como podemos observar no quadro e gráfico acima, nos oito anos que precedem a extinção do Bacharelado em Letras e Ciências, ocorrida em 1931, a instituição alcança a maior frequência no que concerne à entrada de docentes. Isto nos leva a pensar que o Ginásio da Bahia não previa a extinção iminente do Bacharelado. Por outro lado é importante ter em conta que no Colégio Pedro II, o Bacharelado havia sido extinto vinte anos antes, indicando a relativa autonomia que o Ginásio da Bahia gozava em relação àquele

educandário. De fato, segundo *A Tarde* de 16.01.1932, o decreto federal n. 18.890²⁴, publicado em 18 de abril de 1931, que reformava a instrução secundária foi recebido, em todo o país, com protestos e reclamações.

Outro momento em que houve um grande número de contratações foi imediatamente após a criação do Curso Complementar, o que se explica pela necessidade de docentes qualificados para as novas orientações curriculares.

É lícito qualificar o corpo docente do GB como uma elite intelectual, por não ser raro encontrar os seus professores exercendo profissões liberais de prestígio e compondo outros círculos intelectuais em Salvador. Tal fato é indicado nas tabelas e gráficos seguintes:

Quadro 6: Formação acadêmica dos docentes (total)

Formação acadêmica	Casos: 199	%
Sem dados	25	12,5
Com dados	174	87,4

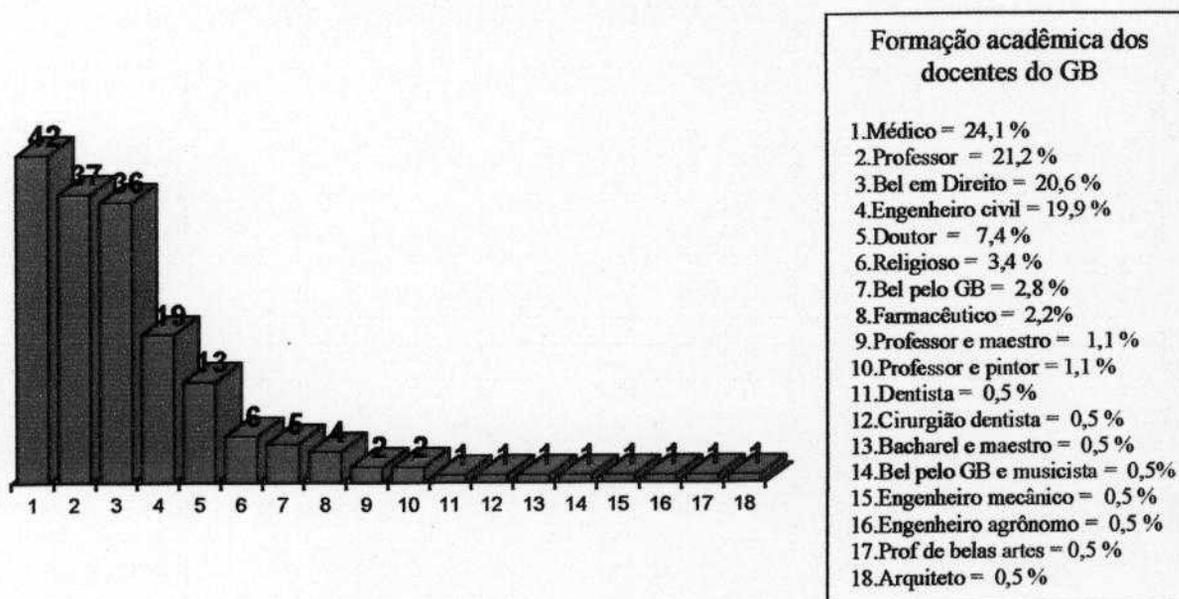
Quadro 7: Formação acadêmica dos docentes (com dados)

Formação acadêmica	Casos: 174	%
1 Médico	42	24,1
2 Professor	37	21,2
3 Bacharel em Direito	36	20,6
4 Engenheiro civil	19	10,9
5 <i>Simplesmente qualificado como Doutor</i> ²⁵	13	7,4
6 Religioso	6	3,4
7 Bacharel pelo GB	5	2,8
8 Farmacêutico	4	2,2
9 Professor e maestro	2	1,1
10 Professor e pintor	2	1,1
11 Dentista	1	0,5
12 Cirurgião dentista	1	0,5
13 Bacharel e maestro	1	0,5
14 Bacharel pelo GB e musicista	1	0,5
15 Engenheiro mecânico	1	0,5
16 Engenheiro agrônomo	1	0,5
17 Professor de belas artes	1	0,5
18 Arquiteto	1	0,5

²⁴ Esta reforma do ensino secundário estabelecia, dentre outras coisas: a divisão do curso ginásial em duas partes: Curso fundamental, em cinco anos e curso complementar em dois anos; extinção do bacharelado e destituía o direito dos professores de elaborarem seus programas.

²⁵ Na documentação consultada consta apenas a expressão *Doutor*, sem fazer menção à procedência do título.

Gráfico 2: Formação acadêmica dos docentes do GB



A reputação de alta qualificação do corpo docente sempre esteve associada ao Ginásio da Bahia. Pela cidade do Salvador eram conhecidos os “Tubarões”, professores catedráticos do Ginásio que também ensinavam nas Faculdades de Medicina, Direito e Engenharia. Temidos pela rigidez e pela fama de reprovadores, as relações sociais que se estabelecem no ambiente escolar são plasmadas nesta percepção que os jovens têm de seus mestres.

As categorias de professores que deveriam atuar no Ginásio estão estipuladas na já citada Lei 117, de 24 de agosto de 1895, que cria o educandário. Esta dispõe, em seu Cap. 2, intitulado “do corpo docente”, no art 47, que “O Corpo Docente do Gymnasio compor-se-á dos lentes, substitutos e professores”. Estes, segundo o art 49, eram obrigados a trabalhar semanalmente do mínimo de 12 horas até o máximo de 18 horas, em suas cadeiras ou em outras por designação do diretor ou resolução do governo.

Os lentes aparecem nas folhas de pagamento de 1901 até 1936, compondo o corpo permanente de professores do estabelecimento. A partir de 1937, nesta mesma fonte

documental, estes passarão a ser designados como lentes catedráticos. Neste mesmo ano encontramos os professores jubilados, que aqui correspondem aos aposentados, sendo denominados apenas catedráticos, uma vez que não mais lecionavam. Em 1940, a designação de catedrático se estende para todos os que compunham o professorado permanente, sendo estes catedráticos concursados ou interinos.

Quanto ao substituto, segundo o art 50 da lei 117, sua nomeação devia ser feita pelo governo, sob proposta da congregação, depois da aprovação em concurso. Esses funcionários poderiam passar a lentes, nas vagas das respectivas cadeiras.

Em paralelo ao professorado permanente estavam os professores contratados, que deviam permanecer no GB pelo mínimo de um ano. Esta categoria consta dos registros, pela primeira vez, em função do aumento do número de discentes de 404, em 1925, para 502, em 1926.²⁶

Como demonstra o quadro 8, seguinte, o maior número de professores que compusera o corpo docentes do GB era de contratados, ou seja, não ilustres. Estes docentes são responsáveis, apesar da pouca visibilidade que contavam, pelo ensino no Ginásio da Bahia, nos 47 anos em que a instituição existiu.

Quadro 8: Número de docentes de cada categoria ingressos por período

Período de entrada	Catedráticos e contratados					Total
	Sem dados	Lente	Contratado	Catedrático	Preparador ²⁷	
1971- 1890 (LPB)	0	4	0	1	0	5
1890-1895 (IOES)	1	15	3	4	0	23
1895-1900 (GB)	1	3	1	3	0	8
1901-1905 (GB)	0	0	1	1	0	2
1906-1910 (GB)	0	0	0	0	0	0
1911-1916 (GB)	2	0	1	7	1	11

²⁶ No capítulo 3 registramos o crescimento número de alunos do GB.

²⁷ Ao preparador cabia a tarefa de dar aulas práticas de química, física e história natural.

1917-1923 (GB)	0	1	3	7	0	11
1924-1929 (GB)	0	0	25	17	1	43
1930-1933 (GB)	0	0	21	6	0	27
1934-1936 (GB)	0	1	16	3	0	20
1937-1940 (GB)	0	0	38	4	1	43
1941-1942 (GB)	0	0	6	0	0	6
Total	3	24	115	53	3	199

Cruzando-se os dados do quadro 8 com formação acadêmica destes profissionais, concluímos que esta nem sempre definia a importância do docente na instituição, como se pode observar na tabela seguinte; onde um grande número de bacharéis em Direito, médicos e engenheiros constam como contratados.

Quadro 9: Número de professores de cada categoria X Formação acadêmica (total)

Formação acadêmica	Contratados e concursados					Total
	Sem dados	Lente	Contratado	Catedrático	Preparador	
Sem dados	1	-	19	4	1	25
Com dados	3	24	96	49	2	174
Total	4	24	115	53	3	199

Quadro 10: Número de professores de cada categoria X Formação acadêmica (com dados)

Formação acadêmica	Contratados e concursados					Total
	Sem dados	Lente	Contratado	Catedrático	Preparador	
Professor	0	6	23	8	0	37
Bacharel pelo GB	0	0	4	1	0	5
Bacharel em Direito	1	3	23	9	0	36
Médico	1	10	16	14	1	42
Engenheiro	0	0	13	6	0	19
Religioso	0	1	3	2	0	6
Farmacêutico	0	2	1	0	1	4
Dentista	0	0	1	0	0	1
“Doutor”	1	2	5	5	0	13
Professor e maestro	0	0	1	1	0	2
Professor e pintor	0	0	1	1	0	2
Arquiteto	0	0	1	0	0	1
Bel pelo GB e musicista	0	0	1	0	0	1
Engenheiro mecânico	0	0	0	1	0	1
Cirurgião dentista	0	0	0	1	0	1

Professor de belas artes	0	0	1	0	0	1
Bacharel e maestro	0	0	1	0	0	1
Engenheiro agrônomo	0	0	1	0	0	1
Total	3	24	96	49	2	174

2.2 As cores do saber

Uma vez observados os critérios relativos à composição profissional do corpo docente da instituição, tratemos de outro aspecto relevante, qual seja as relações inter-étnicas estabelecidas no educandário. Do ponto de vista das relações sociais, o Ginásio da Bahia, tanto no que concerne à composição do seu corpo docente e discente, quanto às relações estabelecidas entre seus membros, deve ser analisado à luz do quadro histórico da extinção da escravidão e transição ao trabalho livre, e posterior difusão do mito da democracia racial na era Vargas.

A fase no decorrer da qual será criado o Ginásio da Bahia é caracterizada por Célia Maria Azevedo, em sua obra *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*, como a circulação dos discursos emancipacionistas que culminarão nos projetos abolicionistas, e emergência dos projetos imigrantistas, cujo caráter racial também se faz evidente, a partir do momento que priorizam o imigrante branco europeu para a solução do trabalho livre. (PONTES,2000, p.39)

No meio intelectual podemos localizar um ideário positivista-evolucionista, em que modelos de análise baseados em teorias raciais deterministas destacam a percepção do avanço atingido pela miscigenação. Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Viana, pensadores da época, adaptam e/ou recriam modelos raciais provenientes das teorias estrangeiras sobre a desigualdade entre os homens. (PONTES,2000) Lilia Moritz Schwarcz, estudando as idéias raciais e os intelectuais e instituições no Brasil, em *O Espetáculo das Raças*, aponta a

expansão dessa preocupação com a mestiçagem, e as soluções que são pensadas e aplicadas pelas elites, qual sejam o imigrantismo e o branqueamento racial. Os intelectuais responsáveis pela propagação destas idéias, em geral, situavam o Brasil como país mestiço. (SCHWARCZ, 1993)

A fase iniciada na década de 30 do século XX, quando se instaura a era Vargas, é caracterizada por forte conteúdo nacionalista, “dando impulso à busca da identidade nacional.” No momento anterior esteve vigente o racismo científico, fundado em postulados focalizando o biótipo e que consignaram ao negro e ao mulato uma condição de inferioridade em relação ao branco. *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e estudos de cunho antropológico realizados na Bahia por Donald Pierson, (fornecedor do arcabouço teórico consagrado nas obras de Thales de Azevedo), difundirão o mito da democracia racial (PONTES, 2000, p.40).

Desloquemos o foco da seara das linhas teóricas para a discussão política travada pelas organizações responsáveis pela conscientização do negro na nossa sociedade. Jeferson Bacelar (2001) aponta, como origem das entidades engajadas na discussão das questões raciais, a Frente Negra Brasileira constituída no início da década de 1930. Inicialmente, em 1931 foi fundada a Frente Negra em São Paulo, cujo jornal *A Voz da Raça* começou a circular em 1933. Será um baiano, de trajetória de vida assaz interessante, o criador da referida organização:

O seu idealizador, Marcos Rodrigues dos Santos, em entrevista à grande imprensa, falou de sua trajetória de vida: ... conta que sendo de Santo Antônio de Jesus ..migrou por vários locais até que fundou em Santos a Frente Negra, conseguindo alistar quatro mil negros. Em 1932, apertaram as saudades e vim para a mulata velha. (BACELAR, 2001, p.143)

A Frente Negra da Bahia, instalada em 1933, tinha como objetivos a “defesa dos direitos e interesses da sua classe”, a “Alfabetização”, “levantamento moral da raça”, e a “criação de uma nova imagem para a mulher negra, daí a institucionalização de um quadro

social feminino”. Além desta Frente tivemos a sociedade Educadora Treze de Maio – criada com finalidades educacionais e de controle sobre a massa egressa da escravidão – e a Liga Henrique Dias, presumivelmente formada por pretos (BACELAR, 2001, p.143-144).

Sob um outro enfoque, Thales de Azevedo, em *As Elites de Cor numa Cidade Brasileira*, expõe resultados de suas pesquisas, realizadas nos anos 40, do século XX. Azevedo reproduz depoimentos de pessoas negras:

Os Homens de cor devem muito aos brancos; estes é que exaltam os negros de valor, projetando os seus nomes e as suas obras”, afirmou um mulato escuro. “No meio intelectual, diz outro informante, não há preconceito algum de cor”. Assim é que a Academia de Letras da Bahia, instituição que reúne muitos dos intelectuais baianos de mais nomeada, teve entre seus 41 fundadores 8 mulatos de vários tons. Um destes, já conhecido como excelente educador (Carneiro Ribeiro), veio a tornar-se nacionalmente célebre por suas obras sobre gramática portuguesa e pela polêmica que manteve sobre questões de lingüística, com o seu antigo discípulo Ruy Barbosa (AZEVEDO, 1996, p.139)

O conservadorismo, portanto, foi o responsável pela Frente Negra de Salvador ser tão “rejeitada pela elite mestiça, auto-identificada socialmente como branca, bem como pelos pretos que atingiram alguma prosperidade material.” (BACELAR, 2001, p.150).

No Ginásio da Bahia, instituição cujos intercursos, como vimos, são bastante visíveis com outras academias e círculos intelectuais de Salvador, haverá um espaço mais ou menos elástico, no que se refere à presença de professores mulatos, embora a grande maioria, realmente, se constitua de professores considerados brancos. Neste panorama destacamos dois sujeitos históricos, diametralmente opostos, no que se refere à condição social de origem: Gelásio de Abreu Farias e Francisco Henrique da Conceição Menezes. Farias e Menezes, conforme indicado anteriormente, são co-autores da obra *Memória Histórica do Ensino Secundário na Bahia*, lançada em edição comemorativa, em 1937, quando dos cem anos do Ginásio. Os autores destas Memórias representam, por certo, uma bela imagem das relações raciais desenvolvidas no estabelecimento.



Figura 8: Francisco da Conceição Menezes e Gelásio de Abreu Farias

Analisemos a trajetória dos referidos professores. Gelásio de Farias, bacharel pelo Ginásio da Bahia em 1902, bacharel em Direito, embora tendo atuado pouco nesta área, professor de latim e grego desde 1914, era decano do GB nos anos 30. Homem reconhecidamente culto nos círculos intelectuais pelos quais transitava, a exemplo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Conselho Superior de Ensino (onde esteve presente de 1926 a 1932), além do Grêmio Beneficente do Professorado Bahiano, latinista consagrado, autor de epigramas muitas vezes cáusticos para com seus pares, o professor Gelásio de Farias, com suas polainas e o famoso cravo branco na lapela (item indispensável de sua indumentária sempre impecável), representava bem o ideário da cultura européia²⁸ (MATTA, 1996, p.52).

Francisco Henrique da Conceição Menezes, professor de História e Diretor do Ginásio da Bahia de 1939 a 1945, hoje dá nome ao pavilhão principal do Colégio Estadual da Bahia - Central. Na placa, com a qual foi inaugurada a referida homenagem, constam as seguintes palavras: “Nesta casa Francisco da Conceição Menezes fez-se mestre de várias gerações sobretudo preparando-as para a vida. Foi bom e justo, sábio e simples. Razões do reconhecimento e do amor que lhe devotam os seus eternos discípulos. 1896 – 6 de Agosto –

²⁸ Sua erudição é expressa em versos de sua autoria: “Em várias línguas eu leio/ Em línguas mortas e vivas.”

1996.” Negro (apelidado de Zulu), de origem humilde, cursou a Escola Normal se tornando professor primário. Catedrático pelo Ginásio da Bahia, em função de concurso prestado em 1927, tornou-se bacharel em Direito nos anos 30.

Nas fotografias reproduzidas em seguida, vê-se a figura do Prof. Conceição Menezes²⁹. Apaziguador, conciliador por excelência, na fotografia de 1935, no canto esquerdo da segunda fila dos catedráticos, numa postura de humildade e recolhimento aparece o Prof. Conceição, quase escondido, enquanto que o Prof. Gelásio sentado à frente, na primeira fila, ocupa uma posição de destaque. Na segunda fotografia de 1940, o professor está à frente das alunas sistematicamente enfileiradas, assumindo a postura de um comandante. Este cuja imagem sempre revelou doçura e afetividade para com seus alunos, incapaz de alterar a voz em qualquer circunstância por mais premente que se configurasse, e querido por todos³⁰, encarnava a maleabilidade com que se estabeleciam as relações dentro do Ginásio.



Figura 9: Congregação do Ginásio da Bahia em 1935

²⁹ Interessante, no que toca à representação racial, é o que se faz notar nas pinturas que retratam o prof. Conceição Menezes, onde o mesmo aparece com todos os matizes de pele possíveis, do moreno mais claro à epiderme mais escura. Sendo indubitavelmente negro, sofre um embranquecimento nas representações.

³⁰ Voz uníssona em todos os entrevistados que conviveram com o professor Conceição Menezes.

Gelásio de Farias, apesar de atender aos requisitos intelectuais consagrados no Ginásio e ser bastante respeitado por seus pares, não deixou de si uma representação de educador, destacando-se de maneira menos relevante no processo histórico da instituição.

Na verdade, a própria maleabilidade existente no educandário foi a principal responsável pelo *locus* histórico ocupado por Conceição Menezes. Ao adotar uma postura mais flexível, o que não significa que fosse menos rígido em questões disciplinares, o prof Conceição irá se consagrar como pedagogo ímpar, sem se contrapor aos valores tradicionais.

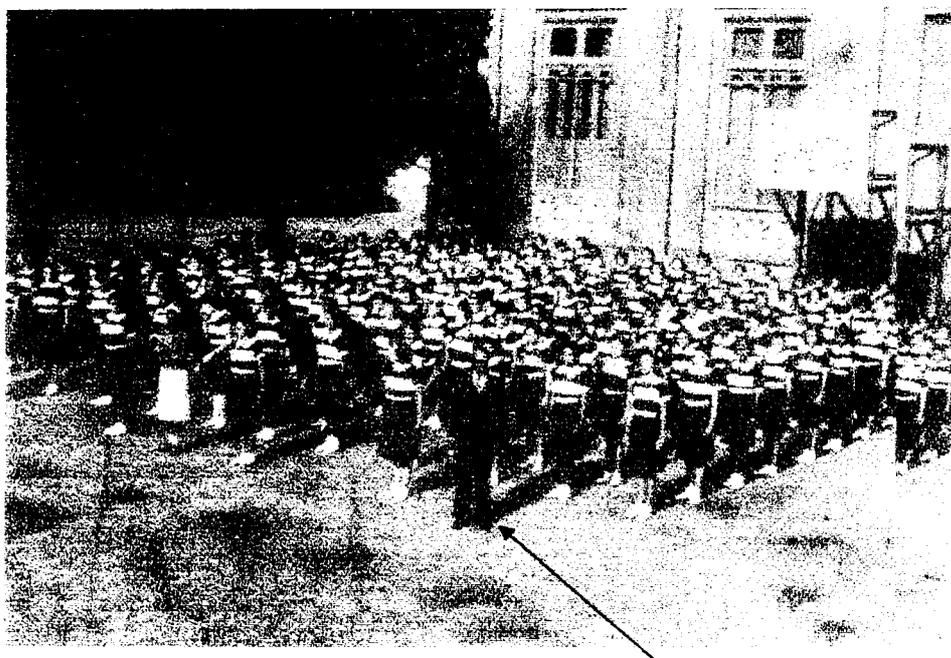


Figura 10: Alunas do Ginásio da Bahia e Conceição Menezes

Conceição Menezes não rompeu com o arquétipo de intelectual europeu consagrado em Salvador, nas primeiras décadas do século XX, uma vez que adotara o mesmo perfil intelectual para ingressar nos círculos do saber. Neste sentido, é perfeitamente plausível a sua presença, por tantos anos, à frente dessa instituição educacional, no quadro conservador

vigente na Salvador letrada de então. Como observa Ari Lima, o ideário humanista nas propostas pedagógicas do Ginásio consiste num “Humanismo parcial que, no Brasil, favorece o segmento social branco” (LIMA,2001, p.285). Podemos ainda acrescentar a esta parcialidade o androcentrismo vigente na instituição, que privilegiava homens em detrimento das mulheres, e a sua orientação elitista, não contemplando as demandas das classes menos favorecidas.

2.3 O mundo masculino do saber – professoras e professores do Ginásio da Bahia

“A mulher de calças.
É uma moda ou uma revolução?
Haverá na Bahia quem se vista também assim?”
(*A Tarde* 03.09.1918, p. 1)

A escola, como qualquer outra instituição da sociedade, é “atravessada pelo gênero”³¹, portanto seria impraticável pensar a instituição “sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (LOURO, 1997, p.89).

Neste ponto, é adequado tecer breves comentários sobre as alterações ocorridas nas representações da mulher. Na formulação de Michelle Perrot, as mulheres são inspiradoras de inúmeras representações, fortes elementos potencializadores do imaginário coletivo relacionadas ao poder das amantes, ao crime, na figura da mentora intelectual, e numa explícita pulsão civilizadora, na figura da mãe (PERROT, 1992, p.168). No final do século

³¹ O conceito de “gênero” indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais”- a criação inteiramente social das idéias sobre papéis próprios aos homens e às mulheres. “Gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. Vale frisar que esse termo foi proposto por aqueles que defendiam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas da disciplina; acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. Tal metodologia implicaria não apenas “uma nova história das mulheres, mas uma nova história”. (SCOTT, 1991).

XIX, a imagem da mulher estava vinculada a atributos de pureza, doçura, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo, dentre outros, que colocavam as mulheres como responsáveis pela beleza e bondade que deveriam impregnar a vida social. A nítida inspiração religiosa que promove tal concepção passará a ser tocada com os movimentos sociais que tomarão força no início do século XX.

No que se refere à educação de meninas, enquanto, para as filhas das elites, priorizava-se o estudo de francês e piano, normalmente ministrados em casa por professoras particulares, ou em escolas de freiras, as garotas oriundas dos extratos sociais mais populares eram preparadas para cozinhar e para as atividades ligadas à agulha (bordar, costurar e fazer renda). Tal divisão não era necessariamente tão definida, uma vez que as mulheres de todas as camadas sociais, sendo “destinadas” aos cuidados do lar, deveriam dominar o conjunto das atividades concernentes a esta esfera.

As concepções acima serão questionadas pelos movimentos sociais emergentes nos finais do século XIX e início do XX. Como observa Louro (2001, p. 446),

Grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticos, como o socialismo ou o anarquismo, não apenas apresentaram propostas para a educação de suas crianças, mas efetivamente as tornaram realidade através da criação de escolas. Essas iniciativas foram especialmente significativas entre os anarquistas, que ainda davam atenção às questões relativas à educação feminina. Nos jornais libertários, eram freqüentes os artigos que apontavam a instrução como “uma arma privilegiada de libertação” para a mulher.

Neste diapasão o voto torna-se foco das discussões de grupos que passarão a constituir o movimento feminista no Brasil. Tal movimento, de acordo com Jane Soares de Almeida (1998, p. 28),

Foi liderado por uma elite feminina letrada, culta e de maior poder econômico, que, a exemplo das suas iguais européias e norte-americanas, não queria ficar ausente do processo histórico. Apesar de, no caso brasileiro, o processo ter se desenvolvido de forma um tanto quanto amena, sem a radicalização das inglesas, por exemplo, as brasileiras, a seu modo, também desafiaram a estruturação social vigente, no que foram muitas vezes apoiadas por homens pertencentes aos meios políticos e intelectuais, e sua

causa serviu, também, às oligarquias que ditavam e normatizavam as regras de então.

A campanha, empreendida através da imprensa, difundia as demandas concernentes ao principal foco do movimento feminista – o voto feminino, como podemos identificar nestas “chamadas” de *A Tarde* de 1931:

“A Mulher vae votar: A Constituinte terá o concurso do suffragio feminino” (*A Tarde*, 07.4.1931,p. 1)

“Tribuna Feminista: A mulher elevando-se intellectualmente não abandonará o sublime papel de filha, esposa e mãe.” (*A Tarde*, 08.4.1931,p. 2)

“A Tribuna feminista: Sustento a Igualdade Intellectual dos dois sexos.” (*A Tarde*, 06.4.1931, p.2).

Como analisa Almeida (1998, p.28), a conquista do voto feminino na década de 30, junto com o declínio da liberdade política decorrente da implantação do Estado Novo, tiveram como consequência um declínio no movimento das mulheres até os anos 60.

Falando-se do papel das docentes, durante todo o período moderno, o magistério sempre esteve ligado à figura masculina. Segundo Louro (1997, p. 92):

O processo educativo escolar, que se instala no início dos tempos modernos, se assenta, pois, na figura de um mestre exemplar. Escrevo no masculino porque o mestre que inaugura a instituição escolar moderna é sempre um homem; na verdade é um religioso. Católicos e protestantes, na disputa de fiéis para suas igrejas (e em suas disputas com os nascentes estados), investirão nas conquistas das almas infantis e, para bem realizar essa missão, irão se ocupar, com um cuidado até então inédito, da formação de seus professores. (...) estes mentores serão “modelos de virtude, disciplinados disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como ma missão que exige doação

A formação de professoras através de escolas normais só passou a acontecer, no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, gerando o que posteriormente ficou conhecido como “feminização do magistério”. Tal processo, que ocorreu em diferentes

países, estava associado ao crescimento do mercado de trabalho masculino, com a urbanização. No entanto, como analisa Louro (2001, p. 450)

O processo não se dava (...) sem resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão *natural*, era alvo de discussões e polêmicas. Para alguns parecia total insensatez entregar à mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso”, a educação das crianças.

Na direção oposta, endossando a saída dos homens das salas de aula para se dedicarem a outras atividades mais rendosas, veio o discurso da importância da maternidade no processo da educação, que também contribuiu para a ampliação do universo feminino, com a legitimação da mulher enquanto professora.

Lentamente o magistério foi feminizado, e neste processo a representação das docentes também passou por alterações significativas. Há de se notar que, mais uma vez, é a voz masculina dos “religiosos, legisladores, pais e médicos” que irá se pronunciar a respeito da mulher:

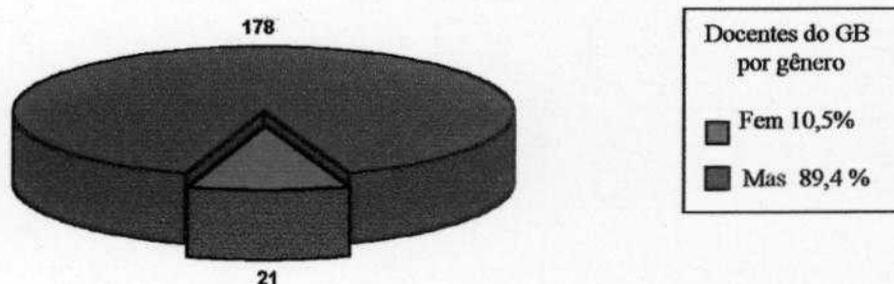
Professoras foram vistas, em diferentes momentos, como solteironas ou “tias”, como gentis normalistas, habilidosas alfabetizadoras, modelos de virtude, trabalhadoras da educação; professores homens foram apresentados como bondosos orientadores espirituais ou como severos educadores, sábios mestres, exemplos de cidadãos [...] Diversos grupos e vozes desenharam esses sujeitos. Do outro lado, eles e elas acataram, adaptaram ou subverteram esses desenhos. Relações de poder estavam em jogo aqui – como em todas as instâncias sociais (LOURO, 1997, p.100).

Tratemos das docentes do Ginásio da Bahia. De uma certa forma, a presença destas professoras na instituição, tocava na vinculação do magistério à maternidade. Uma vez que as mesmas lecionavam em uma escola de excelência, um verdadeiro mundo masculino do saber, a representação destas docentes se distanciava um pouco da imagem da “tia” enquadrando-se, muito mais, no papel da mulher emancipada, profissional devidamente inserida no mercado de trabalho.

No que se refere ao gênero encontramos o seguinte quadro:

Quadro 11: Composição, segundo o gênero, do corpo docente do GB

Gênero	Casos: 199	%
Feminino	21	10,5
Masculino	178	89,4

Gráfico 3: Composição, segundo o gênero, do corpo docente do GB

Os dados acima indicam uma forte predominância de professores do sexo masculino no GB, o que se expressa também em sua Congregação. Entre os catedráticos, presenças femininas não foram encontradas, embora saibamos, através do depoimento dos ex-alunos, que a competência profissional de docentes como Gabriela Sá Pereira se equiparava à de qualquer catedrático do Ginásio³².

A entrada de professoras no GB foi notícia de jornal. Na edição de *A Tarde* de 18 de maio de 1927, o seguinte título se destaca entre outros na primeira página: “Uma moça entre os professores do G. da Bahia. A senhorinha Cajueiro vae leccionar inglez.” A notícia traz a fotografia da recém-formada bacharela em ciências e letras, pelo próprio GB, Heddy Peltier dos Santos Cajueiro (filha do médico clínico Santos Cajueiro), e faz a seguinte reflexão:

³² José dos Santos Pereira Filho, entrevista concedida em 12.04.2002 e outros entrevistados.

Já não são mais motivo de admiração os triumphos do sexo chamado fragil, na luta pela vida. No domínio intellectual, embora mais raros, registram-se de vez em quando entre nós alguns sucessos bem lisonjeiros para a nossa cultura. Agora mesmo, uma jovem acaba de transpôr as portas do magistério secundário, para leccionar, uma cathedra.

Destacando as boas notas que obtivera numa instituição majoritariamente masculina, a primeira mulher a atravessar a barreira daquele mundo masculino do saber era qualificada como “tambem intelligente musicista, sendo o violão o seu instrumento predilecto.”

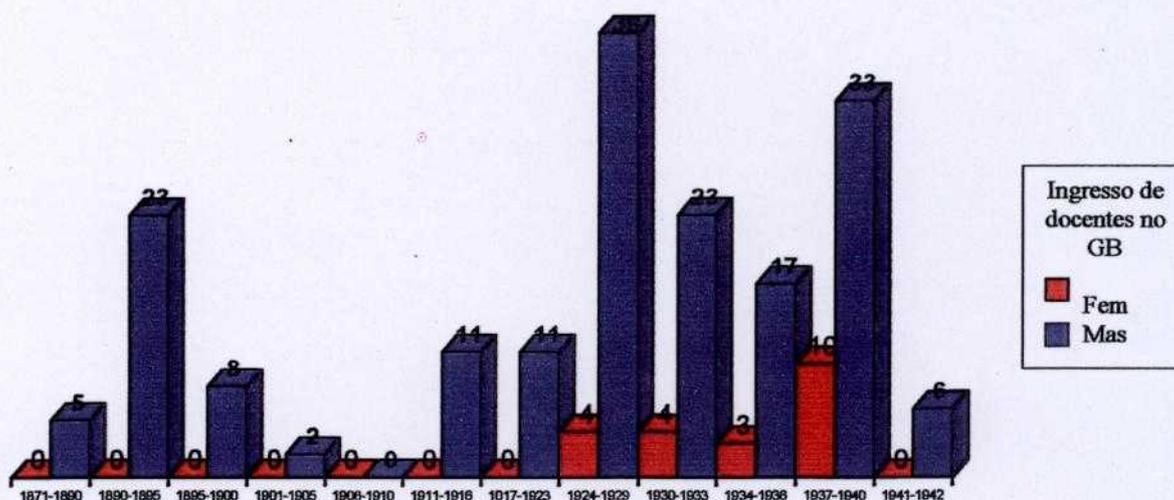
Assumir uma cátedra em 1927, entretanto, não foi o suficiente para que as docentes do Ginásio, ultrapassassem os obstáculos que as separavam do poder intelectual conferido aos professores do sexo masculino. Ainda que professoras ocupassem as cátedras, no GB, jamais se registrou a presença de uma catedrática concursada. Estas profissionais só figuraram enquanto contratadas, ocupando, conseqüentemente, uma posição inferior na hierarquia de poder estabelecida.

Encontramos o seguinte quadro, no que se refere à frequência de contratação de docentes por gênero:

Quadro 12: Ingresso, segundo o gênero, de docentes no GB

N	Período de entrada	Gênero do docente				Casos: 199	%
		F	%	M	%		
1	1971- 1890 (LPB)	0	0,0	5	2,5	5	2,5
2	1890-1895 (IOES)	0	0,0	23	11,5	23	11,5
3	1895-1900 (GB)	0	0,0	8	4,0	8	4,0
4	1901-1905 (GB)	0	0,0	2	1,0	2	1,0
5	1906 –1910(GB)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
6	1911-1916 (GB)	0	0,0	11	5,5	11	5,5
7	1917-1923 (GB)	0	0,0	11	5,5	11	5,5
8	1924-1929 (GB)	4	2,0	39	19,5	43	21,6
9	1930-1933 (GB)	4	2,0	23	11,5	27	13,5
10	1934-1936 (GB)	3	1,5	17	8,5	20	10,0
11	1937-1940 (GB)	10	5,0	33	16,5	43	21,6
12	1941-1942 (GB)	0	0,0	6	3,0	6	3,0
Total		21	10,5	178	89,4	199	100,0

Gráfico 4: Ingresso, segundo o gênero, de docentes no GB



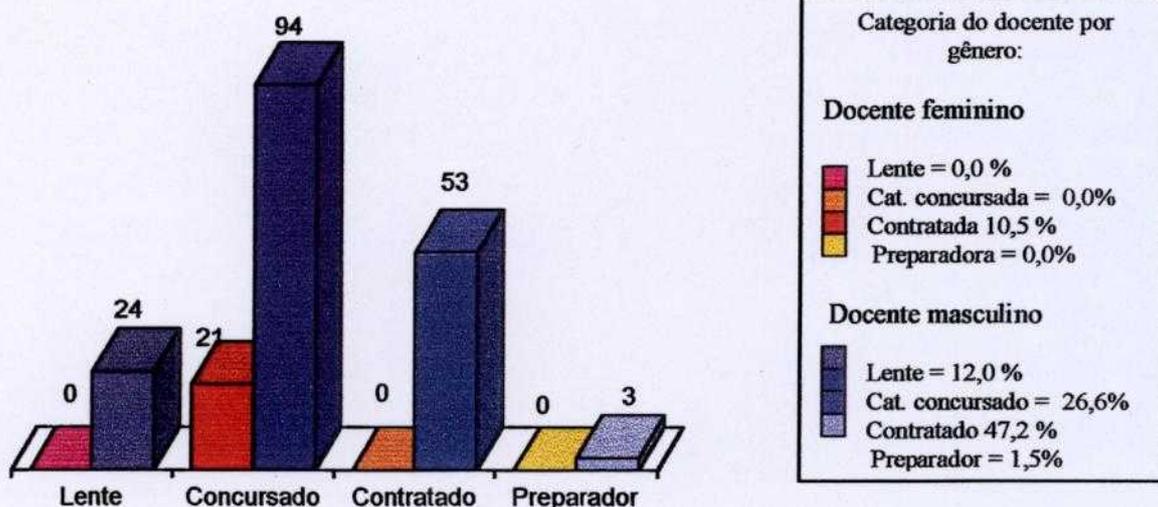
Após a primeira contratação de uma professora em 1927, muito ainda se teria que percorrer para que as condições fossem mais isonômicas, uma vez que apreendemos que, apesar do corpo docente do ginásio passar a ser mixto, isso não contribuiu para alterar as relações de poder na instituição. Como se evidencia nas tabelas abaixo, em nenhum momento encontramos professoras ocupando lugares de poder formal, fazendo parte de sua congregação e/ou catedráticas concursadas, ou mesmo preparadoras, sendo estas funções destinadas apenas aos docentes do sexo masculino. Encontramos, apenas, enquanto contratadas as docentes que ali lecionaram.

Quadro 13: Categorias de docentes segundo o gênero (total)

N	Categorias de docentes	Gênero do docente				Casos: 199	%
		F	%	M	%		
1	Sem dados	0	0,0	4	2,0	4	2,0
2	Com dados	21	10,6	174	87,4	195	97,9

Quadro 14: Categorias de docentes segundo o gênero (com dados)

N	Categorias de docentes	Gênero do docente				Casos: 195	%
		F	%	M	%		
1	Lente	0	0,0	24	12,3	24	12,3
2	Contratado	21	10,7	94	48,2	115	58,9
3	Catedrático concursado	0	0,0	53	27,1	53	27,1
4	Preparador	0	0,0	3	1,5	3	1,5

Gráfico 5: Categoria do docente segundo o gênero

Notemos a composição do corpo docente feminino do GB nos quadros que se seguem. No que concerne à formação acadêmica, parece estar de acordo com a própria presença da mulher soteropolitana em círculos intelectuais:

Quadro 15: Formação acadêmica do docentes do GB segundo o gênero (total)

Formação acadêmica	Gênero do docente				Casos: 199	%
	F	%	M	%		
Sem dados	3	1,5	22	11,0	25	12,5
Com dados	18	9,0	156	78,3	174	87,4

Quadro 16: Formação acadêmica do docentes do GB segundo o gênero (com dados)

N	Formação acadêmica	Gênero do docente				Casos:	
		F	%	M	%	174	%
1	Médico	0	0,0	42	24,1	42	24,1
2	Professor	11	6,3	26	14,9	37	21,2
3	Bacharel em Direito	2	1,1	34	19,5	36	20,6
4	Engenheiro	0	0,0	19	10,9	19	10,9
5	Simplesmente qualificado como Doutor	2	1,1	11	6,3	13	7,4
6	Religioso	0	0,0	6	3,4	6	3,4
7	Bacharel pelo GB	2	1,1	3	1,7	5	2,8
8	Farmacêutico	0	0,0	4	2,2	4	2,2
9	Professor e maestro	0	0,0	2	1,1	2	1,1
10	Professor e pintor	0	0,0	2	1,1	2	1,1
11	Dentista	0	0,0	1	0,5	1	0,5
12	Cirurgião dentista	0	0,0	1	0,5	1	0,5
13	Bacharel e maestro	0	0,0	1	0,5	1	0,5
14	Bacharel pelo GB e musicista	1	0,5	0	0,0	1	0,5
15	Engenheiro mecânico	0	0,0	1	0,5	1	0,5
16	Engenheiro agrônomo	0	0,0	1	0,5	1	0,5
17	Professor de belas artes	0	0,0	1	0,5	1	0,5
18	Arquiteto	0	0,0	1	0,5	1	0,5

2.4 Posturas políticas e práticas pedagógicas

Os catedráticos do Ginásio da Bahia atuavam, em certos momentos, como uma frente compacta, posicionando-se quanto a questões políticas da época. É o que se registra em notícia publicada em 16 de abril de 1909, no *Diário da Bahia*, intitulada “Extermínio dos Índios”. O jornal relata que a Congregação, “profundamente offendida em seus sentimentos de justiça, de humanidade e de patriotismo”, repudiava veementemente, numa moção-protesto, a proposta de extermínio dos índios feita pelo então diretor do Museu de São Paulo, Herman von Ihering, que lançara “a idea do extermínio systematico dos arborigenes ainda restantes nas selvas daquelle Estado, afim de passarem as terras que elles habitam a serem occupadas pelas industrias dos civilizados.”

Os docentes do GB, seguindo os postulados humanistas e conservadores professados no Ginásio, enveredando por uma inspiração rousseuniana, (ligada à concepção do bom selvagem), advogam em defesa dos índios:

Não (há) nenhuma raça humana ineducável e incapaz de progresso, desde que encontre meios propícios ao seu desenvolvimento; não é a que desconhece não existir em parte alguma do mundo, nem mesmo na cultíssima Europa, que os brasileiros tanto amam, tanto admiram e reverenciam, um só tronco racial que já não tivesse sido fetichista, cannibal, estranho ao uso dos metaes, selvagem, em summa, não é a desperta, em seus possuidores, as retrogradadas tendências anti-sociaes e os faz pregarem aos homens a ferocidade para com os seus semelhantes mais fracos e atrasados. (Diário da Bahia, 16 de abril de 1909)

Lembremos que o início do século XX é pontuado por episódios como a missão de “integração pacífica dos índios”, chefiada por Cândido Rondon em 1906, e o posterior surgimento do Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais, em 1910³³. A notícia de 1909, mencionada acima, nos dá indicações sobre o debate civilizador que estava sendo travado naquele momento. A mesma congregação que adota uma posição eurocêntrica irá se concentrar numa postura civilista, ao repudiar a proposta de von Ihering com as seguintes palavras:

Essa sugestão infeliz que repetiríamos in limine se se tratasse de quaesquer que fossem os habitantes do globo, nós a repellimos com indignação e vehemencia tanto maiores quanto se refere a cidadãos brasileiros, todos igualmente protegidos e garantidos pela constituição e pelas leis do paiz, e entre elles justamente aos que foram os primitivos proprietários do largo e fecundo solo nacional, solo no qual, emquanto não foram perseguidos pelo cruel e sanguinario furor escravocrata de europeus ainda semibarbaros, sempre receberam os forasteiros com benigna hospitalidade. (Diário da Bahia, 16 de abril de 1909)

³³ Em *Um Grande Cerco de Paz*, Antonio C de S. Lima nos indica que Candido Rondon, em 1906, fora designado para estender as linhas telegráficas até o Amazonas e Pará, e chefia a missão de “integração pacífica dos índios”. O Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais, ou simplesmente Serviço de Proteção ao Índio – SPI, foi extinto em 1967.

Conferindo a condição de cidadania aos índios, a Congregação irá se posicionar na contra-corrente das idéias científicas de ordem civilizadora, conclamando a primazia da posse da terra brasileira àqueles que foram os seus primeiros habitantes.

O paradigma republicano se faz presente neste protesto, uma vez que os docentes do Ginásio pleiteavam chamar os índios “ao grêmio da civilização, ao fim de que, como actividade mental e moralmente desenvolvidas, cooperem na patriótica obra do engrandecimento do Brasil.”

O GB nunca contou com licenciados de formação acadêmica superior nos seus quadros, uma vez que a Faculdade de Filosofia da Bahia, primeira instituição a formar licenciados de nível superior, somente foi criada em 1942, portanto, após a extinção do educandário. Aqueles que lá ingressaram com a formação do magistério, eram melhor qualificados, quanto a noções pedagógicas, que os demais. Do contrário, o instrumental didático dos docentes seria o mais precário possível.

Neste universo onde a imagem do docente era associada às idéias de sabedoria e excelência, a autoridade era exercida das mais diversas formas possíveis. Wagner José Leal, ex-aluno do Ginásio, em seu depoimento, comentando a concepção didática de um determinado docente, relata que o professor costumava se dirigir às suas salas da seguinte forma: “os loiros-arianos, podem até colocar os pés sobre a cadeira, os mulatos devem se comportar, já os negros nada podem fazer.”³⁴ Tal hierarquia disciplinar, de cunho eminentemente racista, entretanto, revela uma peculiaridade interessante, no que diz respeito às considerações sobre ser ou não ser um bom aluno. Os arianos loiros a que o mestre se referia eram, em verdade, os alunos que obtinham aproveitamento considerado ótimo ou excelente. Os mulatos eram aqueles cujas notas não chegavam a ser desabonadoras, poderiam passar por média, porém não chegavam a se destacar naquele universo do

³⁴ Wagner José Leal, entrevista concedida em 25.7.2002.

conhecimento sistematizado. Já os negros, nas considerações do professor, eram os maus ou péssimos alunos. Interessante notar é que, não eram raras as vezes, que entre os ditos “arianos-loiros” encontravam-se muitos negros ou mulatos, uma vez que muitos foram os alunos de cor que se destacaram, com excelência, em sua conduta e aproveitamento escolar no Ginásio. Em contrapartida, também não era difícil encontrar, engrossando a fileira dos “negros”, de acordo com o mestre, muitos alunos considerados brancos.

Estas e outras nuances que se revelaram durante a investigação das relações raciais estabelecidas no GB, nos fazem entender que o manto da democracia racial deixava escapar momentos onde a ordem racista, estabelecida pela sociedade, passava a vigorar.

As relações inter-pessoais que se estabeleciam no educandário, por mais paritárias que fossem constituídas, encontravam o seu limite no espaço intra-muros da instituição, uma vez que, ultrapassando-se esta fronteira prevalecia a ordem vigente.

Um outro exemplo de postura caracteristicamente reacionária é fornecido pelos escritos de Alfredo Constantino Vieira, professor de Ginásio da Bahia, autor da epígrafe deste capítulo:

“Nossa ambição é grande; queremos a verdade, a beleza, a vida moral para todos.” (COSTA, 1971, p. 69)

A aparente abertura com que o autor entende a sociedade, entretanto, se desfaz ao lermos o seguinte complemento:

“Se nas escolas se pregasse a moral de Cristo, que é a única e verdadeira; ... não há dúvida que decresceria enormemente o número de anormais psíquicos.” (COSTA, 1971, p. 69).

O que nos foi revelado, inicialmente, como uma proposta democrática, uma vez que consignava a todos o direito à verdade, à beleza e à vida moral, passa a se constituir numa visão reacionária, ao conferir legitimidade a apenas um caminho, o professado pelo próprio autor.

O ambiente pedagógico do Ginásio, ainda que se mantivesse sob o signo da justiça e da equidade deixa transparecer, em momentos como estes, a relativa democracia escolar com a qual conviveram seus contemporâneos.

2.5 Salários e sobrevivência

Uma pergunta que nos ocorre ao refletir sobre o corpo docente do Ginásio da Bahia é a de se um professor de uma instituição de prestígio como esta era bem remunerado. Para respondê-la, contamos com uma série de folhas de pagamento mensais mediante a qual pudemos recompor dados do quadro docente do Ginásio discutidos neste capítulo. As folhas de pagamento cobrem o período que vai de 1901 até 1942, prosseguindo a série até os anos 1950, quando a instituição já se denomina Colégio Estadual da Bahia.

Através da análise dessas fontes até 1942, pudemos avaliar processos pelos quais passou a instituição, transformações ocorridas não só no corpo docente, como também na esfera administrativa do Ginásio. Elementos tais como a frequência de ingresso e permanência dos docentes no Ginásio da Bahia, existência de professores que constam nas folhas e não recebem salário, pois estão em exercício de outras funções (ligadas ao poder político e administrativo), a construção da curva salarial, e a possível confrontação dos salários de professores do Ginásio com os salários de docentes de outras instituições, foram questionamentos que alimentaram as nossas reflexões, ao nos debruçarmos sobre esta documentação.

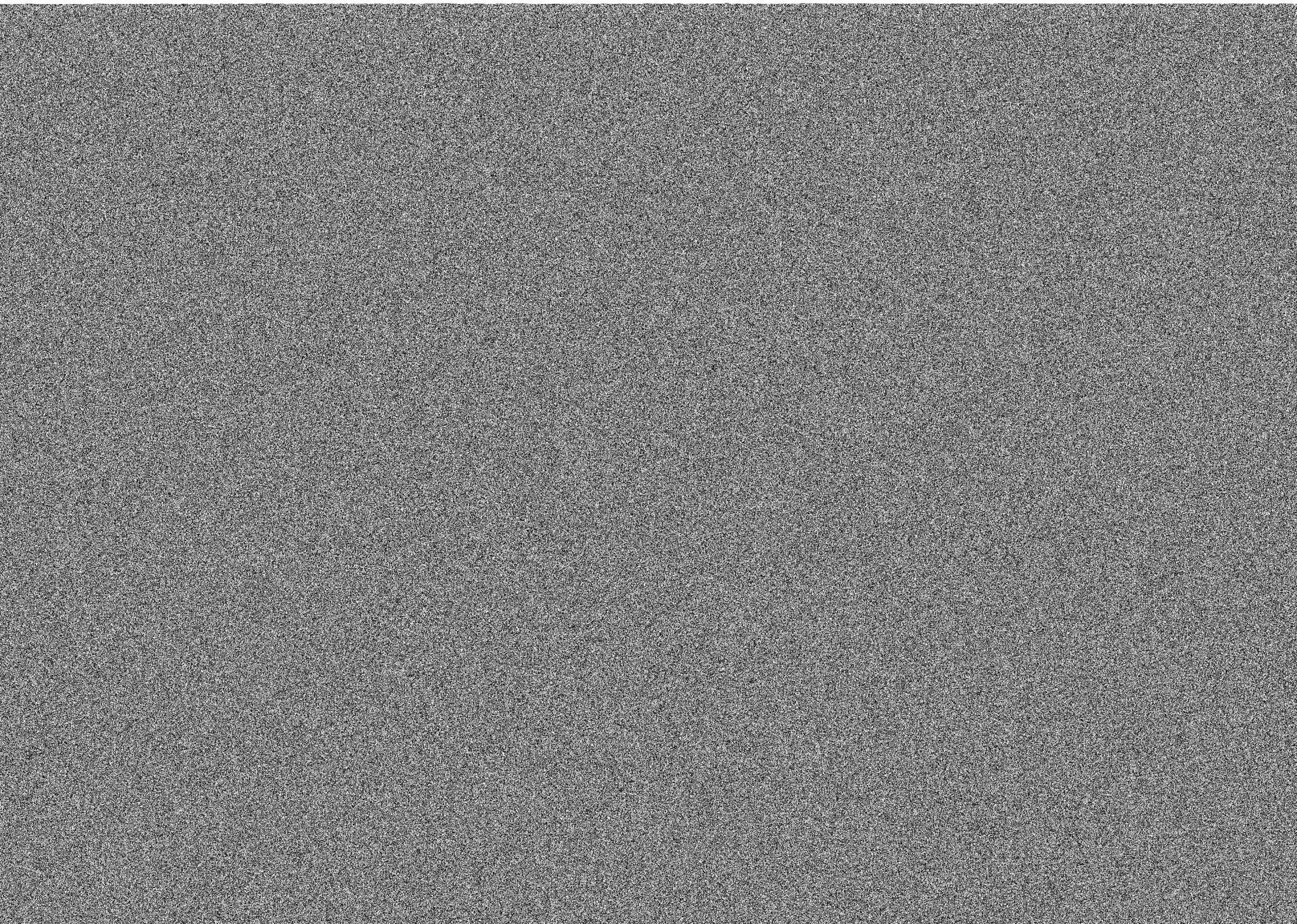
Notamos que, nos anos 1930, os catedráticos percebiam o mesmo salário que os lentes sem cátedra, donde conclui-se que a única diferença entre ambas as categorias era o status. Professores contratados recebiam os menores salários. E os homens ganhavam mais, uma vez que as mulheres nunca eram concursadas, mas sempre contratadas.

A tabela abaixo demonstra a variação salarial ocorrida nos vencimentos dos profissionais do Ginásio da Bahia

Quadro 17: Variação salarial³⁵

Categorias	Períodos					
	1901	1910	1920	1930	1936	1940-42
Diretor GB	500\$000	500\$000	678\$000	856\$000	1:356\$000	2:025\$000
Lente	400\$000	400\$000	520\$000	856\$000	-	-
Catedrático	-	-	-	-	856\$000	1:025\$000
Preparador	-	-	454\$000	-	749\$000	900\$000
Substituto/ Contratado	250\$000		330\$000	300\$000	-	500\$000

³⁵ Registramos o vencimento mensal total composto pelo ordenado e a gratificação.



Ao compararmos os vencimentos dos docentes mais graduados do Ginásio com os vencimentos de certas categorias do funcionalismo público baiano, podemos concluir que os primeiros gozavam de uma situação salarial bastante satisfatória, como demonstra a última tabela. A remuneração, desta forma, parece estar condizente com seu status.

2.6 Ritos de partida

A atmosfera de pompa que caracterizava o ritual de entrada, nos concursos à cátedra do Ginásio da Bahia, era retomada quando dos rituais de partida. A homenagem mais comum aos mestres que se aposentavam, passando à condição de jubilados, era a inauguração de retratos pintados a óleo, que passaram a compor a galeria dos ilustres do Ginásio. O mundo masculino do saber se faz representar nesta coleção. Excluídos de homenagens pomposas estavam os menos ilustres, fossem professoras, ou professores contratados, que não estiveram presentes no quadro da Congregação.

O mesmo salão nobre, palco de festas, também servirá de cenário para despedidas e momentos de pesar da vida da instituição. O tom excessivamente rebuscado, a linguagem douda era uma constante nesses momentos. Quando da inauguração do retrato de Ernesto Carneiro Ribeiro, em 1902, o Dr. Braz Hermenegildo do Amaral pronunciou o seguinte discurso:

Tivesse eu a eloquência e o verbo fecundo e inspirado dos mais conspícuos e esforçados oradores, possuisse o poder magico de tanger com o plectro da musa hellenica a lyra afinada e melodiosa da poesia, que nos enleva a intelligencia, nos aquece e inflama a imaginação, e nos avassala a vontade, não poderia, senhores, trasladar para os estreitos limites deste papel as vividas e arrebatadoras commoções, que hora me vão n'alma, salteando-a, tolhendo-lhe a palavra, apoucando-lhe as energias, entubando-lhe as faculdades, enervando-lhe a vontade, turvando-lhe o juizo, embaraçando-lhe e atropelando-lhe as sensações e os sentimentos; não poderia verter à justa linguagem humana esta scena tocante que se desenrola e desdobra ante mim,

com a vossa generosidade quis assinalar a despedida de vosso velho companheiro de trabalho...³⁶

Em ocasiões de luto, a exemplo da relatada em *A Tarde* de 06.08.1923, p. 1, sob o título “Uma homenagem ao Professor”:

Professores e alumnos do “Gymnasio da Bahia”, prestaram ante-hontem, a noite, significativa homenagem ao pranteado pro. Odorico Otavio Odilon, collocando numa das salas do estabelecimento o retrato do venerando mestre de tantas gerações. O acto teve a presença de representantes officiaes e da família do morto, de professores e alumnos de outros institutos e pessoas gradas.

A homenagem ao Professor Cassiano Gomes, catedrático de português do GB, foi noticiada em *A Tarde* de 02.7.1932, sob o título : “Ainda as Homenagens ao Professor Cassiano Gomes”. Na matéria consta fotografia com alunos e professores ofertando buquês de rosas ao mestre. Diz o texto:

Após a sessão, hontem effectuada, no Gymnasio da Bahia, em homenagem ao professor Cassiano da França Gomes, o dr. Gelásio de Abreu Farias, director daquelle estabelecimento de ensino recebeu o seguinte telegramma, datado de 1º. do corrente, do dr. Ensino (?) Lavigne, prefeito de Ilhéos.
 “Em meu nome e do municipio de Ilhéos, que represento, associo-me profundamente, às homenagens que esse Gymnasio, com Justiça e civismo edificante, presta ao Professor Cassiano Gomes, perfeito educador a quem a Bahia deve grande parte de seus triumphos na intelligencia, uma vez que muitos que occuparam e occupam altas posições no Brasil encontraram no homenageado de agora, o estímulo, a fê e a sabedoria com que puderam vencer.

Em *A Tarde* de 30 de janeiro de 1932 encontra-se nota intitulada “Dr. Francisco Marques de Goes Calmon - A morte do antigo governador do Estado -As homenagens do Governo e do Partido Republicano”. Nas homenagens ao antigo governador e professor da casa, o Ginásio toma as seguintes providências:

(...) O Gymnasio da Bahia

³⁶ Ribeiro, Dr. Ernesto Carneiro e AMARAL, Dr. Braz Hermenegildo do. *Discursos proferidos por ocasião da collocação do retrato do Dr. Carneiro Ribeiro no Salão Nobre do Gymnasio da Bahia, em 26 de Abril de 1902.* BAHIA, Officinas do Diario da Bahia, 1902 17 p.

A Congregação do Gymnasio da Bahia, ao ter conhecimento da morte do dr. Góes Calmon, professor aposentado daquele estabelecimento resolveu:

- hastear, a meia verga, o pavilhão nacional;
- tomar luto por oito dias;
- fechar o estabelecimento nos dias dos funeraes;
- nomear orador Francisco da Conceição Menezes.

Dois dias mais tarde, o mesmo periódico registra o discurso de cunho conservador do Prof. Francisco da Conceição Menezes; sobre Francisco de Góes Calmon,

(...) Professor, advogado, banqueiro, homem de letras, amador das artes e estadista notável, possuidor de grande talento e apreciável cultura, tiveste a mais alta projecção no scenario político e social de nossa terra. Professor cathedratico do Gymnasio da Bahia, contribuístes com efficiencia para a formação moral e intellectual de varias gerações, brindando-as proficientemente com os ensinamentos fecundos da Geographia e da Historia Sciencias que desveladamente cultiváveis. (...)

Ao lado do peso conservador de cerimônias desta natureza, destinadas aos ilustres, encontramos os demais docentes, aqueles que contavam com pouca ou quase nenhuma visibilidade. Juntos eles construíram o cotidiano da instituição, contribuindo para a configuração da imagem de excelência que chegou até os dias atuais.

CAPÍTULO III

3 “Mocidade do Ginásio da Bahia”: considerações sobre as *convidadas* e *convidados* do banquete

Banquete servido, anfitriões apresentados, passemos aos convidados. Que convidados são esperados neste banquete? A quem o Ginásio atendia? Em entrevistas realizadas os ex-alunos são de opinião quase unânimes em indicar que o Ginásio da Bahia atendia predominantemente às camadas médias da população de Salvador. Este aspecto é confirmado pela documentação analisada centralmente neste capítulo, cujo objetivo é investigar o perfil dos alunos e alunas do educandário.

Para construir um perfil do alunado do Ginásio da Bahia, utilizamos como fonte uma série de 281 pastas contendo registros sobre discentes do Ginásio, correspondendo a pouco mais de 10% do total de pastas concernentes aos períodos escolhidos para análise. Optamos por concentrar a investigação em três momentos marcantes da história da instituição: a sua fase inicial, compreendendo o período que se estende de 1895 a 1926, uma vez que esta etapa é caracterizada pela escassez documental; um segundo período incluindo os anos de 1936 e 1937, quando da instauração do curso completar, ou anexo (composto por Medicina e Odontologia, Engenharia e Direito, e já mencionado no Capítulo I desta dissertação), fase importante da instituição por concretizar de forma mais especializada o ideário da formação da elite intelectual; e o terceiro e último momento de 1940 a 1942, quando a instituição deixará de ser Ginásio da Bahia para se tornar Colégio Estadual da Bahia.

Para a identificação das características deste alunado, definimos cinco variáveis, abordadas a partir de indicadores correlatos a informações colhidas na referida documentação, conforme o seguinte quadro:

Quadro 19: Aspectos e variáveis analisados no cap. 3

Variáveis	Indicadores
Perfil sócio - econômico	Endereço residencial; profissão do pai; isenção de taxa de matrícula; outras instituições frequentadas pelos alunos (Instituição do exame de admissão, instituição de origem, ingresso em universidade)
Tempo de permanência no GB	Ano de entrada; idade de entrada; série de entrada; ano de saída, idade de saída; série de saída; conclusão do curso no GB.
Local de origem	Nacionalidade, Naturalidade.
Amplitude do acesso ao educandário quanto a gênero e cor	Sexo, Cor.

Dados relativos a aspectos de ordem pedagógica, também constantes nas pastas dos alunos, não foram utilizados neste trabalho, em função do tempo de pesquisa que necessário para analisá-los devidamente. Os mesmos foram deixados para uma investigação posterior, que é nossa intenção realizar, incluindo tipos de avaliações realizadas, níveis de aprovação, reprovação e repetência, assim como os conteúdos curriculares do Ginásio.³⁷

Conforme sugerido acima, informações constantes nos registros dos discentes foram aqui confrontados com o conteúdo das entrevistas de ex-alunos, notícias de jornal e dados de outros estudos enfocando a população escolar de Salvador.

Um primeiro indicador do perfil sócio-econômico dos alunos do GB são os endereços residenciais. Estes foram agrupados em quatro regiões, cada uma constituindo uma faixa específica quanto a características sócio-econômicas. Nossa classificação baseia-se em estudos sobre Salvador a partir de intervenções urbanas levadas a efeito principalmente nos Governos de J. J. Seabra (1912-1916 e 1920-1924) que tiveram como resultado uma reterritorialização dos moradores.

³⁷ No Cap. I desta dissertação iniciamos uma abordagem desse conteúdo enfocando o Programa do Curso Complementar do Ginásio da Bahia, de 1936.

Quadro 20: Regiões e áreas dos endereços dos discentes

Regiões	Áreas compreendidas
R1	Campo Grande, Canela, Vitória, Graça
R2	Barra, Rio Vermelho, Mercês, Bulevares Suiço e América, Largo 2 de Julho, Brotas, Matatu, Bandeirantes, Acupe, Amaralina, Pituba
R3	Garcia, Piedade, R Direita da Piedade, Barris, São Pedro Av. Joana Angélica, Santana, Nazaré, Tororó, Mouraria, Palma, Desterro, Poeira, Saúde, Campo da Pólvora, Lapinha, Barbalho, Santo Antônio, Carmo, Sé, Centro, Mares, Roma, Bonfim, Ribeira, Monte Serrat, Boa Viagem, Penha, Uruguai
R4	Liberdade, Barroquinha, Comércio, Calçada, S Joaquim, Baixa do Sapateiro

A Região 1 é a região onde residia a parte da população de maior poder aquisitivo. No extremo oposto da classificação situa-se a Região 4, concentrando os bairros de menor poder aquisitivo, entre os mencionados na documentação. As demais zonas podem ser consideradas como de residência dos setores médios.

Aqui é importante fazer a ressalva de que qualquer zoneamento que se faça com o objetivo de organizar economicamente a população soteropolitana é artificial, redutor e generalizante, uma vez que é muito comum encontrarmos bolsões de pobreza em áreas consideradas de elite, e residências mais aquinhoadas, propriedade daqueles que conseguiram ascender individualmente, em áreas mais pobres.

Somente dispomos de endereços de alunos do GB a partir de 1923. De acordo com a periodização apresentada anteriormente, temos três momentos: 1923-1926; 1936-1937; e 1940-1942.

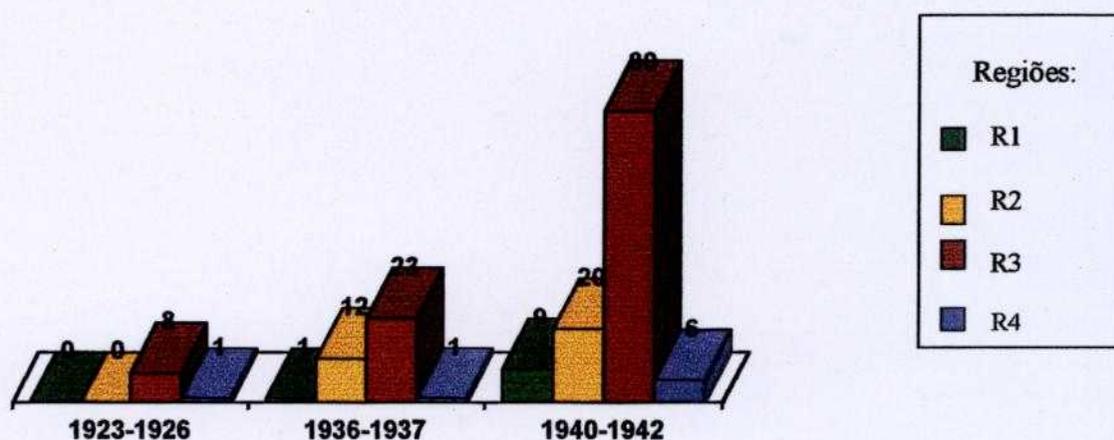
Quadro 21: Endereços dos discentes (total)

Endereços	1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos: 22	%	Casos:52	%	Casos:149	%
Sem dados	11	50,0	0	0,0	4	2,6
Não localizados	2	9,0	15	28,8	11	7,3
Total dos localizados	9	40,9	37	71,1	115	77,1

Quadro 22: Regiões sócio- econômicas (com dados)

N	Período	Total Casos: 161	Regiões sócio-econômicas							
			R1	%	R2	%	R3	%	R4	%
1	1923-1926	9	0	0,0	0	0,0	8	88,8	1	11,1
2	1936-1937	37	1	2,7	12	32,4	23	62,1	1	2,7
3	1940-1942	115	9	7,8	20	17,3	80	69,5	6	5,2

Gráfico 6: Regiões dos endereços dos discentes



São poucas as informações sobre a profissão dos pais dos alunos. Com exceção de uma professora, nada sabemos sobre a escolaridade das mães. Tal fato pode ser explicado pela pouca visibilidade da mulher no mercado de trabalho nesta época.

O quadro seguinte, indicando as profissões, sugere mais uma vez uma predominância dos setores médios da população:

Quadro 23: Profissão do pai (total)

Profissão do pai	Século XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos 18	%	Casos 40	%	Casos 22	%	Casos 52	%	Casos 149	%
Sem dados	18	100,0	36	90,0	21	95,4	30	57,6	117	78,5
Com dados	0	0,0	4	10,0	1	4,5	22	42,3	32	21,4

Quadro 24: Profissão do pai (com dados)

Classificação	Profissão do pai	1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942		Casos: 59
		Casos 4	%	Casos 1	%	Casos 22	%	Casos 32	%	
Profissionais liberais Casos: 24 Porcentagem: 40,6	Professor do GB	-	-	-	-	1	1,6	-	-	1
	Farmacêutico	2	3,3	-	-	-	-	1	1,6	3
	Dentista	-	-	-	-	1	1,6	-	-	1
	Engenheiro	-	-	-	-	-	-	2	3,3	2
	Bacharel em Direito	-	-	-	-	-	-	3	5,0	3
	Médico	-	-	-	-	1	1,6	1	1,6	2
	Simplesmente qualificado Dr.	2	3,3	1	1,6	3	5,0	6	10,1	12
Func. públicos Casos: 8 / Perc. 13,5	Func. Público (Estadual e Federal)	-	-	-	-	4	6,7	4	6,7	8
Militares Casos: 6/ Perc. 10,1	Militar (Praça, Coronel, Tenente, Capitão)	-	-	-	-	1	1,6	5	8,4	6
Prof. de maior status social Casos: 11 Porcentagem: 18,6	Industrial	-	-	-	-	-	-	1	1,6	1
	Comércio (Negociante)	-	-	-	-	4	7,6	5	3,3	9
	Lavrador e proprietário	-	-	-	-	1	1,6	-	-	1
Prof. de menos status social Casos: 10 Porcentagem: 16,9	Comerciário	-	-	-	-	2	3,3	1	1,6	3
	Lavrador	-	-	-	-	-	-	1	1,6	1
	Funcionário das Docas	-	-	-	-	1	1,6	-	-	1
	Artista	-	-	-	-	2	3,3	1	1,6	3
	Estucador	-	-	-	-	-	-	1	1,6	1
	Jardineiro	-	-	-	-	1	1,6	-	-	1

Outro indício do perfil sócio-econômico diz respeito ao valor da taxa de matrícula e isenção ou não da mesma. As taxas consistiam, em 1909 na quantia anual de 30\$000(trinta mil reis, divididas em duas parcelas de 15\$000, pagas semestralmente); 80\$000 (oitenta mil reis, pagas em duas parcelas semestrais de quarenta mil reis), em 1942, e mantiveram a seguinte variação:

Quadro 25: Variação da taxa de matrícula

Ano	Valor semestral	Valor anual
1895	15\$000	30\$000
1910	15\$000	30\$000
1927	34\$650	69\$300
1936	40\$450	80\$900
1940	40\$000	80\$000
1942	40\$000	80\$000

Um comentário geral entre os entrevistados é que o valor das taxas pagas no Ginásio não era alto. Jacob Gorender comenta que, embora não se recorde do valor da taxa, sabe que a quantia era muito baixa, “Uma vez que os cinco irmãos, comigo, cursamos pagando as taxas”, apesar da difícil condição econômica da família. O entrevistado acrescenta um interessante dado, no que diz respeito a esta questão: “fiz o vestibular de Direito em 1942, em plena guerra. Pela carência para pagar a taxa de vestibular, fiquei sem estudar um ano.” Segundo Geraldo Danneman “O Ginásio, provavelmente, tinha como alunos, mais de 50% eram filhos de funcionários públicos (que era o emprego que existia em larga escala), porque não custava nada, era apenas uma taxa de matrícula muito baixa.”

Walney Machado observa que,

Era honroso se dizer que se cursava o Ginásio da Bahia porque se tinha a presunção que o Ginásio da Bahia exigisse mais do que os outros colégios particulares, e era mesmo, porque a competição no Ginásio da Bahia, a matrícula era simbólica, o pagamento era simbólico, a quantia pequena, se tinha a presunção de que a procura era maior, por parte dos estudantes, e por isto se tinha a impressão que ele era mais exigente.³⁸

³⁸ Walney França Machado, entrevista concedida em 12.04.2002

Uma comparação das taxas do GB com os salários mensais dos professores e servidores da instituição confirma a impressão dos entrevistados:

Quadro 26: Taxas de matrículas X vencimentos dos funcionários

Ano	Valor semestral da taxa de matrícula	Salário Diretor	Lente	Catedrático	Contratado	Secretário do GB	Servente	Guarda
1895	15\$000							
1910	15\$000	500 000 (3 %)	400 000 (3,75%)			400 000 (3,75%)	102 300 (14 %)	133 333 (11 %)
1927	34\$650	1:284 000 (2,6 %)	784 000 (4,4 %)		250 000 (13,8 %)	1:029 000 (3,3 %)	204 600 (16,9 %)	
1936	40\$450	2:356 000 (0,9 %)	-	856 000 (4,7 %)	500 000 (8,9 %)	856 000 (4,7 %)	210 000 (19,2 %)	240 000 (16,8 %)
1940	40\$000	2:025 000 (1,9 %)	-	1:025 000 (3,9 %)	500 000 (8 %)	1:025 000 (3,9 %)	110 000 (36,3 %)	290 000 (13,7 %)
1942	40\$000	2:025 000 (1,9 %)	-	1:025 000 (3,9 %)		1:025 000 (3,9 %)	220 000 (18,1 %)	290 000 (13,7 %)

Em 1936, a taxa mensal paga por um aluno do GB era de 8\$900 (total anual dividido por dez meses, de março a dezembro). Esta quantia correspondia a 4,2% do salário mensal de um servente.

Analisando o quadro abaixo, em que é apresentado o número de alunos que pagavam taxas e o dos que tiveram isenção, verifica-se que os percentuais destes são muito baixos, predominando os percentuais em que não houve qualquer tipo de isenção.

Quadro 27: Isenção de taxa de matrícula (total)

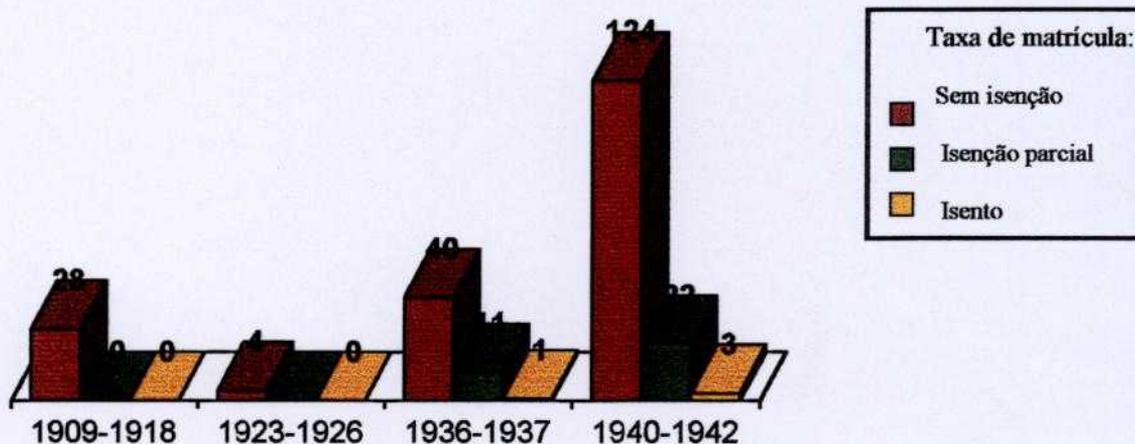
Isenção	Século XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos	%	Casos	%	Casos	%	Casos	%	Casos	%
Sem dados	18	100,0	12	30	18	81,8	0	0,0	0	0,0
Com dados	0	0,0	28	70	4	18,1	52	100,0	149	100,0

Considerando-se apenas os dados encontrados temos a seguinte tabela:

Quadro 28: Isenção de taxa de matrícula (com dados)

	1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos	%	Casos	%	Casos	%	Casos	%
Sem isenção ³⁹	28	100,0	4	100,0	40	76,9	124	83,2
Isenção parcial ⁴⁰	0	0,0	0	0,0	11	21,1	22	14,7
Isento	0	0,0	0	0,0	1	1,9	3	2,0

Gráfico 7: Isenção de taxa de matrícula



Um outro indicador a ser considerado, nesta discussão, é o educandário de origem do discente. Quanto a este aspecto, encontramos os seguintes dados:

Quadro 30: Instituição de origem (total)

Instituição	Século XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos:	%	Casos: 40	%	Casos: 22	%	Casos:52	%	Casos:149	%
Sem dados	18	100,0	38	95,0	22	100,0	35	67,3	52	34,8
Com dados	0	0,0	2	5,0	0	0,0	17	32,6	97	65,1

³⁹ Alunos pagando normalmente as taxas.

⁴⁰ Esta variável se refere aos casos de alunos que obtiveram isenção de taxas em apenas parte do curso.

Quadro 29: Instituição de origem (com dados)

Classificação	Instituição de Origem	1909-1918		1936-1937		1940-1942	
		Casos 2	%	Casos 17	%	Casos 97	%
1. GB	5a série no GB	0	0,0	1	5,8	0	0,0
2. Educandários particulares cursados pelas camadas médias soteropolitanas	Gin Carneiro Ribeiro	0	0,0	3	17,6	13	13,4
	Gin Ypiranga	0	0,0	1	5,8	12	12,3
	Liceu Salesiano	0	0,0	1	5,8	1	1,1
	Col N S de Lourdes	0	0,0	0	0,0	3	3,1
	Gin São Salvador	0	0,0	0	0,0	7	7,2
	Instituto Bahiano de Ensino	0	0,0	5	29,4	9	9,2
	Ginásio São José	1	50,0	0	0,0	0	0,0
3. Educandários particulares cursados pelas elites soteropolitanas	Col Antonio Vieira	0	0,0	0	0,0	5	5,1
	Gin N S da Vitória	0	0,0	3	17,6	9	9,2
	Inst Sophia Costa Pinto	0	0,0	0	0,0	5	5,1
	Col N S das Mercês	0	0,0	0	0,0	2	2,1
4. Educandários do Interior do Estado da Bahia	Ginásio Santamarense	0	0,0	1	5,8	1	1,1
	Gymnasio de Jequié	0	0,0	1	5,8	2	2,1
	Gin Santanópolis - Feira de Santana	0	0,0	0	0,0	3	3,1
5. Educandários do Nordeste do Brasil	Col Tobias Barreto - Aracaju	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Ateneu Sergipense - Aracaju	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Academia Santa Sofia - Garanhuns - PE	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Gin Americano Batista	0	0,0	0	0,0	2	2,1
	Ins São Luiz - Fortaleza	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Lyceu do Ceará	0	0,0	1	5,8	0	0,0
	Col Cearense S. Coração - Fortaleza - CE	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Col de São Luiz - Maranhão	0	0,0	0	0,0	1	1,1
6. Educandários do Norte do Brasil	Gin do Amazonas	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Col D. Bosco - Manaus	0	0,0	0	0,0	3	3,1
7. Educandários do Sudeste do Brasil	Instituto La Fayette - RJ	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Gin do Estado em São João da Boa Vista - SP	0	0,0	0	0,0	1	1,1
8. Educandários do Sul do Brasil	Ginásio Gonzaga - Pelotas	1	50,0	0	0,0	0	0,0
9. Educandários estrangeiros	Real Lyceu Gymnasio Mancinelli-Velletri - Itália	0	0,0	0	0,0	1	1,1

Quadro 31: Instituição do exame de admissão (total)

Instituição do exame de Admissão dos alunos	s. XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos 18	%	Casos 40	%	Casos 22	%	Casos 52	%	Casos 149	%
Sem dados	18	100,0	40	100,0	22	100,0	9	17,3	8	5,3
Com dados	0	0,0	0	0,0	0	0,0	43	82,6	141	94,6

Quadro 32: Instituição do exame de admissão (com dados)

Instituição do exame de Admissão dos alunos	1936-1937		1940-1942	
	Casos 43	%	Casos 141	%
Admissão no GB	33	76,7	54	38,2
Educandários particulares	6	13,9	54	38,2
Educandários particulares de elite em Salvador	3	6,9	13	9,2
Ginásios do Interior da Bahia	1	2,3	6	4,2
Educandários do Nordeste do Brasil (SE, PE, CE, MA)	0	0,0	10	7,0
Educandário do Norte do Brasil (AM)	0	0,0	3	2,1
Educandário da Itália	0	0,0	1	0,7

Quanto ao perfil sócio-econômico do corpo discente do Ginásio da Bahia, pode-se então concluir que, mediante a análise de indicadores como endereço residencial, isenção da taxa de matrícula, profissão do pai, e instituições de origem dos alunos, predominavam as camadas médias da população.

Os dados acima estão de acordo com as observações de diversos entrevistados. Uma das ex-alunas, respondendo à questão de se o Ginásio era uma escola de pessoas pobres, afirmou “De classe média, sim de classe média.”⁴¹. Outros depoimentos indicam a não predominância de elites econômicas:

Na cidade, nos meios que você chama de elite, daqueles que freqüentavam as escolas particulares o Ginásio da Bahia não era bem visto, exato não era bem visto! ... Porque era um Ginásio que era público e o público não era o desejado por estas pessoas que tinham escolas pagas. (...)

Média baixa, não se pode dizer que fosse a classe desfavorecida porque esta era semi-analfabeta, ou analfabeta, não podia se preparar para os exames de admissão, então era uma classe média baixa e alguma parte de

⁴¹ Angelina Pelosi, entrevista concedida em 04.6.2002

*uma classe média quase inexistente porque se fosse comparar o que nós chamariamos vulgarmente de elite, as classes mais favorecidas essas não vinham para o Ginásio da Bahia.*⁴²

Entretanto, com respeito ao nível de ensino, o GB é diversas vezes qualificado, nos depoimentos, como um colégio de elite: “Era o colégio mais reputado porque tinha os melhores professores.” Ou ainda,

*Existiam os Maristas, existia o Colégio Antonio Vieira que era freqüentado por gente, sobretudo do interior que se internava e alguns da capital que também estudavam, mas o curso nem do Vieira, nem dos Maristas, nenhum desses cursos era melhor do que o do Ginásio. Não, não tinha nada! O Ginásio realmente era o melhor curso secundário que se tinha naquela década de trinta aqui na Bahia.*⁴³

Nas palavras de Maria del Carmem Moreira,

*No meu tempo existia os Maristas, Vieira, eram os principais colégios masculinos e femininos era Sacramentinas e Mercês. Então se dizia muito assim: filhinho de papai e de mamãe que quer passar de qualquer jeito vai pra esses colégio,s quem quer estudar mesmo, saber, vai para o Ginásio da Bahia, ou estuda ou não passa. Não tinha mãozinha na cabeça, e não tinha filhinho de papai e de mamãe não, todo mundo era igual. Todo mundo era igual.*⁴⁴

E na percepção de Jacob Gorender,

*Ser aluno do Ginásio era motivo de status. O GB gozava de prestígio intelectual. Era considerado o primeiro, em termos de corpo docente, de qualidade, em função dos concursos que lá se realizavam. O GB tinha um curso superior aos colégios dos Maristas e Antonio Vieira.*⁴⁵

Conforme analisamos no Capítulo I, a partir de 1895 o Ginásio da Bahia foi moldado de forma homóloga à orientação do Colégio Pedro II. Este, com a proclamação da República, além da alteração do nome para Instituto Nacional de Instrução Secundária, passa a ter alterado

⁴² Geraldo Danneman, entrevista concedida em 29.04.2002

⁴³ Geraldo Dannemann, entrevista concedida em 29.04.2002

⁴⁴ Maria del Carmem Moreira, entrevista concedida em 28.07.2002

⁴⁵ Jacob Gorender, entrevista concedida em 07.08.2002

o seu padrão elitista, uma vez que se pretendia um ensino consonante com o paradigma republicano, menos elitista e menos bacharelesco.

Por outro lado, observa-se que, também, não atendia predominantemente a indivíduos das camadas mais populares, ainda que tenha proporcionado a alguns deles uma via efetiva de ascensão social. Casos bem conhecidos são os de Francisco da Conceição Menezes, que tornou-se diretor do Colégio e figura ilustre na cidade; Jacob Gorender e Carlos Marighella, importantes lideranças políticas; e Cid Teixeira, historiador também ilustre.

A instituição possibilitava uma entrada relativamente democrática, uma vez que o exame de admissão era extensível a todos.⁴⁶ Entretanto, dispunha de filtros (o alto grau de exigência na seleção), atuando como mecanismos excludentes, no que se refere aos que não dispunham de condições concretas de se preparar para a mesma.

O quadro seguir reproduz o nível de aprovação e reprovação do exame de admissão de 1941.⁴⁷

Quadro 33: Resultados exame de admissão - 1941

Inscritos	439	%
Eliminados em Português	29	6,6
Eliminados em Matemática	145	33,0
Eliminados nas duas disciplinas	80	18,2
Aprovados	174	39,6
Reprovados	10	2,2
Não compareceu	1	0,2

No cômputo total temos um percentual de 39,6 % de aprovação, donde podemos inferir que o grau de exigência no referido exame era bastante alto. Ultrapassando-se a barreira das provas eliminatórias, entretanto, encontramos 86,6 % dos candidatos obtendo êxito no referido exame, como indica a seguinte tabela:

⁴⁶ O “Regulamento do Ginásio da Bahia de 1935 em seu artigo terceiro prescreve: “art. 3º o ingresso nos cursos do ginásio é facultado a estudantes de ambos os sexos, sendo de 11 anos a idade mínima para a matrícula, na 1ª série, dos habilitados no respectivo exame de admissão.”

⁴⁷ Relatório do Ginásio da Bahia, do exercício de 1941, apresentado ao Diretor Geral do Departamento de Educação, p.26

Quadro 34: Candidatos não eliminados

Candidatos	185	42,1
Aprovados	174	94,0
Reprovados	10	5,4
Não compareceu	1	0,5

Ainda no que se refere ao exame de admissão, tratando agora do seu aspecto pedagógico, encontramos ex-alunos que obtiveram bons resultados na referida seleção contando com uma preparação prévia, sem a qual não seria possível alcançar as médias que alcançaram. Os depoimentos que se seguem ilustram isto.

Ariana Sampaio Cruz, filha de um catedrático do GB, declara: “Eu me preparei, alias preparada por meu pai, que nos ajudava muito e me submeti ao exame com uma banca examinadora, composta de três examinadores, eu tinha feito a prova escrita, com dissertação etc. e passei.” Quando questionada sobre o grau de dificuldade do exame reafirmou ter sido fácil pela escola que cursara antes do GB “eu vim de uma escola primária D. Maurina Laerte Moreira de Paula (...) e me senti bem, porque foi um colégio maravilhoso.”⁴⁸

Conforme Fernando Santana⁴⁹,

(O Ginásio) era aberto a todas as classes, então era um ginásio que dava um exemplo de como deveria ser a sociedade, né? Porque ele era amplo, ele não fazia restrições a ninguém. A restrição era feita na base do conhecimento, da preparação. Se o sujeito fosse pra lá sem preparação não passava, tanto fosse das classes dominantes, como também das classes dominadas. Não havia nenhuma vantagem para A ou B passar no admissão, ou passar nas provas, do primeiro ano, ou do segundo se não tivesse preparo.

E especificamente sobre o referido exame,

Fiz admissão no Ginásio da Bahia. Eu passei muito bem no exame de admissão, mas não sei, era aquela matéria natural do curso primário com mais alguma coisa e pronto. Olha no Ginásio da Bahia era um exame muito puxado, porque o Ginásio da Bahia na época era a melhor instituição de

⁴⁸ Ariana Sampaio Cruz, entrevista concedida em 27.07.2002. Esta Prof. Maurina Laerte foi graduada bacharela pelo GB, em 1903.

⁴⁹ Fernando Santana, entrevista concedida em 05.6.2002

ensino médio da Bahia, inclusive as grandes figuras do Estado na época, como os filhos do governador Goes Calmon, estudavam lá no ginásio da Bahia, João Calmon a irmã, esta grande burguesia da avenida sete, esta gente mais importante só estudava lá no Ginásio da Bahia, porque era um Ginásio que fazia uma formação muito elevada, tinha um curso muito exigente e também aquelas pessoas que eram da linha de pobreza que estudavam no Ginásio da Bahia também se garantiam e faziam exame vestibular e passavam porque naquela época não tinha cursinho não, o sujeito saía do Ginásio e ia direto para a faculdade e fazia o exame vestibular. Por exemplo, na minha turma Rogaciano Alcantara era um filho de carpinteiro fez ginásio e nós entramos juntos primeiro ano, eu o conheci no Ginásio da Bahia, depois fizemos juntos o exame vestibular na escola politécnica, ele também passou no exame vestibular e fez o curso de engenharia e concluiu tão bem quanto os outros. Por que? Porque tinha um Ginásio que dava um curso excelente, que era o Ginásio da Bahia eles pobres também poderiam estudar porque era de graça. A elite estudava lá e os pobres também, havia esta vantagem, quer dizer o ginásio era muito bom, as elites estudavam lá porque podiam pagar cursos fora, né? Mas, o Ginásio era de uma excelente, digamos assim, era um ensino excelente.⁵⁰

O artigo 41 da Lei 117 de 1895, criadora do Ginásio da Bahia, indica que o aluno que concluisse o curso na referida instituição, ao receber o diploma de bacharel em letras e ciências, teria “direito à matrícula nos cursos de ensino superior, e preferência ao magistério dos estabelecimentos de instrução secundária.” Tal regalia, de uma certa forma, foi mantida, mesmo com a obrigatoriedade do exame vestibular, devido à alta qualificação dos alunos do Ginásio para serem aprovados neste exame. Isto é indicado pelo depoimento de Angelina Pelosi: “A minha turma de medicina foi composta por colegas do Ginásio da Bahia.”⁵¹

Investigamos o ingresso de alunos do Ginásio em faculdades baianas ou de outros estados, para que pudéssemos perceber até que ponto, efetivamente, o Ginásio cumprira este objetivo. Entretanto, devido à não obrigatoriedade do referido dado na documentação consultada, não nos foi possível traçar um quadro que ilustrasse este aspecto. Registramos, de qualquer forma, aqui, o número de alunos do GB, em cujas pastas constam o ingresso na Universidade.

⁵⁰ Fernando Santana, entrevista concedida em 05.6.2002

⁵¹ Angelina Pelosi, entrevista concedida em 04.6.2002

Quadro 35: Ingresso de discentes do GB na Universidade

Categoria de alunos	1936-1937		1940-1942	
	Casos: 52	%	Casos 149	%
Sem dados	44	84,6	136	91,2
Universitários	8	15,3	13	8,7

Outro aspecto que nos interessa é o tempo de permanência no Ginásio da Bahia, por parte de cada aluno. Utilizamos variáveis como: ano de entrada, idade de entrada, série de entrada, ano de saída, idade de saída, série de saída, conclusão do curso no GB, para um entendimento desta questão.

Quadro 36: Permanência dos discentes no GB

Permanência dos alunos no GB	S. XIX	1909-1918	1923-1926	1936-1937	1940-1942
Sem dados para precisar o tempo de permanência no GB	100,0%	100,0%	100,0%	-	-
Permanência no GB	-	-	-	5.3 anos	3.6 anos

Tomando-se por base os sete anos de duração do curso do Ginásio, a primeira média apontada pela tabela acima, de 5.3 anos, apresenta-se como bastante satisfatória. A segunda, de 3.6 anos, representa um decréscimo bastante acentuado, indicando que, na década de 1940, os alunos permaneciam por, relativamente, pouco tempo no educandário. Para uma análise mais acurada do significado destas cifras seria necessária uma investigação sobre a reprovação no Ginásio, tarefa que somente será possível executar num próximo trabalho.

Havia poucos alunos estrangeiros no Ginásio da Bahia, conforme indica o quadro seguinte.

Quadro 37: Nacionalidade dos discentes do GB

Nacionalidade	S. XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos 18	%	Casos 40	%	Casos 22	%	Casos 52	%	Casos 149	%
Sem dados	18 ⁵²	100,0	11	27,5	7	31,8	0	0,0	0	0,0
Brasil	18	100,0	28	70,0	14	63,6	51	98,0	148	99,3
Espanha	0	0,0	1	2,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Bessarábia	0	0,0	0	0,0	1	4,5	0	0,0	0	0,0
Estados Unidos da América	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0
Itália	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6

Entre os brasileiros, a maior parte era natural do Estado da Bahia, predominando os nascidos em Salvador. Em muitos registros há apenas a indicação “Natural do Estado da Bahia” o que não nos indica precisamente se o aluno procede do interior e da capital, embora cogitemos serem soteropolitanos estes alunos, em sua maioria. Observa-se, no entanto, que havia estudantes vindos de várias localidades do interior (registradas na próxima tabela), principalmente no período 1940-1942. Neste período, também aumenta o número de discentes vindos de outros estados do Brasil, em especial do Nordeste.

Quadro 38: naturalidade dos discentes do GB (total)

Naturalidade	S. XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos 18	%	Casos 40	%	Casos 22	%	Casos 52	%	Casos 149	%
Sem dados	18	100,0	12	30,0	8	36,3	1	1,9	1	0,6
Com dados	0	0,0	28	70	14	63,6	51	98,0	148	99,3

Quadro 39: naturalidade dos discentes do GB (com dados)

Total de casos: 241	Naturalidade	1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
		Casos 28	%	Casos 14	%	Casos 51	%	Casos 148	%
1. Salvador Casos: 99 Percentual: 41,0	Salvador	0	0,0	0	0,0	29	56,8	70	47,2

⁵² A ler pelos nomes dos discentes concluímos que todos eram brasileiros, embora nenhuma indicação se tenha disto.

Nat. Est. da Bahia Casos: 76/ Percentual: 31,5	Natural do Estad Estado da Bahia	23	82,1	13	92,8	12	23,5	28	18,9
2. Estado da Bahia Casos: 38 Percentual: 15,7	Paramirim	1	3,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Alagoínhas	1	3,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Remanso	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0
	Juazeiro	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0
	Santo Amaro	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0
	Barracão	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0
	Bomfim	0	0,0	0	0,0	1	1,9	1	0,6
	Canavieiras	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Jacobina	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
	Rio Real	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Mata de São João	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Vitória da Conquista	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
	Pojuca	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Vila Viçosa	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Ilheus	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Sto Antonio de Jesus	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Condeúba	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Belmonte	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Esplanada	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Irará	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
	Monte Alegre	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Muritiba	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Rio de Contas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	São Bento do Inhatá	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Afonso Pena	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Amargosa	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Taperoá	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Mundo Novo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Itacaré	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Jequié	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
Riacho de Santana	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6	
Capão Grande	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6	
Itabuna	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6	
3. Estados do Nordeste Casos: 17 Percentual: 7,0	Sergipe	0	0,0	0	0,0	1	1,9	4	2,7
	Alagoas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
	Paraíba	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Ceará	0	0,0	0	0,0	1	1,9	2	1,3
	Piauí	1	3,5	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Maranhão	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
4. Estado do Norte Casos: 4 / Perc. 1,6	Amazonas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	2,7
5. Estado do Sudeste Casos: 4 Percentual: 1,6	Rio de Janeiro	1	3,5	0	0,0	1	1,9	0	0,0
	São Paulo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,3
6. Estado do Sul Casos: 1 / Perc. 0,4	Rio Grande do Sul	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0

7. Estrangeiros: Casos: 4 Percentual: 1,6	Espanha	1	3,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Bessarábia	0	0,0	1	7,1	0	0,0	0	0,0
	Estados Unidos da América	0	0,0	0	0,0	1	1,9	0	0,0
	Itália	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,6

Como podemos identificar, a partir dos dados expostos neste último quadro de n. 38, a grande maioria de discentes do Ginásio era natural de Salvador ou do Estado da Bahia. O número de alunos advindos de outras localidades, ainda que represente uma informação interessante para esta análise, é bem inferior ao número de alunos baianos registrados nesta amostra.

Consideramos relevante explorar o problema da amplitude do acesso ao GB quanto a gênero e cor. Além do acesso propriamente dito, é importante procurar entender a convivência destas minorias com os demais alunos no Ginásio da Bahia. Em outras palavras, brancos e negros, mulheres e homens contavam com o mesmo tratamento oferecido pela instituição?

No jornal *A Tarde* de 14 de junho de 1932 encontramos notícia com o seguinte título “As bachareladas de 1932 do Gymnasio da Bahia”. Esta é ilustrada com foto em destaque no qual se vê, no salão nobre do educandário, dezessete alunas trajando uniforme composto por saia longa e paletó escuro, camisa clara e gravata de laço. O texto (*A Tarde*, 14/06/1932) afirma que,

Ao contrario de outras éras em que as senhorinhas davam preferência ao curso de professora, nas escolas normaes, os Gymnasios vivem povoados de representantes do sexo chamado ao mesmo tempo de fragil e bello. Nos quadros de bacharéis em letras (sic) já não figuram apenas os collarinhos masculinos. Haja vista o “cliché” acima. Ornã-o graciosas senhorinhas bacharlandas de 1932, sobre as quaes offertando-nos a photographia, o director do Gymnasio afirmou terem dado conta do curso, com intelligencia e applicação.

A fala da entrevistada Angelina Pelosi corrobora a afirmação do jornal: “Nós não queríamos ser professoras, queríamos a carreira acadêmica.”⁵³

⁵³ Angelina Pelosi, entrevista concedida em 04.6.2002

Uma ressalva deve ser feita quanto às afirmações acima. Em seu trabalho sobre o Ginásio, Gelásio de Farias e Francisco da Conceição Menezes (1937) indicam que, até 1931, quando da extinção do bacharelado (com o decreto 19.890 de 18 de abril do referido ano, que alterara a organização do ensino secundário na República)⁵⁴ as alunas esposavam, como único objetivo ao extrair o diploma de bacharel, o exercício do magistério em estabelecimentos de ensino particular. A opção pelo Bacharelado, assim, não necessariamente implicava que as mulheres fossem exercer atividades profissionais diferentes da do magistério.



Figura 11: Alunas do Ginásio da Bahia

A instituição que, em 1900, contava com 04 matrículas de alunas, passará em 1936 a ter em seus quadros 180 moças matriculadas. Os quadros abaixo expressam os percentuais de alunos do sexo feminino e masculino matriculados no GB e na amostra analisada:

Quadro 40: Matrículas discentes do GB por sexo

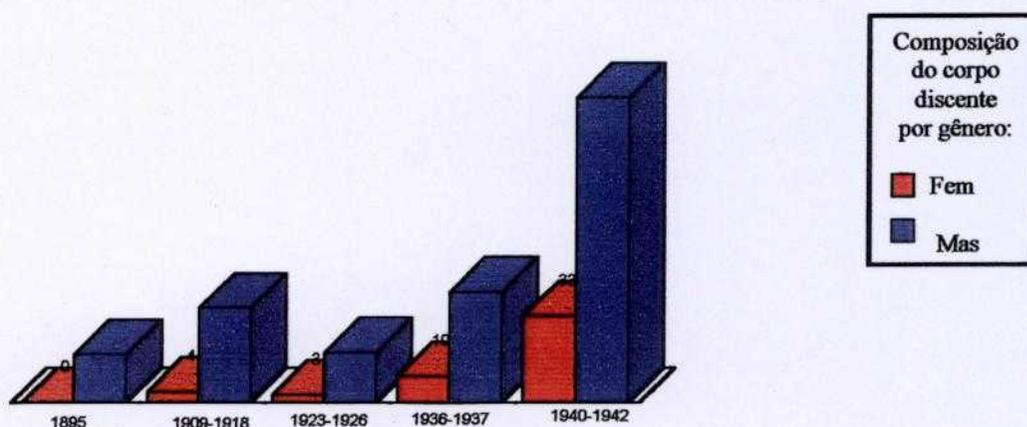
⁵⁴ Registremos que a “extinção do bacharelado e abolição dos diplomas e títulos ocorrera em 1911” no Colégio Pedro II, portanto 20 anos antes do GB. (ANDRADE, 1999:97)

Ano	Feminino	%	Masculino	%	Total
1896	0	0,0	62	100,0	62
1900	4	1,6	233	98,3	237
1909	44	13,4	284	89,5	328
1918	10	4,8	198	95,1	208
1923	67	20,0	267	79,9	334
1926	105	20,9	397	79,0	502
1936	180	15,1	1012	84,8	1192
1937	184	16,6	919	83,3	1103
1941	332	18,3	1480	81,5	1814

Quadro 41: Composição do corpo discentes segundo o gênero

Gênero	1895		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos	%	Casos	%	Casos	%	Casos	%	Casos	%
Feminino	0	-	04	10,0	03	13,6	10	19,2	33	22,1
Masculino	18	100,0	36	90,0	19	86,3	42	80,7	116	77,8

Gráfico 8: Composição, segundo o gênero, do corpo discente do GB



Sobre o convívio entre alunos de ambos os sexos as entrevistas revelam aspectos interessantes. Angelina Pelosi aponta que “As salas mistas⁵⁵ eram mais estudiosas

⁵⁵ Em função do número reduzido de alunas, apenas as turmas A e B de cada série eram mistas.

que as salas só de rapazes”⁵⁶. Nestas, de acordo com José dos Santos Pereira, “as moças tinham os primeiros lugares e os rapazes ficavam atrás.”⁵⁷ Outros observaram que a convivência era excelente, com a presença das moças tornando mais agradável o fato de ir para a escola. De acordo com Geraldo Danneman “o que realmente abriu o ensino dos dois sexos, na mesma classe, foi o Ginásio da Bahia e foi aí também que o Tosta Filho introduziu o esporte para as moças que jogavam basquete e faziam exercício de ginástica com bombachas que cobriam o joelho, e eram muito freqüentadas as aulas, pela rapaziada, para ver as pernas das meninas.”⁵⁸ Para Maria del Carmem Moreira, “O nosso curso, sempre misto, e existia muita afinidade entre os colegas, nós formávamos uma verdadeira família, era delicioso ir para a escola.”⁵⁹



Figura 12: Discentes do Ginásio em dia de desfile com suas bicicletas

⁵⁶ Angelina Pelosi, entrevista concedida em 04.6.2002

⁵⁷ José dos Santos Pereira, entrevista concedida em 12.04.2002.

⁵⁸ Geraldo Dannemann, entrevistas concedida em 29.04.2002

⁵⁹ Maria del Carmem Moreira, entrevista concedida em 08.7.2002

Não constam, nos registros escritos dos alunos, dados sobre a cor. Quanto a este elemento, as únicas indicações de que dispomos são as fotos nas fichas. A análise destas constituiu um problema. Num primeiro momento, ao encontrarmos as fotos, estávamos certos de que poderíamos formar um quadro da cor dos alunos sem dificuldades. Ao darmos início à classificação quanto a este indicador, no entanto, vimos que as fotos nem sempre se encontram nas pastas, e quando são encontradas em muitos dos casos estão em más condições de conservação. Somaram-se a estas, as dificuldades relativas aos critérios a serem adotados na definição da cor dos referidos alunos. Embora contássemos com certidões de nascimento, estas devem ser analisadas criticamente, uma vez que partimos da premissa de que a cor do indivíduo é construída socialmente.⁶⁰ Optamos então por definir apenas três grupos, constituídos respectivamente por brancos, negros, e outros (incluindo pardos e mulatos)

O quadro a seguir indica uma predominância de alunos brancos, com o número de mulatos, pardos e outros, crescendo à medida em que o século avança, o que é compatível com o próprio aumento da população discente do Ginásio. Um pequeno percentual de negros começa a aparecer em 1936-1937, diminuindo um pouco em 1940-1942.

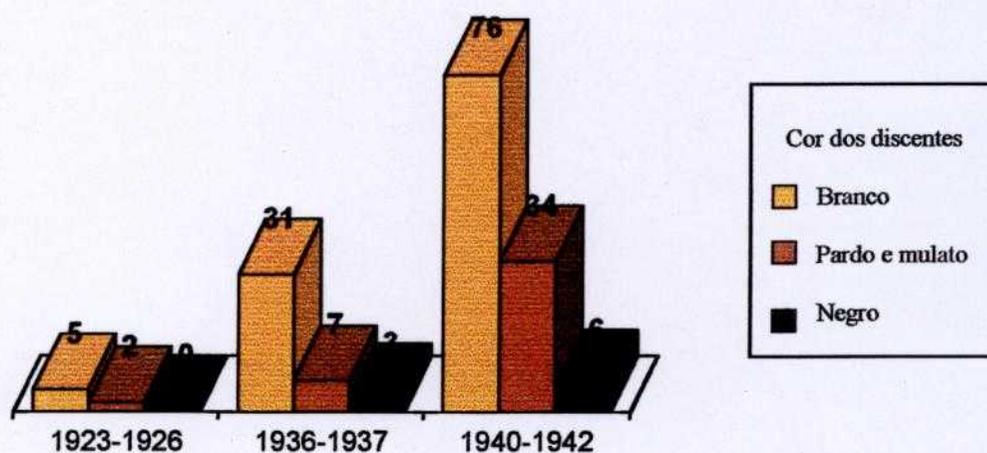
Quadro 42: Composição do corpo discente segundo a cor (total)

Cor	S. XIX		1909-1918		1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos 18	%	Casos 40	%	Casos: 22	%	Casos: 52	%	Casos: 149	%
Sem dados (Sem foto)	18	100,0	40	100,0	15	68,1	11	21,1	33	22,1
Com fotos	0	0,0	0	0,0	7	31,8	41	78,8	116	77,8

⁶⁰ Uma discussão desta questão encontra-se em Pontes, 2000.

Quadro 43: Composição do corpo discente, segundo a cor (com dados)

Cor	1923-1926		1936-1937		1940-1942	
	Casos: 7	%	Casos: 41	%	Casos: 116	%
Branco	5	71,4	31	75,6	76	65,5
Outros (Mulato Pardo)	2	28,5	7	17,0	34	29,3
Negro	0	0,0	3	7,3	6	5,1

Gráfico 9: Composição, segundo a cor, do corpo discente

Nesta mesma linha, Donald Pierson (2000, p. 236), em *Branços e Pretos na Bahia*, estabelece o seguinte quadro de “frequência escolar dos grupos de cor em Salvador”, em 1936.

Quadro 44: Cor população escolar segundo Donald Pierson

Escola	Número de Escolas	Prêtos	Mulatos	Branços	Outros	Totais	
		%	%	%	%	Número	%
Elementar:							
Pública	22	32,8	37,2	28,8	1,2	1.335	100,0
Particular	8	12,7	30,8	55,6	0,9	315	100,0
Eclesiástica	6	6,9	19,5	80,7	2,9	450	100,0
Secundária:	5	6,4	18,9	74,3	0,4	525	100,0
Superior:							
Faculdade de Direito, Medicina e Engenharia	3	2,2	16,7	80,0	1,1	530	100,0
Artes e Ofícios	3	26,3	36,4	36,7	0,6g	335	100,0
Escola Normal	1	15,8	29,1	55,1	0,0	285	100,0
Total	48	-	-	-	-	2.775	100,0

As proporções encontradas no Ginásio da Bahia entre brancos, negros e mulatos/ pardos se aproximam muitíssimo das encontradas por Donald Pierson na escola secundária. Os dados apresentados por este autor também indicam uma maioria de brancos na escola secundária.

Embora tenhamos encontrado tais resultados, duas fotos, ainda que representem um recorte na população de alunos do Ginásio, nos fazem repensar estas cifras. A primeira foto data de 1906 e a segunda, sem data, retrata uma cena do gabinete antropométrico. Nelas se vê um número maior de alunos negros, pardos e mulatos que os percentuais anteriormente expostos nos levariam a esperar. Na foto do gabinete antropométrico vê-se de um total de 24 alunos, 8 negros (o que corresponde a 33,3%), 9 pardos (indicando 37,5 %) e 7 brancos (29,1%).



Figura 13: Discentes do Ginásio da Bahia em 1906, a esquerda Manoel Devoto

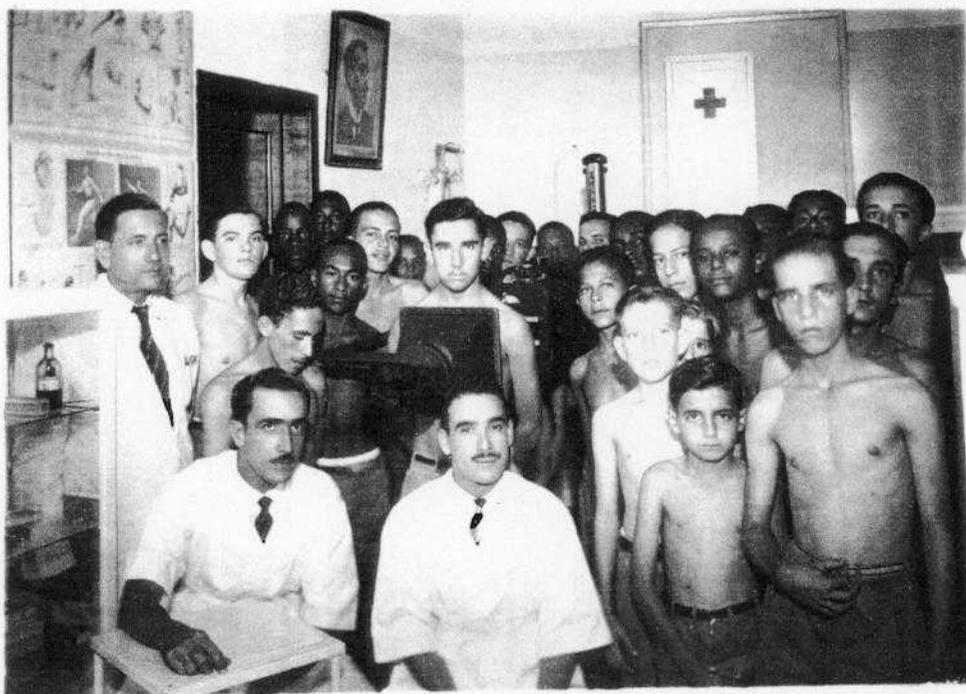


Figura 14: Alunos no Gabinete Antropométrico (sem data)

Os depoimentos de ex-alunos sugerem uma convivência democrática, onde não havia discriminação: “Ali não existia nem rico, nem pobre, nem preto, nem branco, era tudo a mesma coisa. Só se distinguia no fim do ano aquele aluno que era um bom aluno.”⁶¹

Cruzando-se os indicadores, cor e gênero, para os períodos 1936-1937 e 1940-1942, observa-se que era bastante limitado o acesso de mulheres negras ao Ginásio, como se vê na tabela seguinte:

Quadro 45: Cor x Gênero (1936 - 1937)

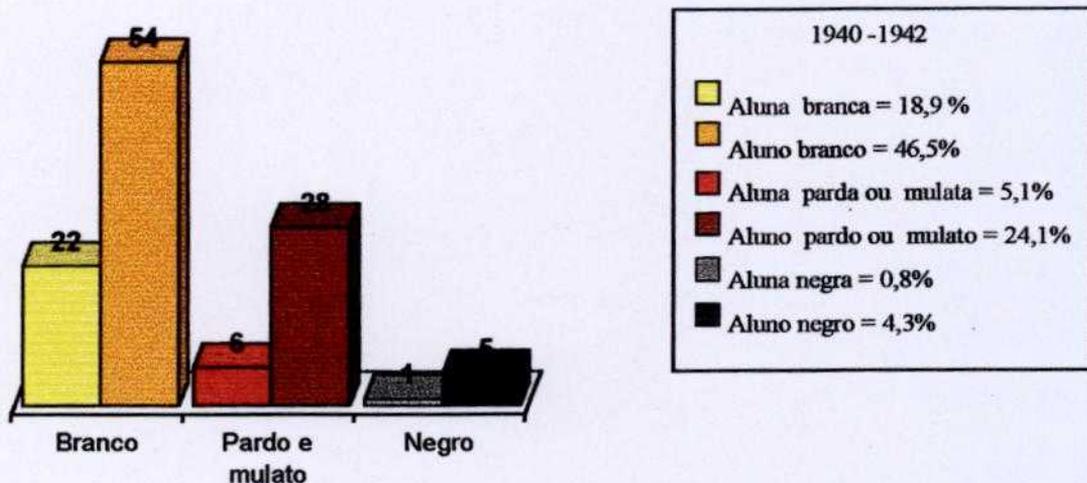
	Cor	Gênero				Total Casos: 41
		F		M		
		Casos: 9	%	Casos: 32	%	
1	Branco	7	17,0	24	58,5	31
2	Negro	0	0,0	3	7,3	3
3	Pardo e Mulato	2	4,8	5	12,1	7

Quadro 46: Cor x Gênero (1940 - 1942)

	Cor	Gênero				Total Casos: 116
		F		M		
		Casos: 29	%	Casos: 87	%	
1	Branco	22	18,9	54	46,5	76
2	Pardo e Mulato	6	5,1	28	24,1	34
3	Negro	1	0,8	5	4,3	6

⁶¹ Waldir Freitas de Oliveira, entrevista concedida em 27.06.2002

Gráfico 10: Cor x Gênero (1940 - 1942)



Entretanto, questionado se o Ginásio era uma escola de elite, Cid Teixeira afirma

Não, não era uma escola de elite. O que acontece é que, sendo a escola pública a melhor e sendo pública ela era freqüentada por gente de todas as classes sociais, desde os mais humildes, menos aquinhoados de possibilidades financeiras, até uma elite da cidade, que procurava a escola pública porque era a melhor em termos de resultado didáticos. Ora, isto fazia com que os melhores pleiteassem o Ginásio da Bahia, que era também por sua vez escola pública, então não era absolutamente o Ginásio da Bahia uma escola de elites social e econômica não, era uma escola de elite cultural porque eram os melhores, com todo o respeito por Vieira, por Maristas, por Sacramentinas, mas a verdade é que para o Ginásio da Bahia iam os melhores, e pra usar agora umas terminologias que andam soltas aqui pela cidade, muito mais negra, muito mais pobre.⁶²

Já Angelina Pelosi, quando questionada sobre a existência de alunas e alunos negros, nos indica que “havia muitas mulatas.”⁶³ Tal afirmação nos faz questionar, mais uma vez, até que ponto, Ginásio era efetivamente democrático. Como se relacionavam os membros desta comunidade escolar, provenientes das mais diversas origens sociais?

⁶² Cid Teixeira, entrevista concedida 04.07.2002

⁶³ Angelina Pelosi, entrevista concedida em 04.6.2002

Neste sentido, Jacob Gorender caracteriza o educandário como uma instituição democrática:

O Ginásio da Bahia era uma instituição democrática, eu tive colegas que vinham da elite baiana, moravam na Graça, (como José Farani Pedreira de Freitas), freqüentavam o Baiano de Tênis. E tive colegas, convivendo na mesma sala, que eram filhos de cobrador de bonde, alfaiate, e sapateiros (que moravam em casebres na Liberdade). O Ginásio era democrático, agora se esses colegas, mais pobres, se chegaram ao quinto ano, não sei precisamente. A sociedade sim, era tremendamente desigual. ⁶⁴

Perguntado sobre o cotidiano do Ginásio, Fernando Santana afirmou:

*Era muito interessante, muita camaradagem, muita cordialidade entre os alunos, entendeu?
E mesmo não havia esta separação entre aqueles que eram de grandes famílias como os que eram de famílias humildes, não havia esta tendência do sujeito se isolar, porque ele era de uma origem importante e o outro era de uma origem humilde, não havia esta preocupação.* ⁶⁵

Por fim, questionados sobre o significado do educandário em suas vidas, os ex-alunos responderam com tais afirmações:

“Foi a época mais feliz de minha vida.” ⁶⁶

“Foi uma das melhores épocas da minha vida.” ⁶⁷

“O Ginásio da Bahia é hoje uma recordação positiva, alegre e construtiva.” ⁶⁸

“Minha definição cultural se deu com o Ginásio da Bahia, e isto decorreu daquele exemplo que eu recebi lá, desses professores que na sua maioria eram professores competentes, bons didatas e que tinham uma vida limpa..” ⁶⁹

“O Ginásio da Bahia foi uma parte de minha vida substancial e de grande influência sob o meu comportamento futuro” ⁷⁰

“Foi a semente de minha vida toda.” ⁷¹

⁶⁴ Jacob Gorender, entrevista concedida em 07.08.2002

⁶⁵ Fernando Santana, entrevista concedida em 05.6.2002

⁶⁶ Estrella Uderman, entrevista concedida em 13.03.2002

⁶⁷ Alcildio Barreto de Carvalho, entrevista concedida em 22.03.2002

⁶⁸ Walney França Machado, entrevista concedida em 12.04.2002

⁶⁹ José Santos Pereira, entrevista concedida em 12.04.2002

⁷⁰ Geraldo Dannemann, entrevista concedida em 29.04.2002

⁷¹ Angelina Pelosi, entrevista concedida em 04.06.2002

“O Ginásio abriu o mundo para o meu conhecimento. Raros colégios na época abriam tantas perspectivas para o futuro de um aluno como o Ginásio da Bahia”⁷².

“Democracia. Eu aprendi a ser tolerante e a ser tolerado. Porque todos eram meus amigos nós saíamos juntos, e tudo então foi uma lição de democracia que eu comparo com outros colegas que vieram de outros colégios.”⁷³

“Pra mim, o Ginásio da Bahia representou muita coisa boa ficou em mim, aliás muita coisa não, quase tudo que eu tive lá continuou em mim, inclusive amizades, professores, ensino ... me deu muita condição ..e até hoje eu recordo com saudades daquele tempo maravilhoso que eu passei lá, maravilhoso e até eu hoje eu guardo.”⁷⁴

“Quanto a mim, à passagem pelo “Ginásio” devo tudo quanto pude alcançar saber em matéria de Humanidades, basicamente.”⁷⁵

“O Ginásio da Bahia é uma das boas recordações de minha vida, pelos colegas, pelos professores, pelo que aprendi. Apesar da pedagogia antiquada, muita gente ganhou ali, bases para vir a ser profissional de categoria.”⁷⁶

Tais representações nos levam a concluir que, no que concerne à imagem do Banquete na memória afetiva daqueles que dele desfrutaram, o educandário se configura em um referencial de segurança e probidade, preparando-os para a vida profissional e para a vida pessoal. Enfim, a imagem de satisfação refletida nesses convidados, ainda que tivessem que enfrentar alguns pratos um tanto indigestos, retrata o quanto foram felizes freqüentando o Ginásio.

⁷² Fernando Santana, entrevista concedida em 05.06.2002

⁷³ João Carlos Tourinho Dantas, entrevista concedida em 11.06.2002

⁷⁴ Maria del Carmem Moreira, entrevista concedida em 08.07.2002

⁷⁵ João Carlos Freire Carvalho, entrevista concedida por telefone e correspondência datada de 29.07.2002.

⁷⁶ Jacob Gorender, entrevista concedida em 07.08.2002

CONCLUSÃO

A prova de física

Ginásio da Bahia aos 23
De 29 deste oitavo mês

.....

Doutor, a sério falo, me permita,
Em versos rabiscar a prova escrita.
Espelho é a superfície que produz,
Quando polida, a reflexão da luz.
Há nos espelhos a considerar
Dois casos, quando a imagem se formar.
Caso primeiro: um ponto é que se tem;
Ao segundo um objeto um objeto é que convém.
Seja a figura abaixo que se vê,
O espelho seja a linha beta cê.
O ponto P um ponto dado seja,
Como raio incidente R se veja.
O raio refletido vem depois
E o raio luminoso ao ponto 2.
Foi traçada em seguida uma normal,
O ângulo I de incidência a R igual.
Olhando em direção de R segundo,
A imagem vê-se nítida no fundo,
No prolongado, luminoso raio,
Que o refletido encontra de soslaio.
Dois triângulos então o espelho faz,
Retângulos os dois, ambos iguais.
Iguais porque um cateto tem comum,
Dois ângulos iguais formando um.
Iguais também, porque seus complementos
Iguais serão, conforme uns argumentos.
Quanto a graus, A mais I possui noventa,
B mais Jota outros tantos apresenta.
Por vértices opostos R e J
São iguais assim como R e I.
Mostrando e demonstrando o que é mister,
I é igual a J como se quer.
Os triângulos iguais viram-se acima,
L2, P2, iguais, isto se exprima.
Imagem de um ponto
Atrás do espelho plano então se forma
A imagem, que é simétrica por norma.
Imagem de um objeto
Simétrica, direita e virtual,
E da mesma grandeza por final.
Melhor explicação ou mais segura
Encontra-se debaixo na figura.
(JOSÉ, 1997, p. 128-129)

Esta longa citação é uma resposta, em versos, dada pelo aluno Carlos Marighella a prova de física⁷⁷, que obteve nota dez e ficou exposta num dos corredores do Colégio Estadual da Bahia – Central até 1965, como exemplo de inteligência e criatividade. Juntamente com a aula de alemão mencionada na introdução deste trabalho, compõe um conjunto de ecos que nos convidaram a participar deste *banquete*.

Criado no contexto da instauração da República, o Ginásio da Bahia configurou-se, uma vez que fora equiparado ao Colégio Pedro II, como mais uma agência reprodutora do paradigma civilizatório voltado para a formação de cidadãos de acordo com o novo quadro político. Alunos aplicados, eruditos conservadores, oradores formados segundo uma concepção ligada ao sujeito universal, por um ginásio público, este era o objetivo de tal formação.

Embora masculino, por excelência, no sentido de que preparava elites dirigentes eminentemente compostas por homens, o Ginásio, ao abrigar turmas mistas, representou um avanço no que diz respeito às relações sociais de gênero na educação secundária.

O maior número de professores que compôs o corpo docente do GB era de contratados, ou seja, indivíduos que não figuram entre os intelectuais ilustres da cidade. Apesar da sua pouca visibilidade, estes docentes foram os principais responsáveis pelo ensino no Ginásio da Bahia, nos 47 anos em que a instituição existiu. É relevante enfatizar que a formação acadêmica nem sempre definia a importância do docente na hierarquia da instituição.

Verifica-se uma forte predominância de professores do sexo masculino no GB, o que se expressa também na totalidade de sua Congregação. Entre os catedráticos, presenças femininas não são destacadas, embora saibamos, através do depoimento dos ex-alunos, que a

⁷⁷ Não encontramos a questão da prova que obteve esta resposta.

competência profissional de determinadas mulheres se equiparava à de qualquer catedrático da Instituição.

No que concerne ao gênero, o corpo docente do Ginásio, durante todo o período estudado, foi composto por 199 professores, 21 mulheres (10,6%) e 178 homens (89,4%). Após a primeira contratação em 1927, muito ainda se teria que percorrer para que as condições fossem mais isonômicas, uma vez que, em nenhum momento encontramos professoras ocupando lugares de poder formal, fazendo parte de sua congregação e/ou catedráticas concursadas, ou mesmo preparadoras, sendo estas funções destinadas apenas aos homens. A composição do corpo docente feminino do GB, no que concerne à formação acadêmica, parece estar de acordo com a própria presença da mulher soteropolitana em círculos acadêmicos.

No que se refere aos vencimentos pagos aos docentes, comparando-se os salários dos mais graduados do Ginásio com os de certas categorias do funcionalismo público baiano, concluímos que os primeiros gozavam de uma situação salarial bastante satisfatória. A remuneração, desta forma, para esta pequena elite, parece estar de acordo com seu status.

Quanto ao perfil sócio-econômico do corpo discente do Ginásio da Bahia, pode-se concluir que, mediante a análise de indicadores como endereço residencial, isenção da taxa de matrícula, profissão do pai, e instituições de origem dos alunos, predominavam as camadas médias da população, ainda que o educandário tenha proporcionado a efetiva ascensão de indivíduos das camadas populares na composição de seus quadros.

A conclusão mais recorrente quanto aos diferentes indicadores estudados é a de que predominava, entre os discentes do educandário, as camadas médias da população.

As proporções encontradas no Ginásio da Bahia, no que se refere aos alunos brancos, negros e mulatos/ pardos se aproximam muitíssimo das registradas por Donald Pierson, indicando uma maioria de brancos na escola secundária. Os depoimentos de ex-alunos sugerem uma convivência racial democrática, sem discriminação.

No que concerne à representação do Ginásio na memória afetiva daqueles que lá estudaram, o educandário se configura em um referencial de segurança e probidade, preparando-os para a vida profissional e para a vida pessoal.

A escola pública cumpriu sua função nos moldes conservadores, exercendo, muitas vezes, um papel reacionário ao privilegiar os valores conservadores do saber douto. Sendo assim, uma vez percebido o caráter excludente dos *banquetes* já oferecidos, sirvamos, pois, o novo aos nossos alunos. *Banquete* que se elabore com doses concretas de compromisso, qualidade, criatividade e espírito democrático, uma vez que acreditamos ser esta a verdadeira vocação da escola pública.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.
- ALMEIDA, Stela Borges de. **Educação, história e imagem: um estudo do Colégio Antônio Vieira através de uma coleção de negativos em vidro dos anos 20-30**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- AMADO, Janaina et al. **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. **Colégio Pedro II: um lugar de memória**. 1999. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ANTONIAZZI, Maria Regina Filgueiras. **Guia de fontes literárias para o estudo da história da educação na Bahia**. Brasília, DF: INEP, 1994.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 2000.
- AZEVEDO, Thales de. **Ensaio de antropologia social**. Salvador: Progresso, 1959. (Publicações da Universidade da Bahia, IV – 5)
- AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio**. Salvador: EDUFBA/EGBA, 1996.
- BACELAR, Jeferson Afonso. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BAHIA, Assembléia Legislativa. **Bahia de todos os fatos: cenas da vida republicana 1889/ 1991**. Salvador: Superintendência de Apoio Parlamentar. Divisão de Pesquisa, 1997.
- BARROSO FILHO, Geraldo. **Formando individualidades condutoras: o Ginásio Pernambucano dos anos 50**. 1998. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Problemas da educação baiana**. Salvador: Gráfica Universitária, 1977.
- BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. **Bahia cívica e religiosa: subsídios para a história**. Bahia: A Nova Graphica, 1926.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAUDEL, Fernando. **Reflexões sobre a história**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza de; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 25-38.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARONE, Edgard. **A república velha: evolução política**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

CARONE, Edgard. **A república velha: instituições e classes sociais**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. **Bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Escola, memória, historiografia, a produção do vazio. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 10-15, jan./mar., 1993.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e sociedade).

COSTA, Weldon Americano da et al. **Memórias históricas do Colégio Estadual da Bahia: 1937-1971**. Bahia: Imprensa Oficial da Bahia, 1971.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 1978. (Coleção Educação universitária).

DAUMARD, Adeline. **História social do Brasil: teoria e metodologia**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1984.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

- DICK, Sara Martha. **A origem da política pública do ensino secundário na Bahia: o Liceu Provincial 1836 - 1862.** 1992. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle(Org.). **História das mulheres no Ocidente.** Tradução Maria Helena da Cruz. São Paulo: Afrontamento, 1991.
- DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30.** Rio de Janeiro: UFRJ; Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al (Org.). **Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- FARIAS, Gelásio de Abreu; MENEZES, Francisco da Conceição. **Memória histórica do ensino secundário oficial da Bahia: 1837-1937.** Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1937.
- FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano, sociedade e instituições (1889-1930).** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990. v. 2.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimentos da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhe. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.
- GAIOLFATTO, Nadia. Educação: as falas dos sujeitos sociais (delegacia de ensino de Assis - SP, 1984 –1997). **Pós-História, Revista da Pós-graduação em História - UNESP, São Paulo, v.8, p.301-306, 2000.**
- GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **Joaquim Ignácio Tosta Filho – biografia.** Salvador: Instituto do Cacau, [19--?].
- GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, José Carlos Souza de; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 3-24.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 1991.
- GILES, Thomas Ranson. **História da educação.** São Paulo: EPU, 1987.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas: a esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

HILSDORF, Maria Lucia S. Tempo de escola: fontes para a presença feminina na educação escolar. In: GONDRA, José (Org.). **Dos Arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o império e a república no século XIX**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Estudos CDAPH. Série Historiografia).

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **Invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOSÉ, Emiliano. **Carlos Marighella: o inimigo número um da ditadura militar**. São Paulo: Sol e Chuva, 1997.

KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado**. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980. (Coleção Museus & técnicas, 4).

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 176).

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim e (Org.). **História de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

LEITE, Rinaldo. **E a Bahia civiliza-se... ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LIMA, Ari. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual? **Revista Afro-Ásia**, CEAO/ FCH/UFBA, Salvador, n. 25-26, p. 281-312, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 51).

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LUZ, José Augusto Ramos da. **Educação e disciplina: propostas para a infância, Bahia (1924-1928)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MACHADO NETO, José Luis. **Da vigência intelectual: um estudo de sociologia das idéias**. São Paulo: Grijalbo, 1968. (Estante do pensamento brasileiro).

MACHADO NETO, José Luis. **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870 – 1930**. SP: EDUSP, 1973. (Estante do pensamento brasileiro).

MARIGHELLA, Carlos. **Por que resisti à prisão**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATTA, Raymundo. O Conselho de Ensino e as “ reformas ” republicanas. Salvador, **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, n. 91, p. 215-129, 1994 .

MATTA, Raymundo. **Mestres da minha geração**. Salvador: EBDA, 1996.

MONARCHA, Carlos. **Escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

NADAI, Elza. Cotidiano, história e memória: exercício profissional e responsabilidade docente – algumas reflexões. In: Martins, A. M. **Tempo e o cotidiano na história**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1994. (Idéias, 18).

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1976 .

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos: introdução à antropologia filosófica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

NUNES, Antonietta d’Aguiar. Educação na Bahia no século XIX: algumas considerações. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, v. 93, p. 165-203, 1997.

NUNES, Antonietta d’Aguiar. Educação na Bahia durante a primeira república. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, Salvador, v. 96, p.209-252. 2001.

OLIVEIRA, Eduardo de Sá. **Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia**. Concernente de 1942. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

PENNA, Lincoln de Abreu. **Uma história da república**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

PASSERINI, Luiza. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália facista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 319-382.

PASSOS, Alexandre. O centenário do Gymnasio da Bahia. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 24 out. 1937. (Livreto 13 folhas).

PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIERSON, Donald. **Branco e pretos na Bahia: estudo de contato racial**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1971. (Brasiliana, v. 241).

- PONTES, Kátia Vinhático. **Mulatos: políticos e rebeldes baianos**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- PROST, Antoine et al. (Org.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 5.
- REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. (Memória da educação).
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar escolar**. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Educação contemporânea).
- RODRIGUES, Andréa da Rocha. **A Infância esquecida: Salvador 1900-1940**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SACCHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; MARINGONI, Gilberto. **A Imagem e o gesto: fotobiografia de Carlos Marighella**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder & representação: o Legislativo da Bahia na segunda república, 1930 - 1937**. Salvador: Assembléia Legislativa, 1992.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. **Os partidos políticos na primeira república: uma política de acomodação**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1978. (Estudos Baianos, 10)
- SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **História da educação: perspectivas para um intercambio internacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999 (Educação contemporânea).
- SANTOS, Mário Augusto da Silva. **A república do povo: sobrevivência e tensão – Salvador, (1890-1930)** Salvador: EDUFBA, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986. (Polêmicas do nosso tempo, v. 5).
- SAVIANI, Dermeval. **Filosofia da educação brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís; (Org.). **História e história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Educação contemporânea).
- SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: **Filosofia da Educação Brasileira**. 6. ed. Civilização Brasileira, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1991.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SILVA, Maria da Conceição Barbosa da Costa e. **O Ensino primário na Bahia: 1889-1930.** 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, Paulo Santos. **A volta do jogo democrático: Bahia – 1945.** Salvador: Assembléia Legislativa, 1992.

SOUZA, Cynthia Pereira de. Os Caminhos da educação masculina e feminina no debate entre católicos e liberais: a questão da co-educação dos sexos, anos 30 e 40. In: _____. **Pesquisa histórica: retratos da educação no Brasil.** Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Fontes, objetos e perspectivas da pesquisa em história da educação no Século XIX. Professores e Professoras: retratos feitos de memória (Brasil, Final do Século XIX e início do Século XX) In: GONDRA, José (Org.). **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o império e a república.** Estudos CDAPH Série Historiografia Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação. 2001. p. 73-95.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Duas reformas da educação na Bahia: 1895 -1925.** Salvador: MEC/Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia, 1968.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia.** 8. ed. São Paulo: Ática, 1987.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia.** 10. ed. Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976. (Atualidades pedagógicas, 132).

TEIXEIRA, Anísio. **Educação pública, administração e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Departamento de Educação, 1935.

TEIXEIRA, Rodolfo. **Memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus: 1943-1995.** Salvador: EDUFBA, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2. ed. RJ: Paz e Terra, 1992.

VAIDERGORN, José. **As seis irmãs: as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – institutos isolados de ensino superior do Estado de São Paulo - 1957-1964: alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo.** 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). **Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951.** Curitiba: O Autor, 1998.

VEIGA, Claudio. **O poeta Pethion de Villar: uma figura romanesca.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

VEIGA, Claudio. **Atravessando um século: a vida de Altamirando Requião.** Rio de Janeiro: Record; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.

VEYNE, Paul; DUBY, Georges (Org.). **História da vida privada.** São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fonte oral e a pesquisa em história da educação: algumas considerações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 27, p. 7-16, jul. 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Filósofos, magos, humanistas e intelectuais: um estudo sobre o pensamento (e a educação) nos tempos modernos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 28, p. 111-113, dez. 1998.

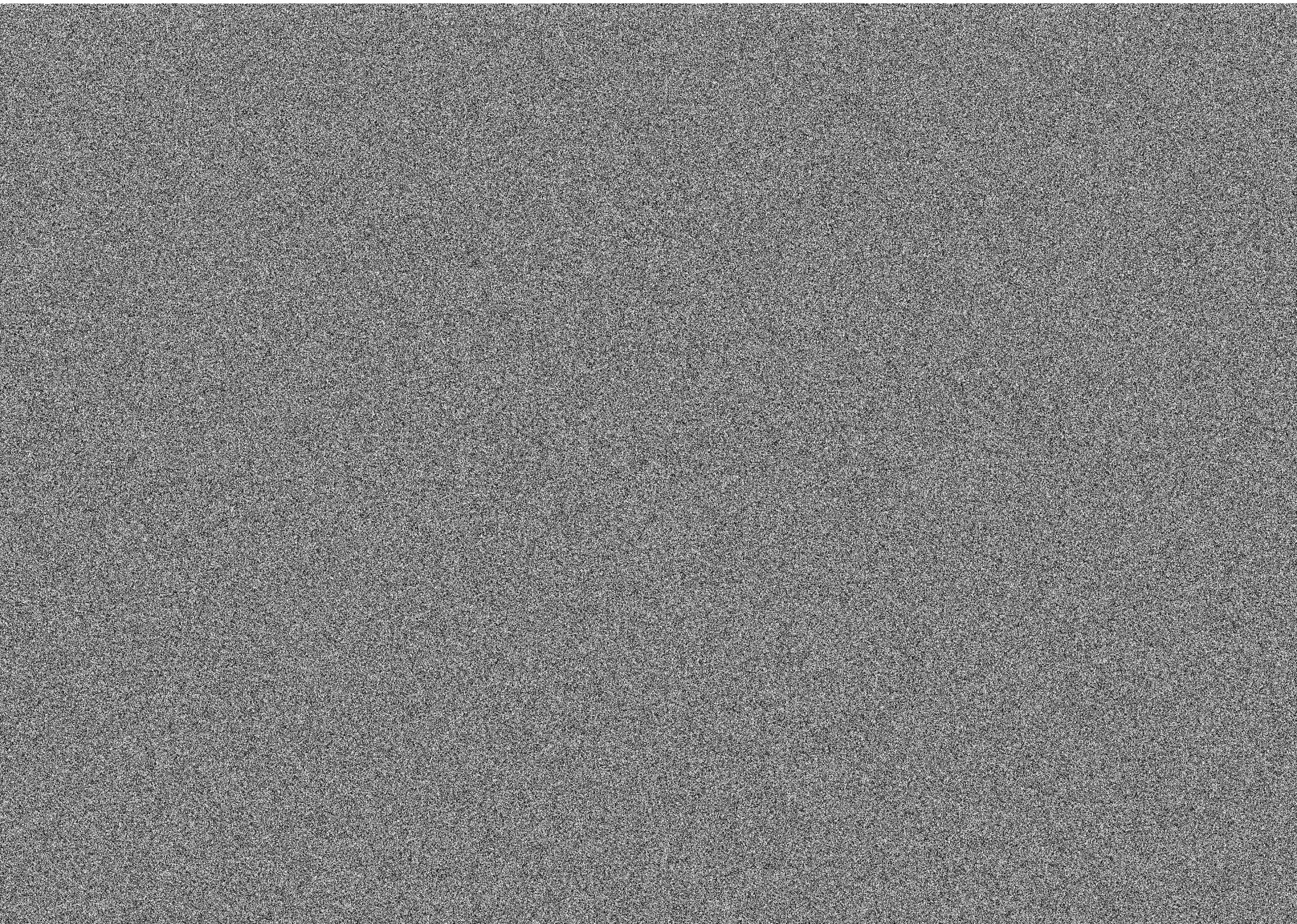
VIDAL, Diana Gonçalves; Del Vecchio, Joya de Campos. **O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações.** **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 125-136. set. 1986/ fev. 1987.

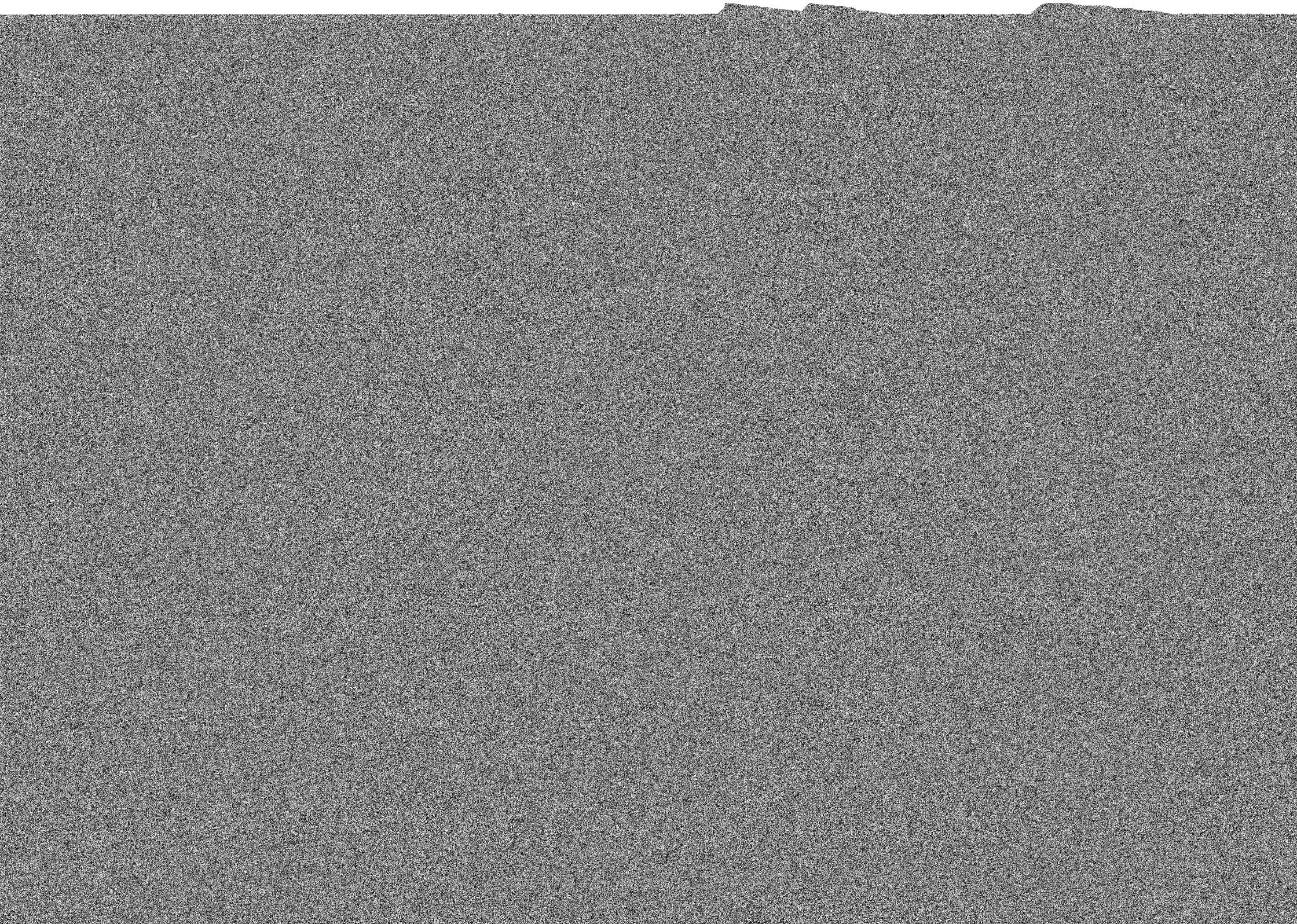
VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Org.). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o império e a república.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

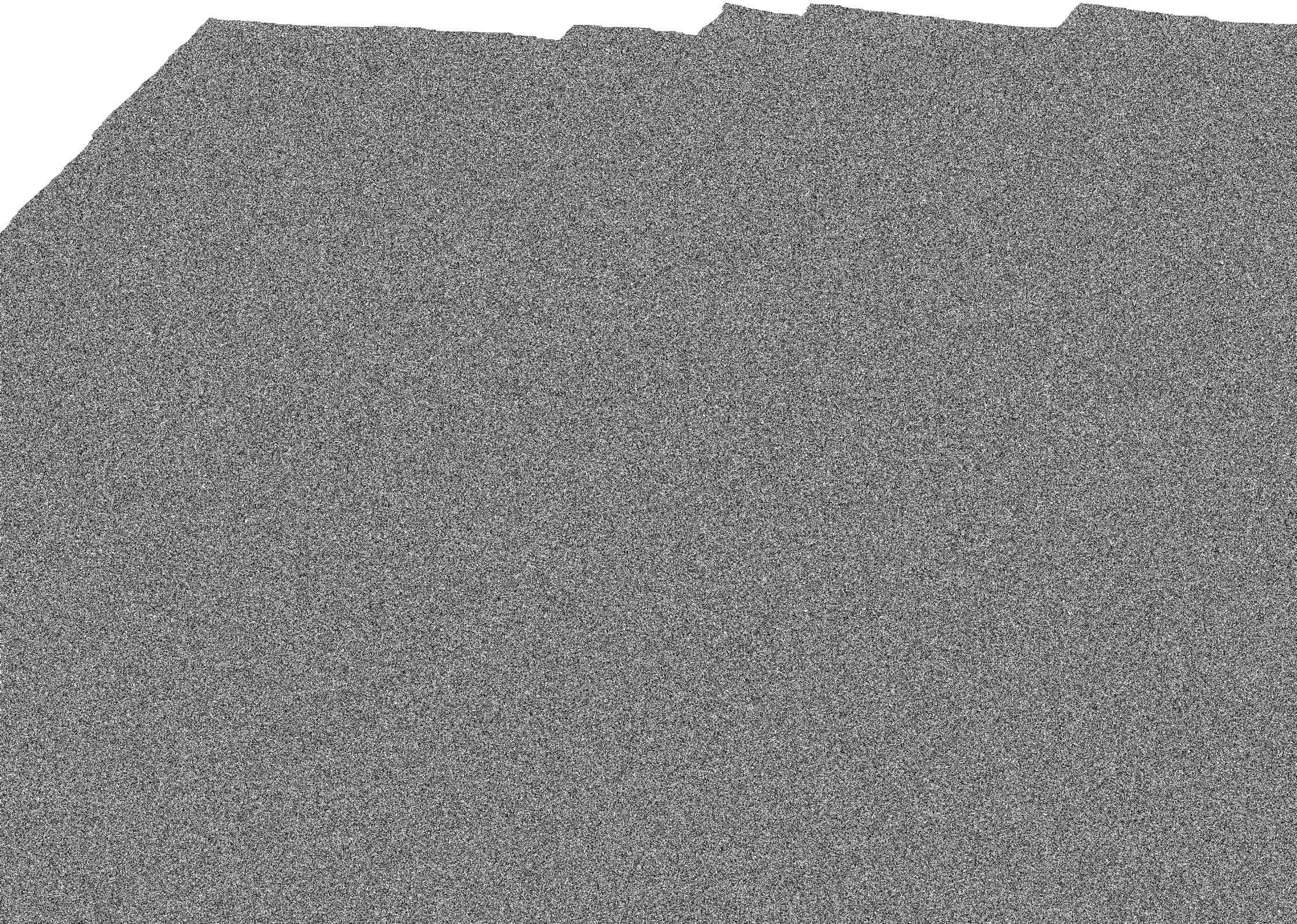
VIDAL, Diana Gonçalves; MORAES, Carmem Sylvia Vidigal de; UEHARA, Karina Akemy. O Centro de Memória da Educação (USP): acervo documental e pesquisas em história da educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. 147-156, dez. 2001.

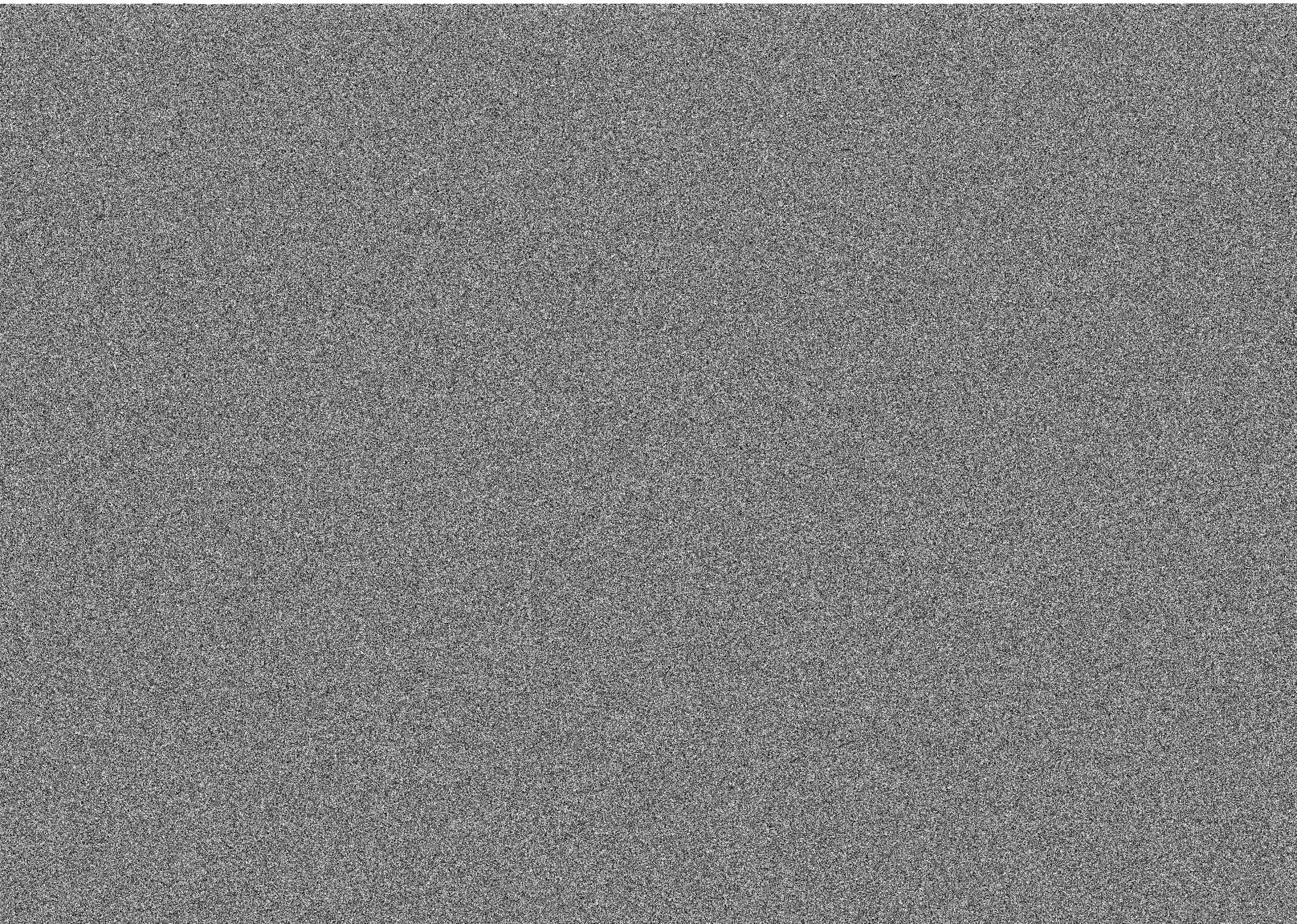
VIDAL, Diana Gonçalves. A Imagem na reforma educacional carioca da década de 20: fotografia, cinema e arquitetura. In: **SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM, IMAGEM NA PEDAGOGIA**, 1996. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 1996. p. 175-180.

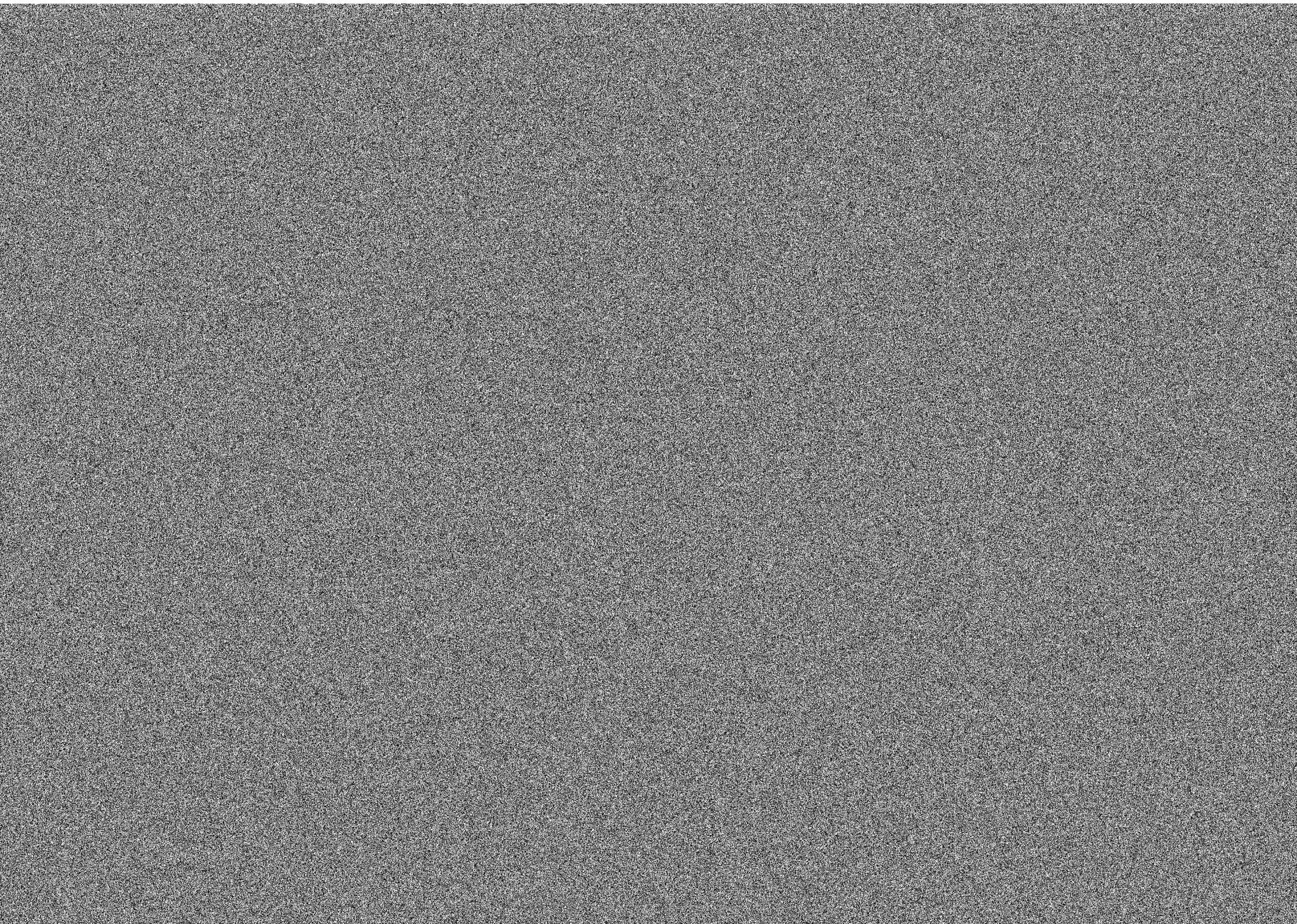
VIDAL, Diana Gonçalves. Leitura, livro e escola nova, no Brasil dos anos 1930. In: **CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 1, 1996. Lisboa. **Anais...** Lisboa: Fundação Calouste Guibenkian, 1996. v.2.

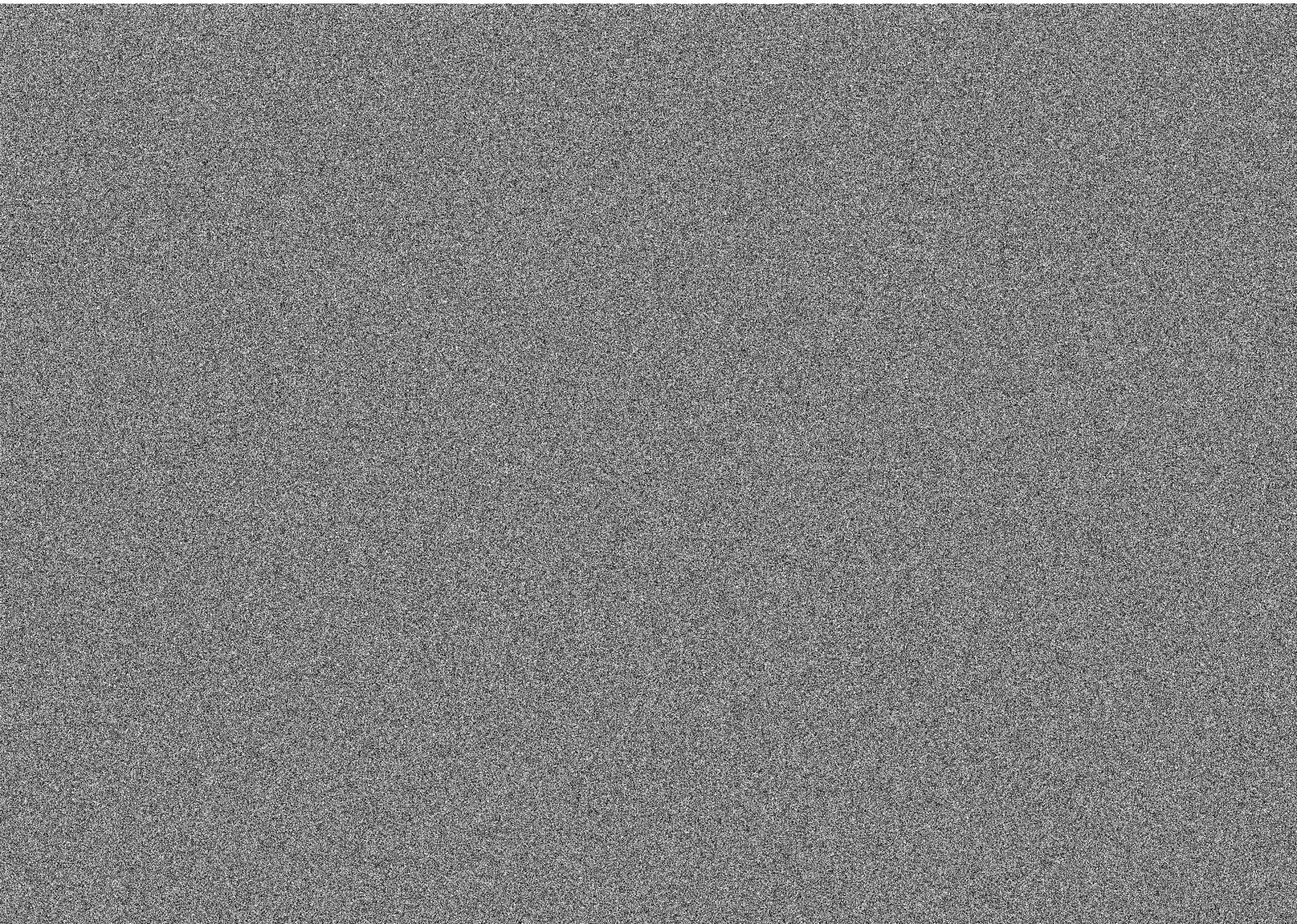


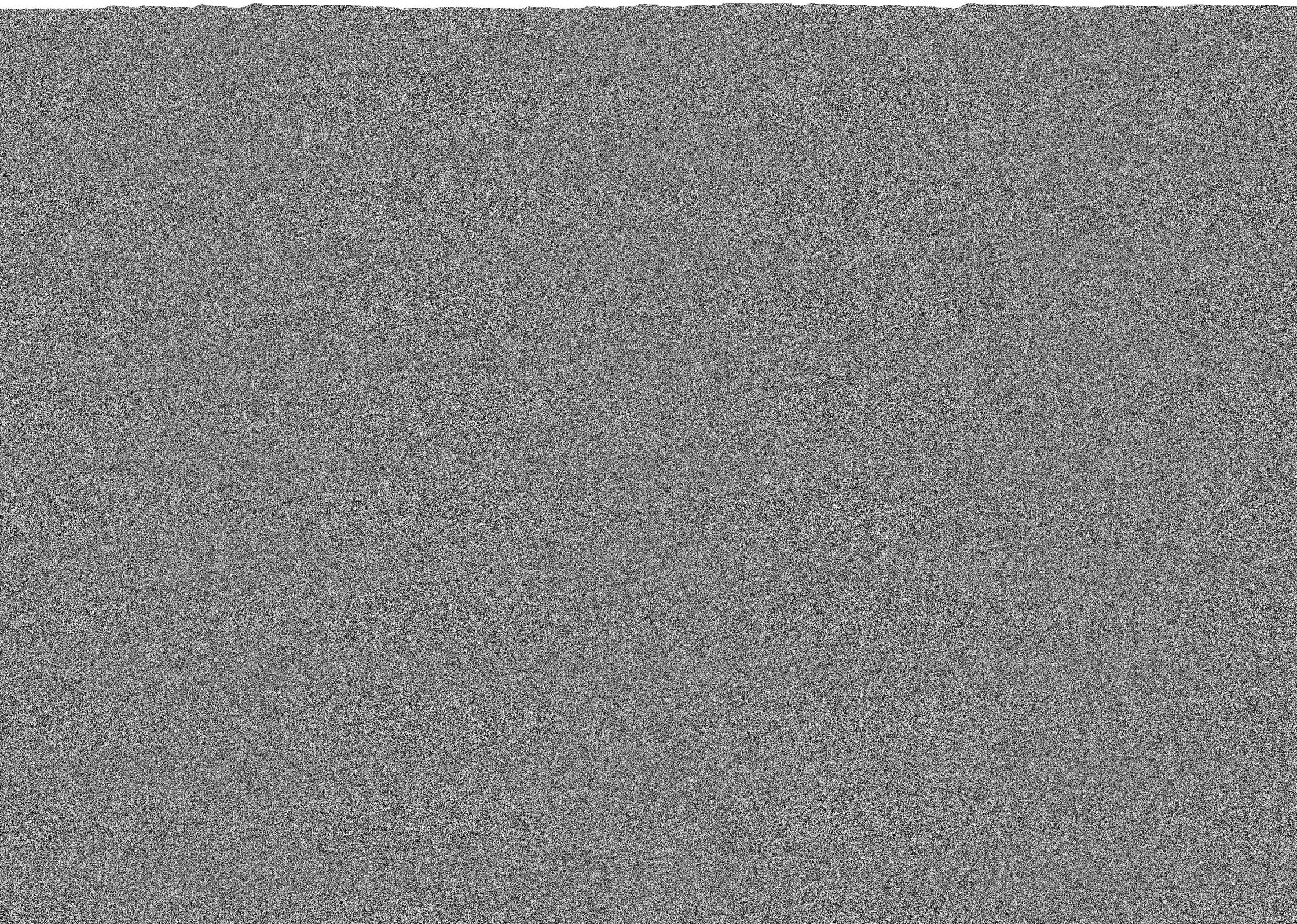


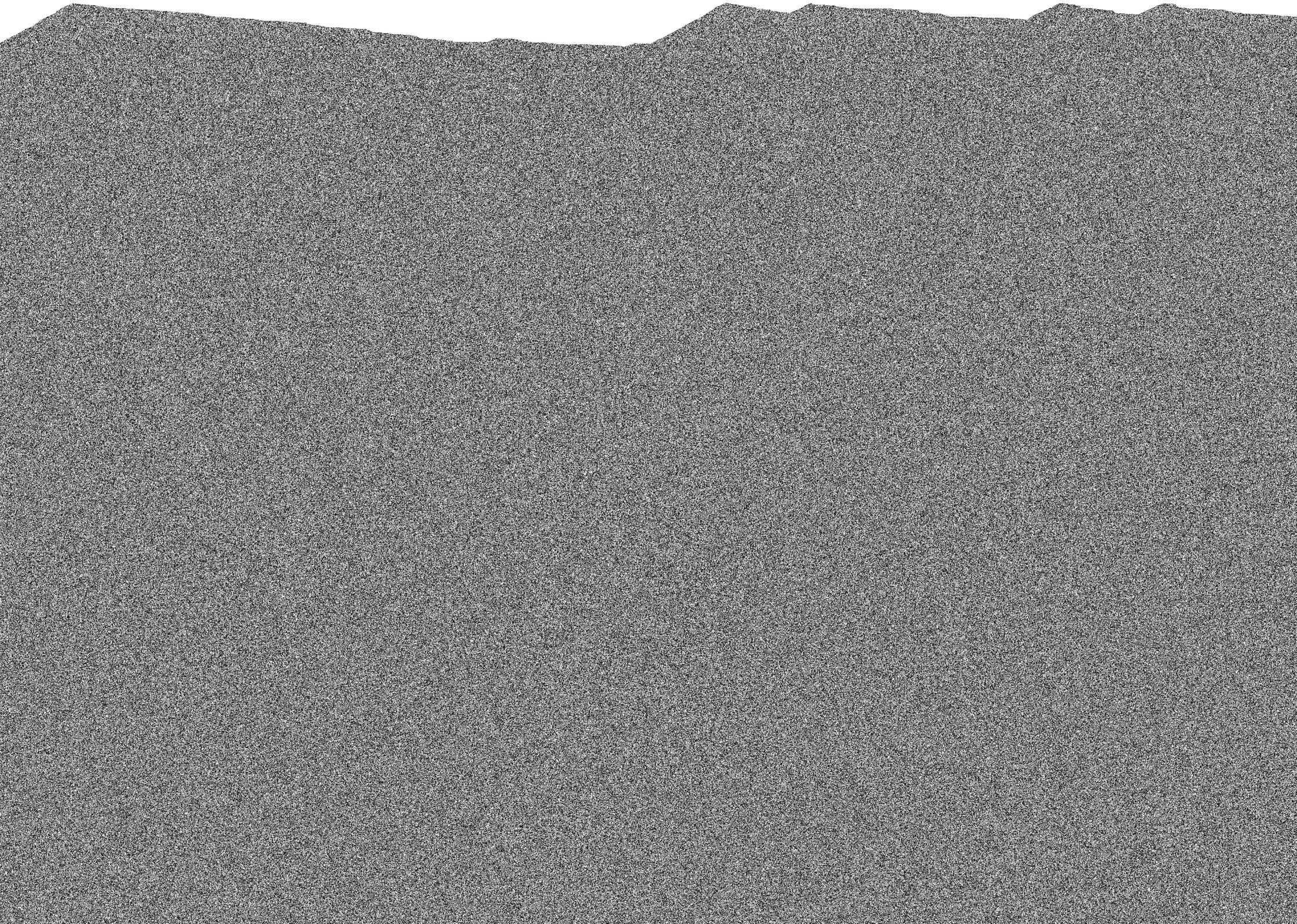


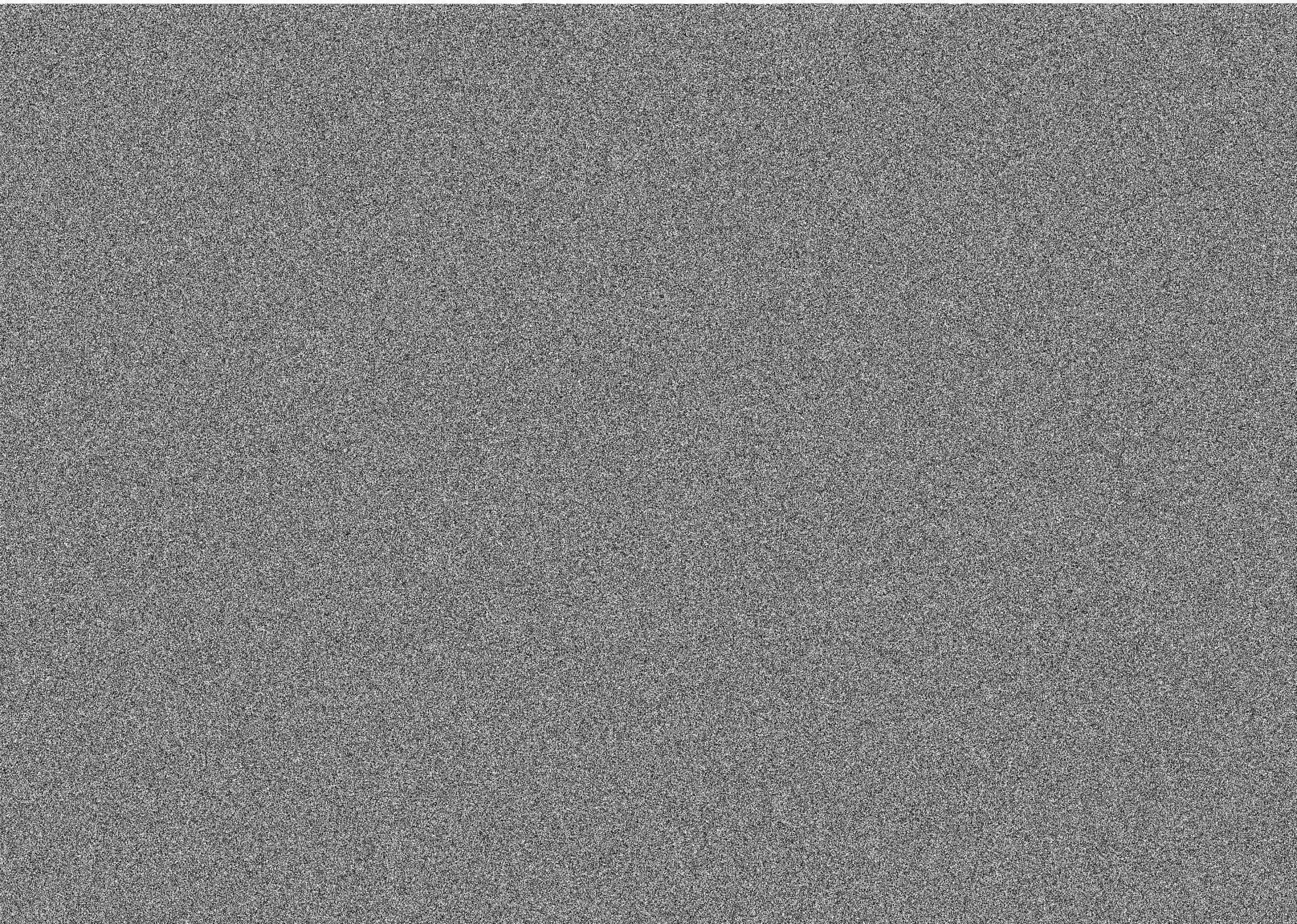


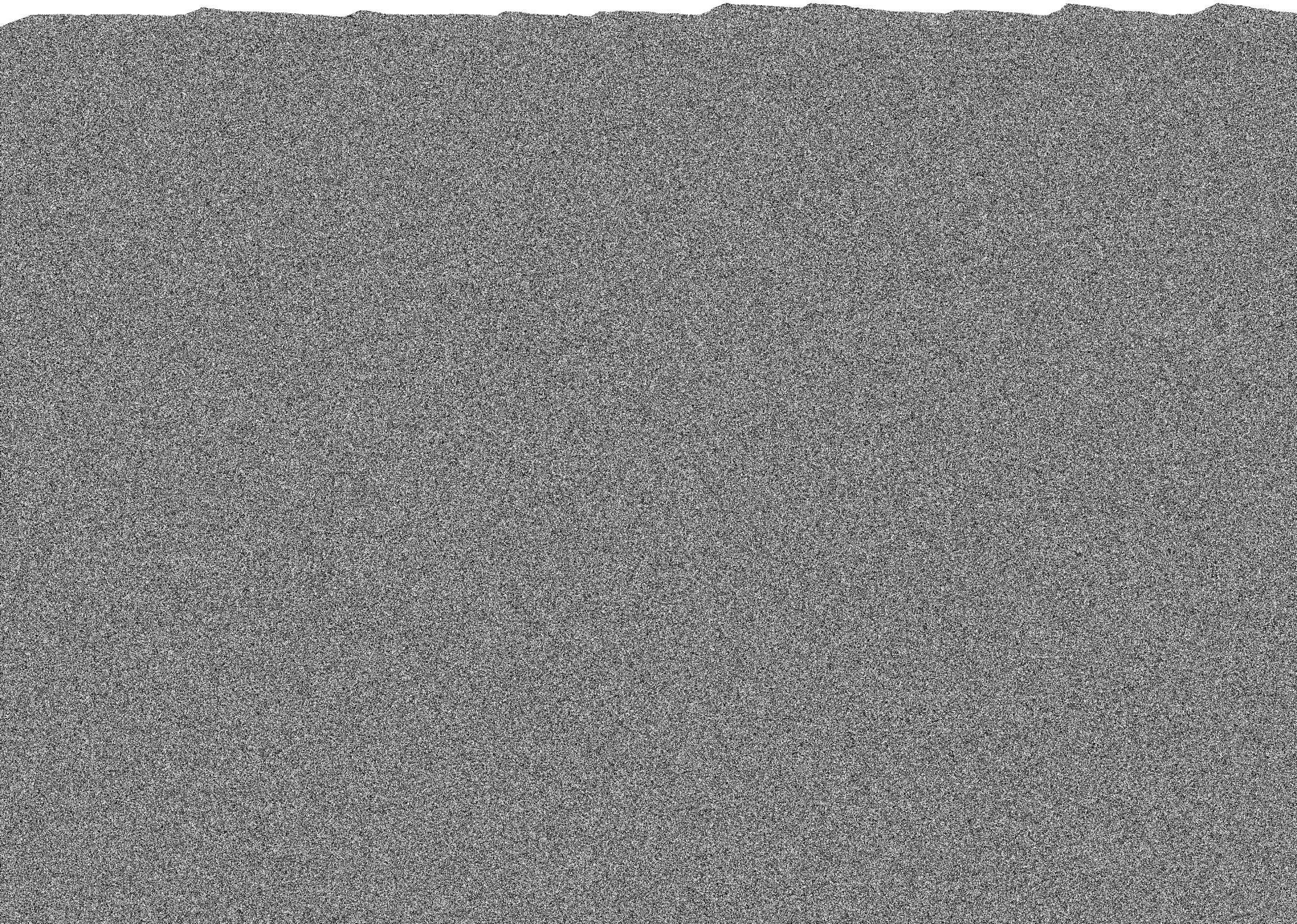


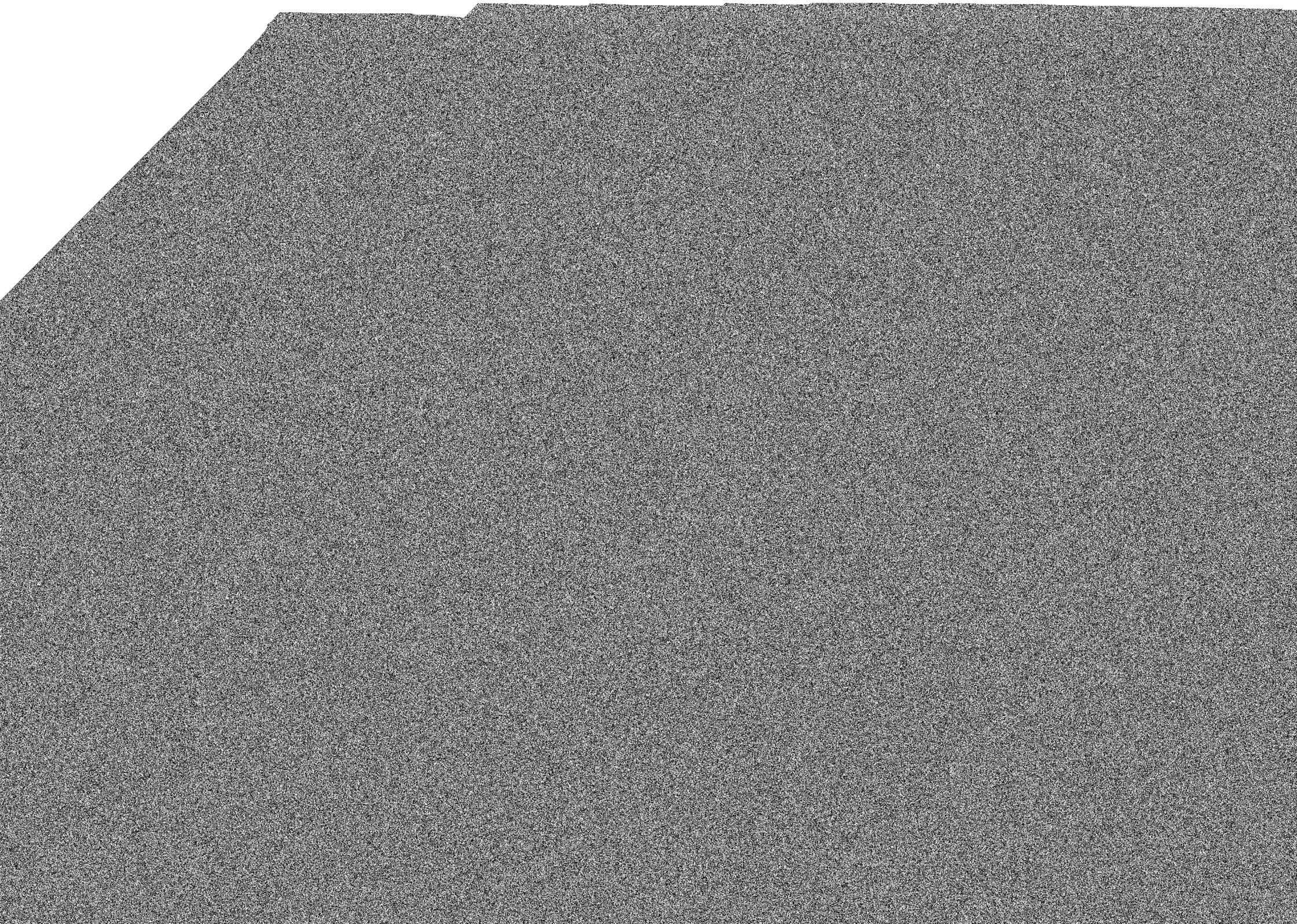


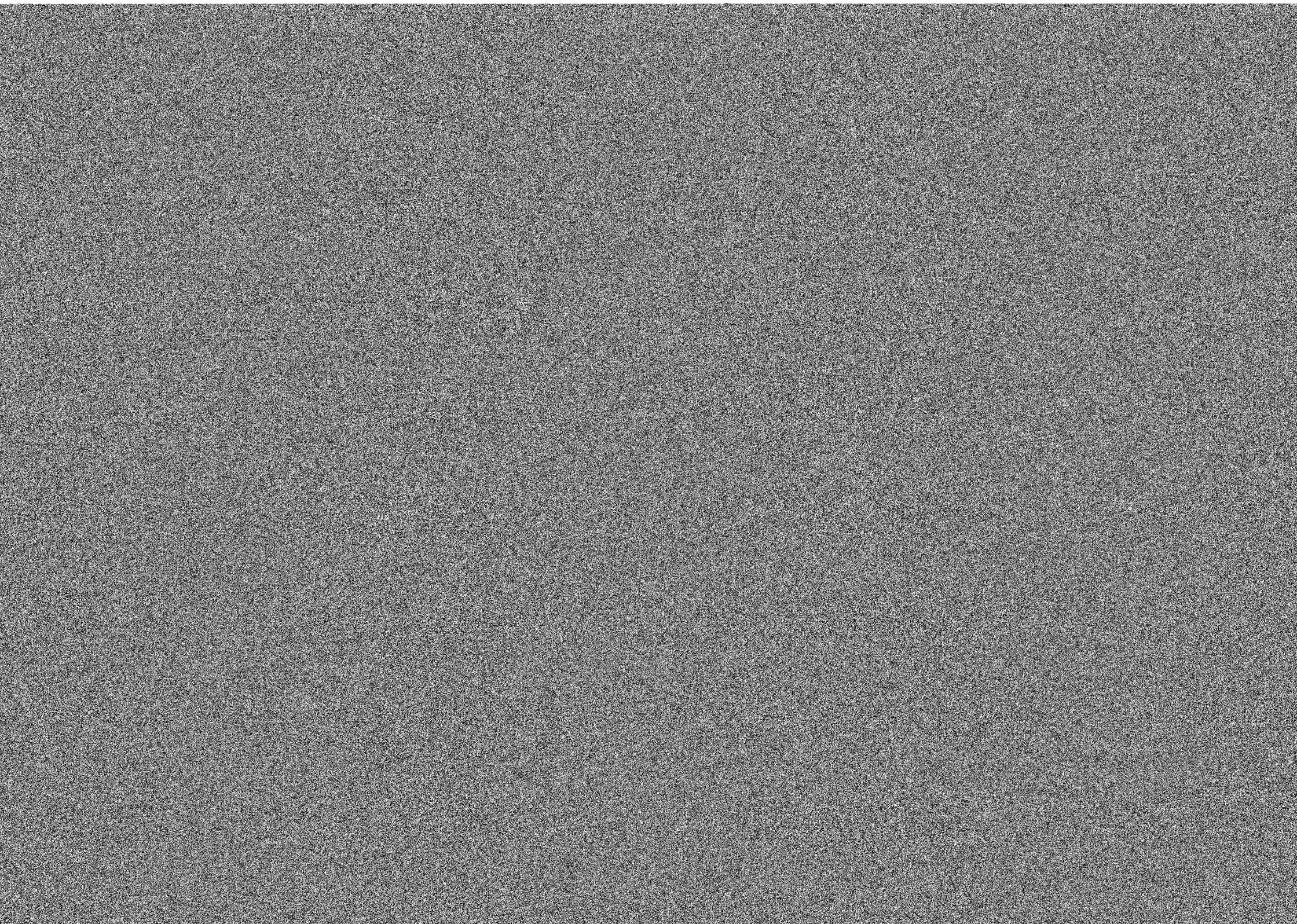


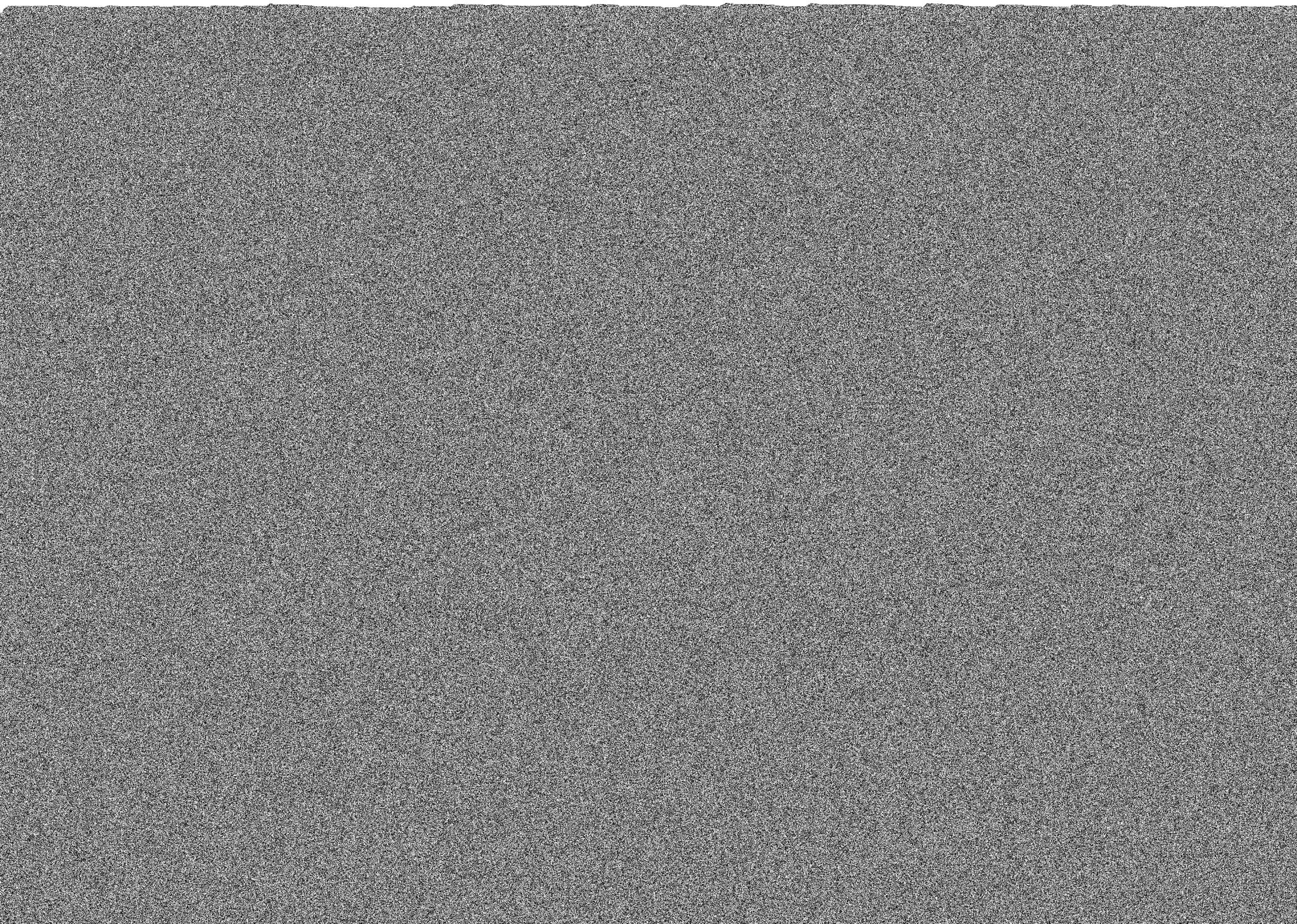


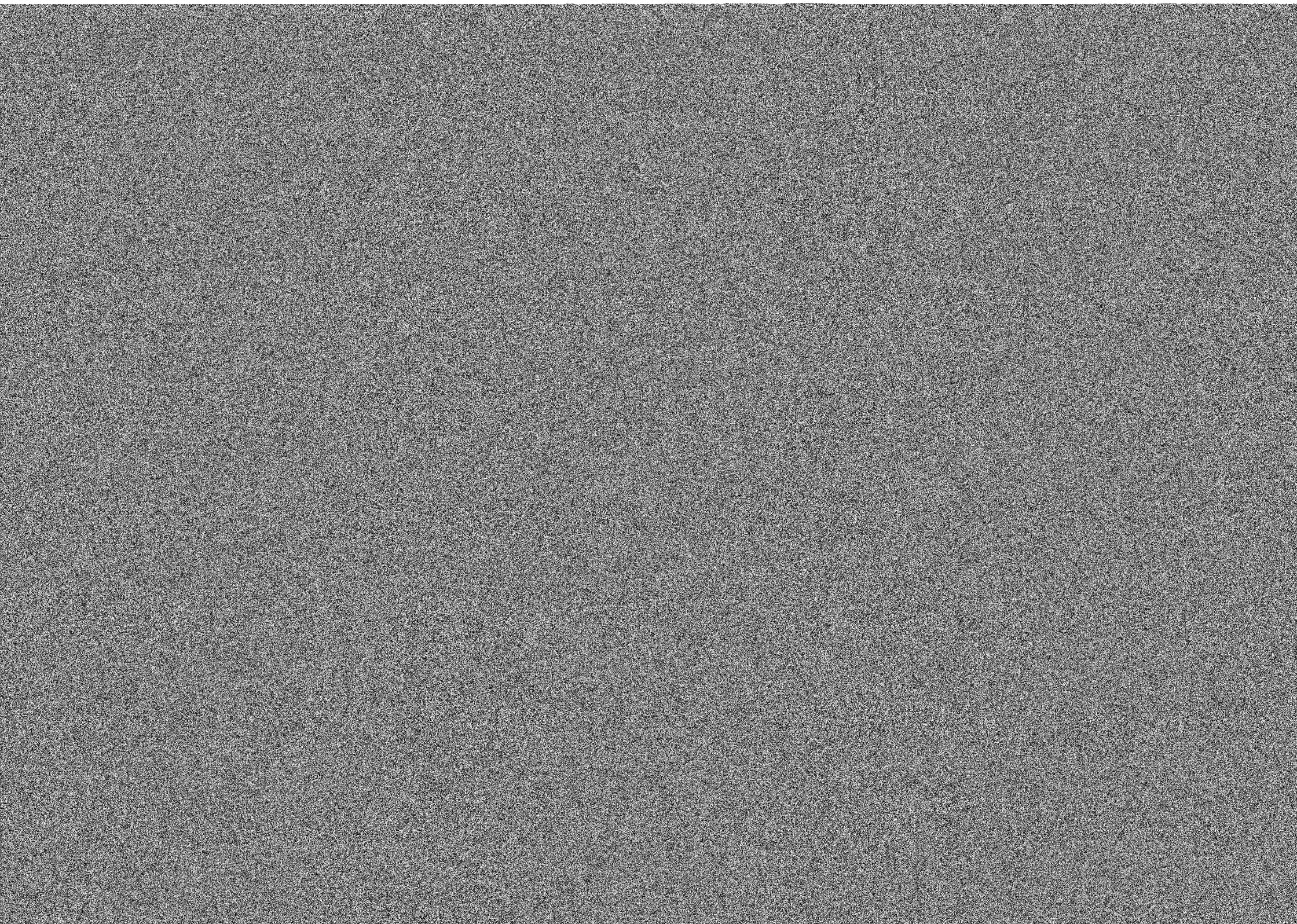


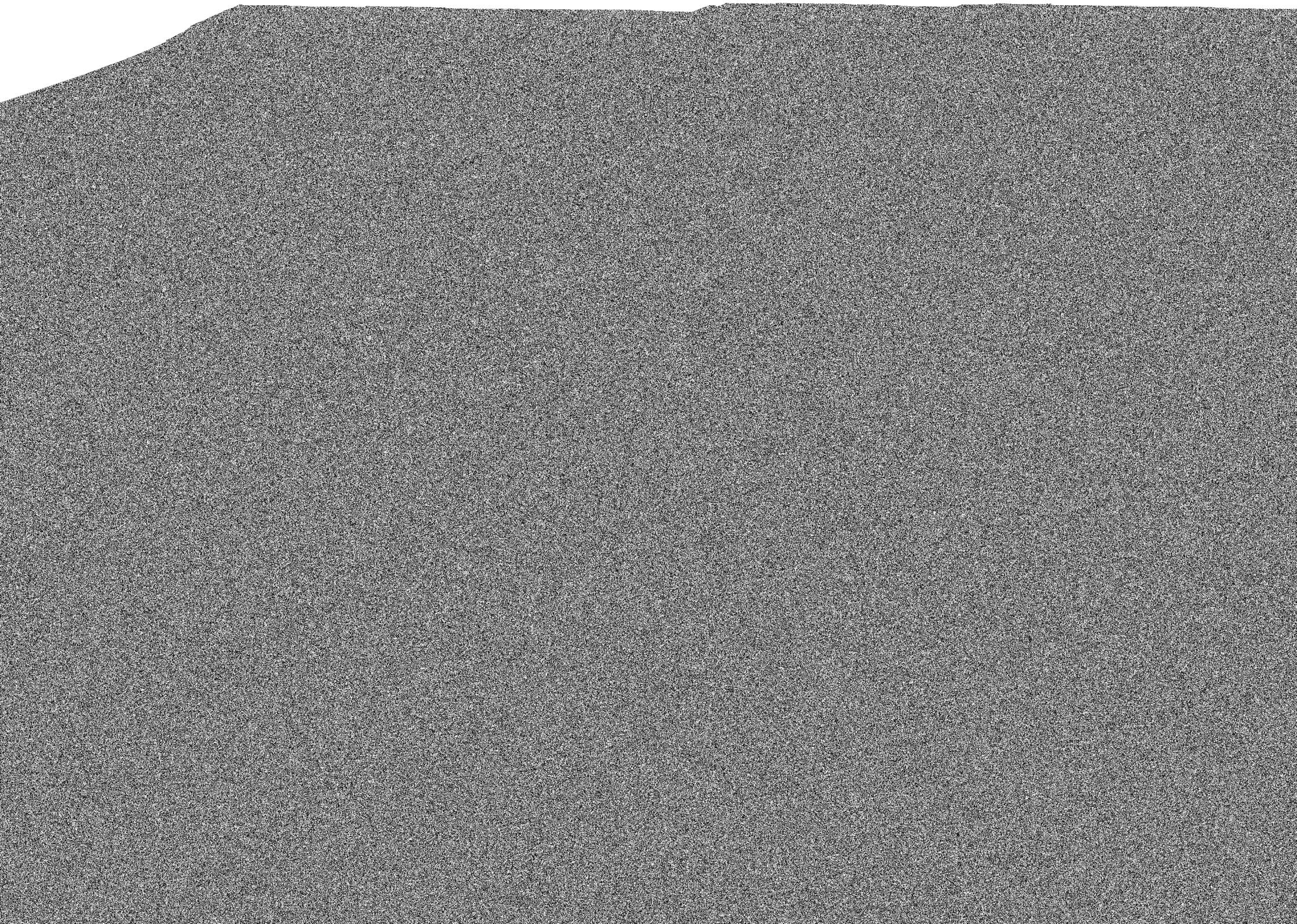


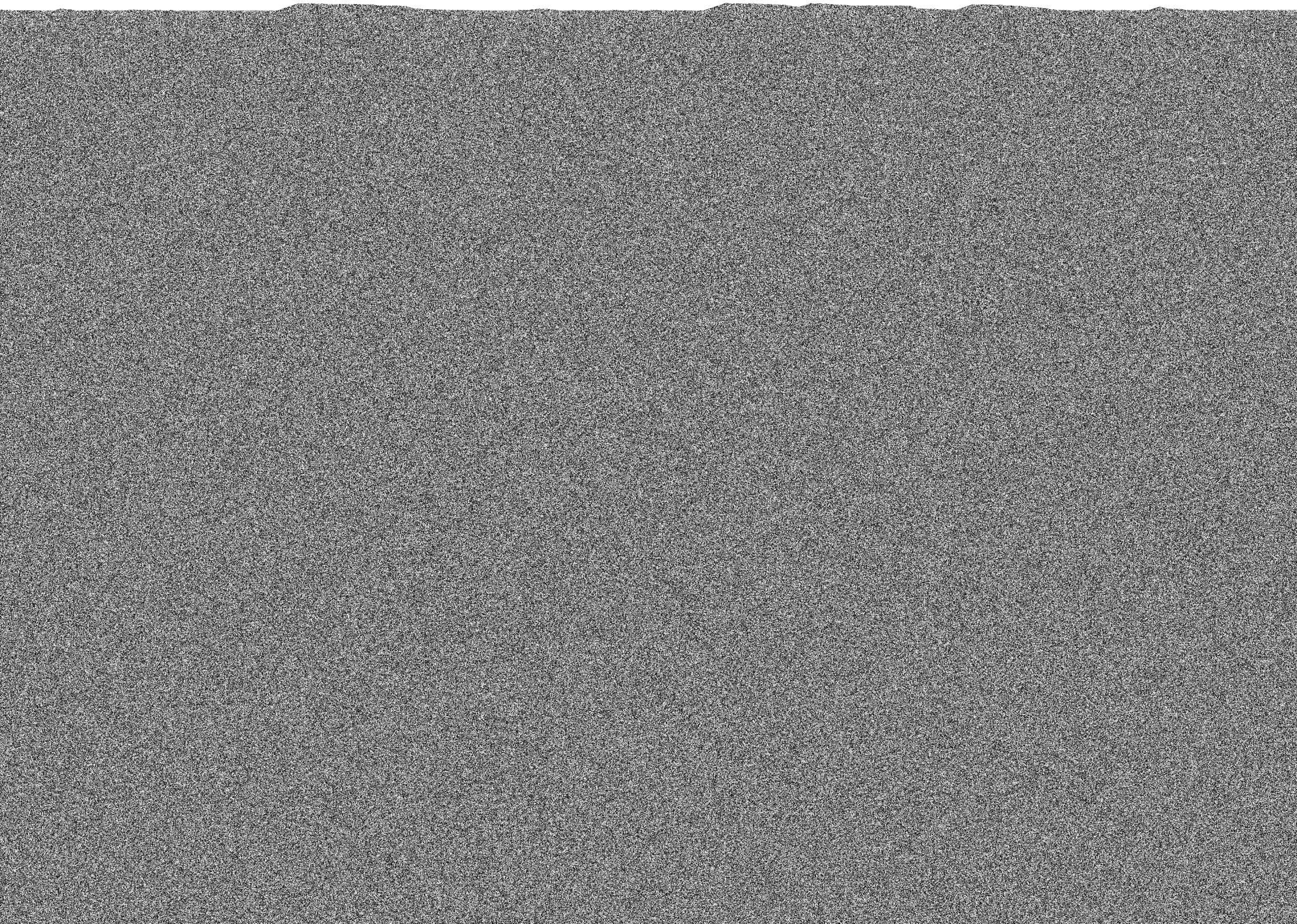


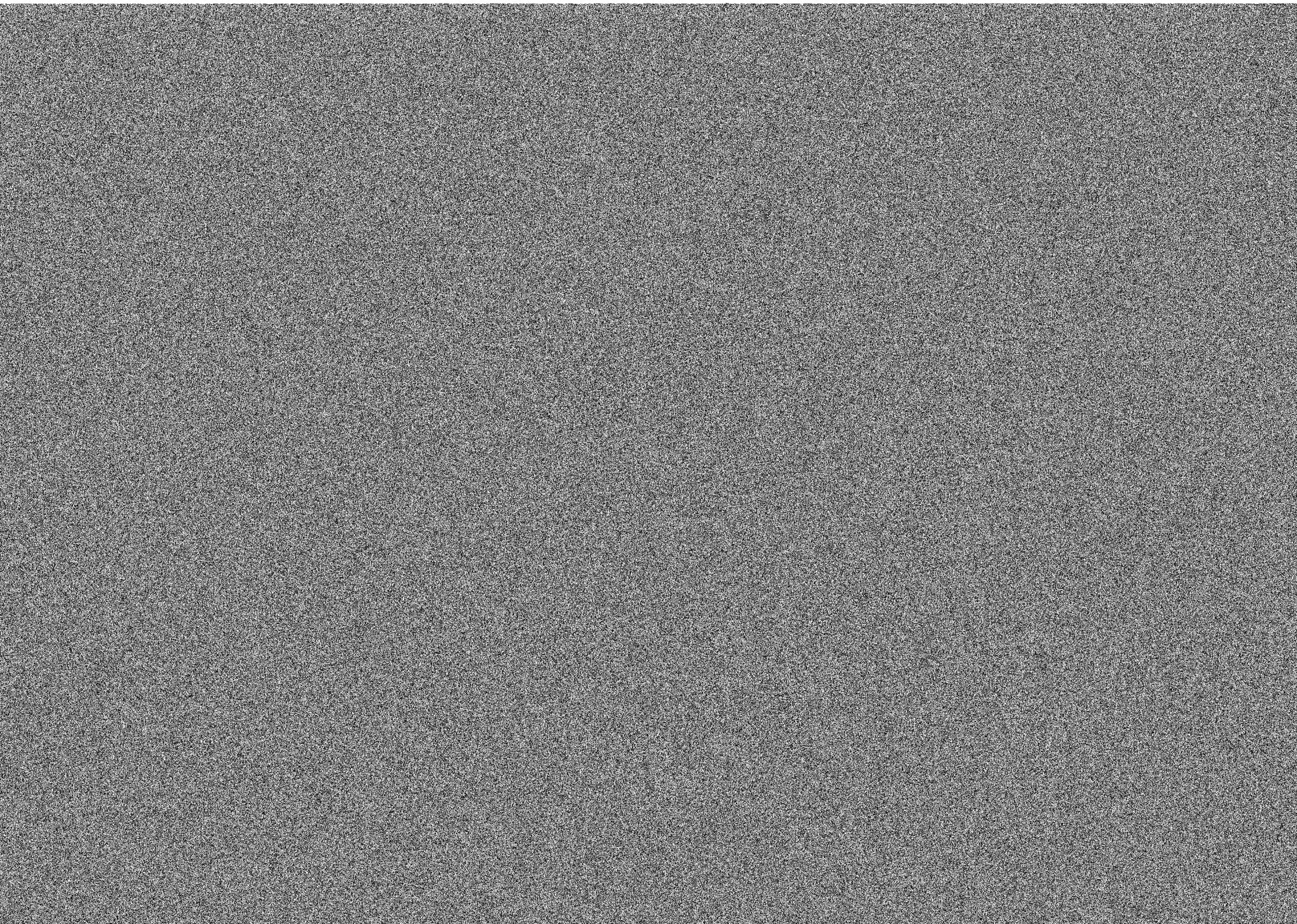


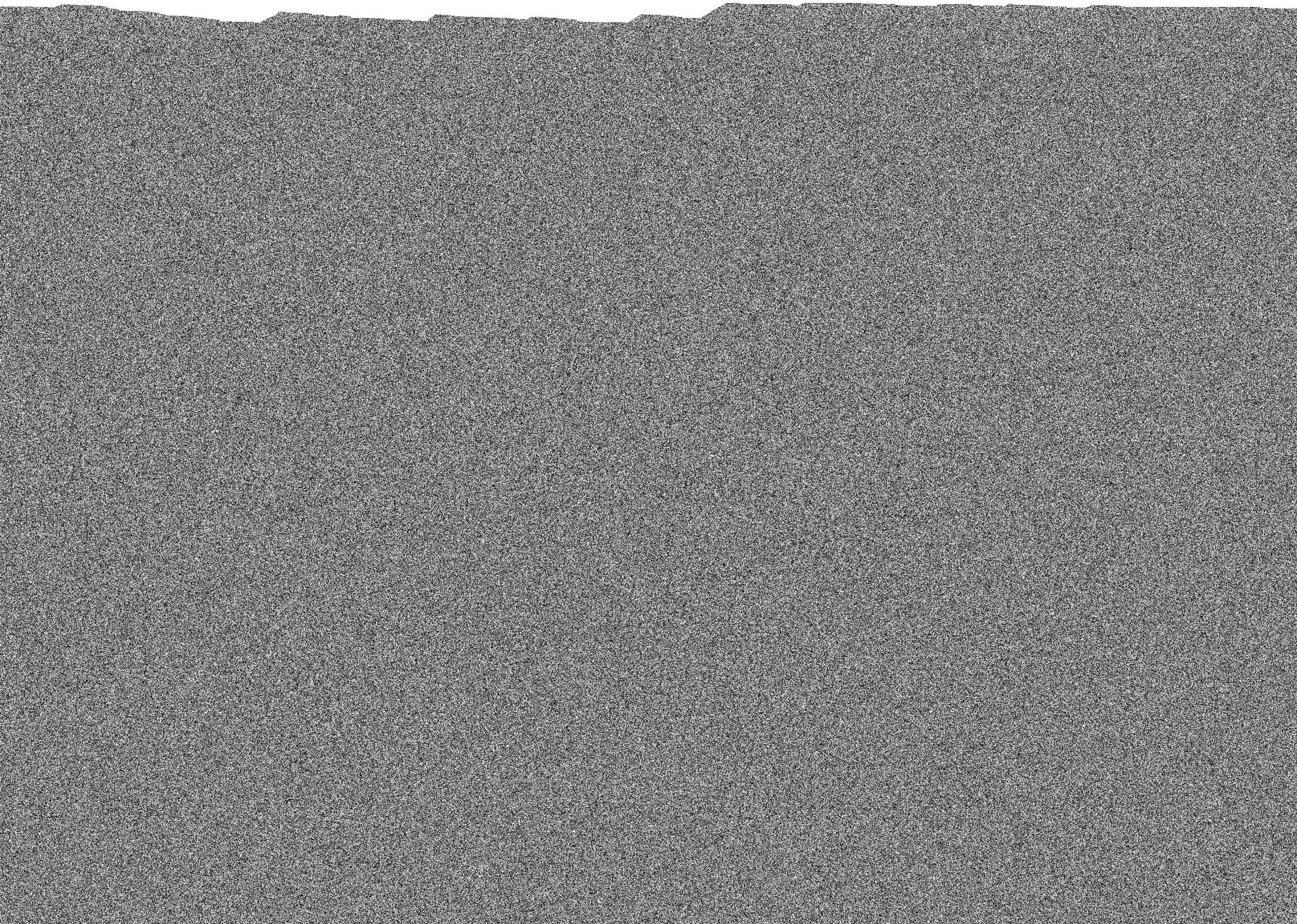


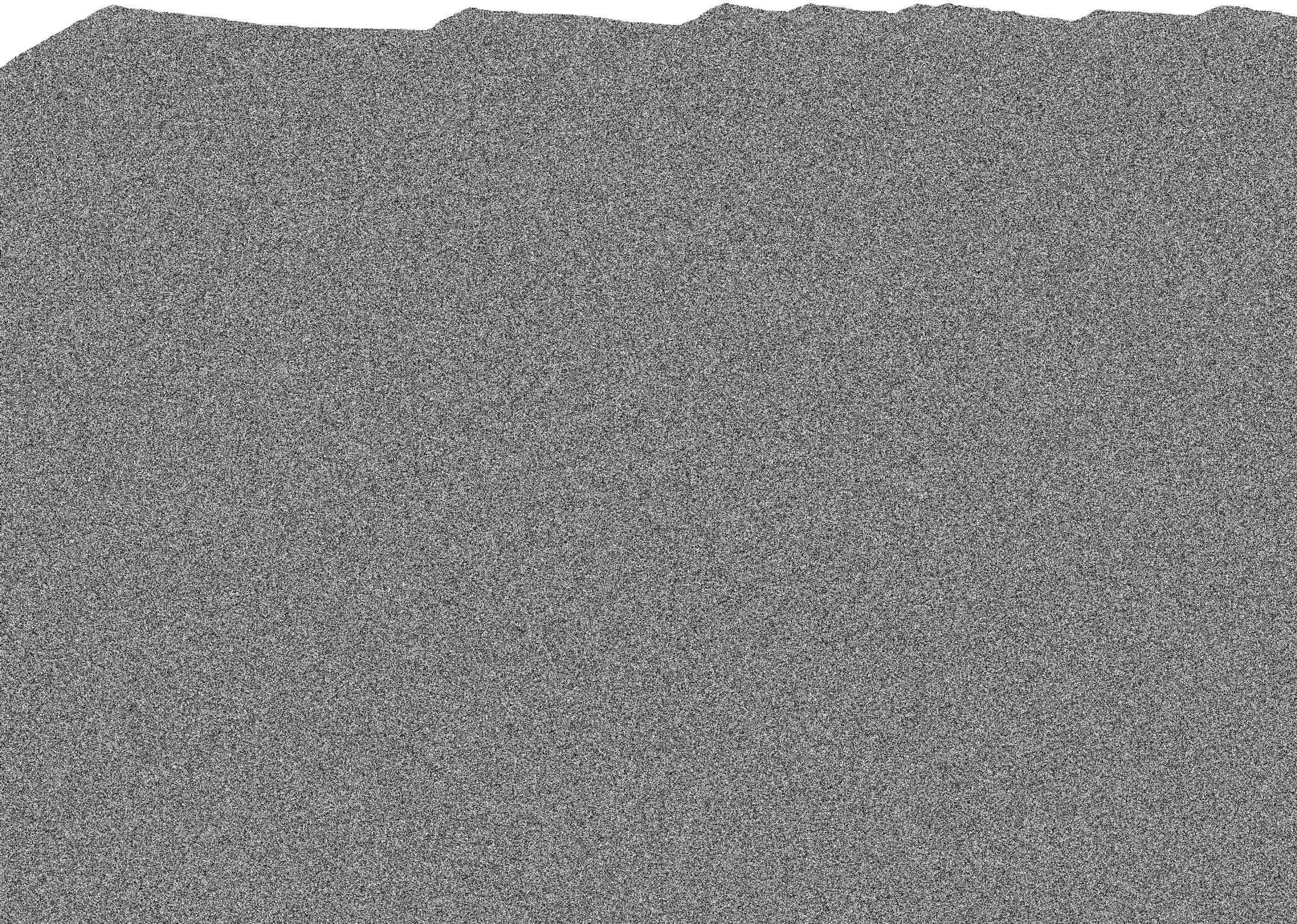


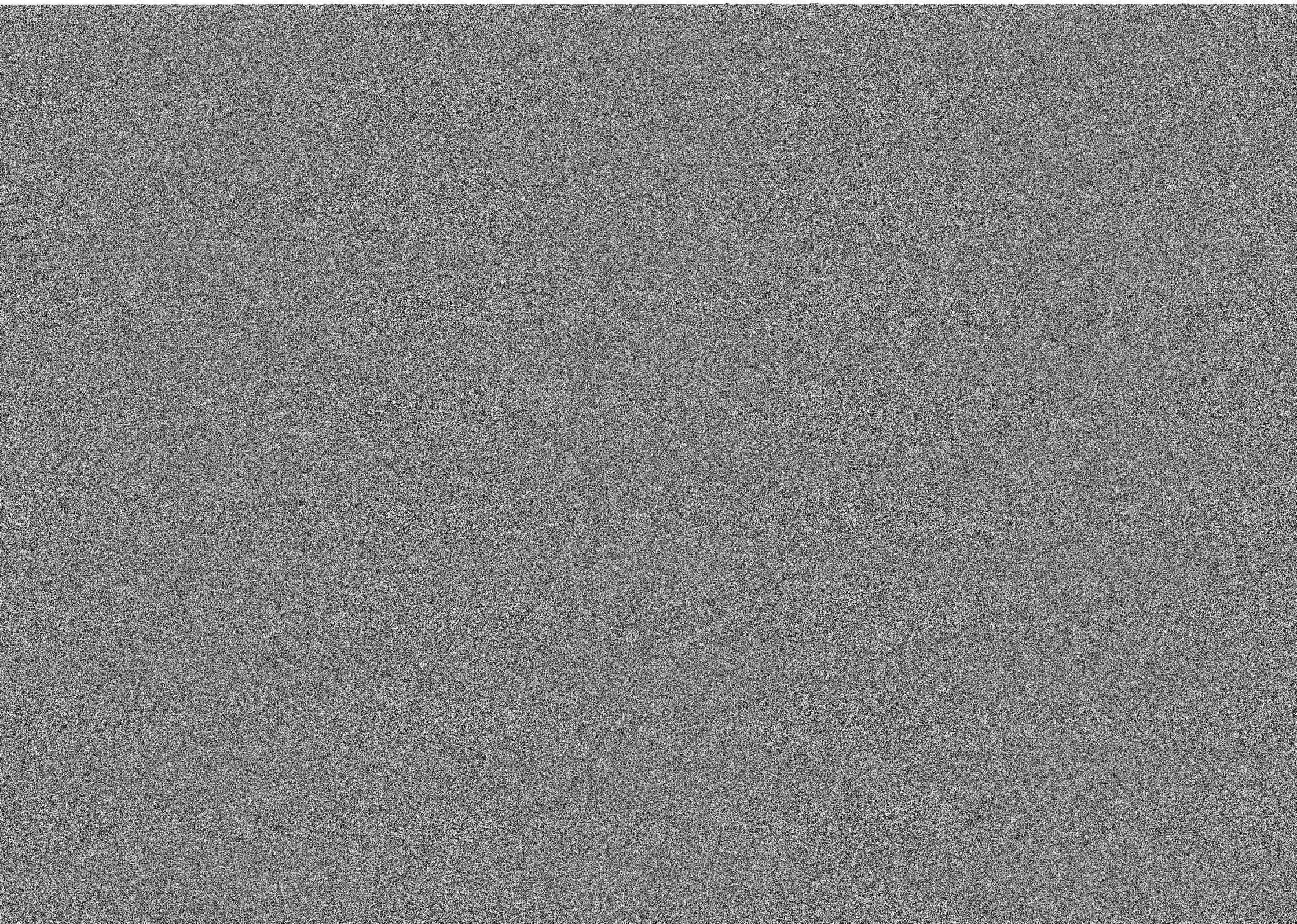


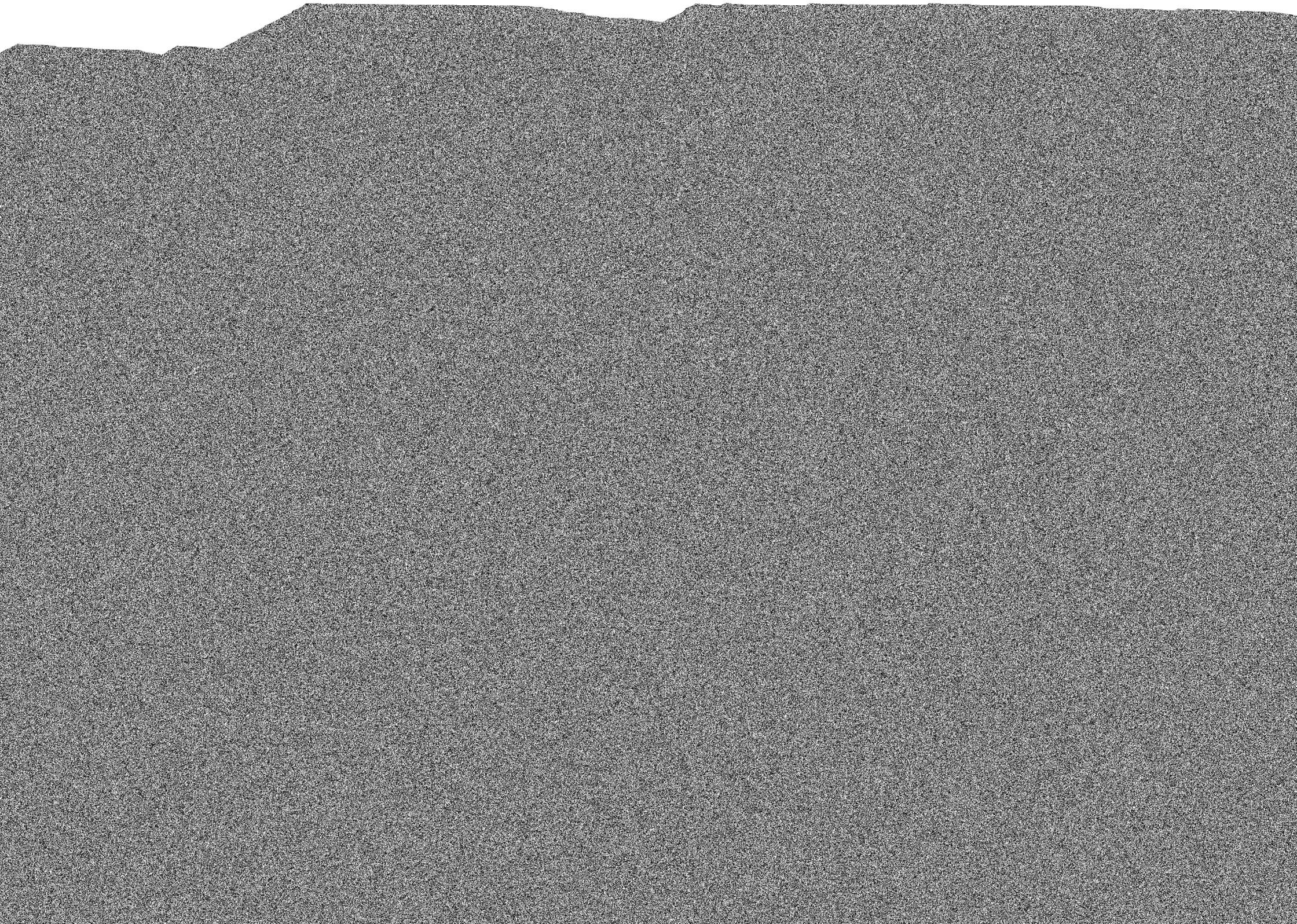


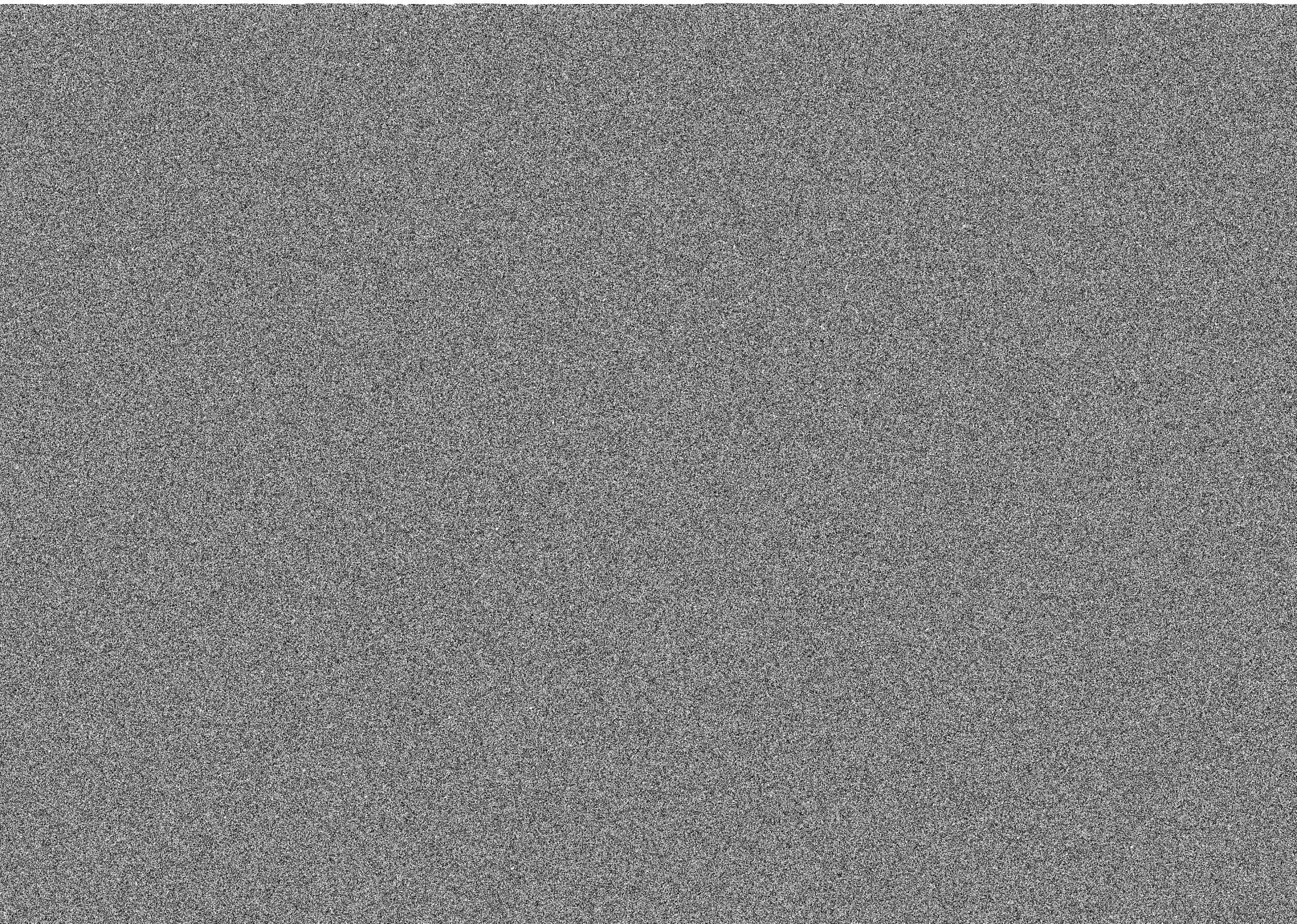


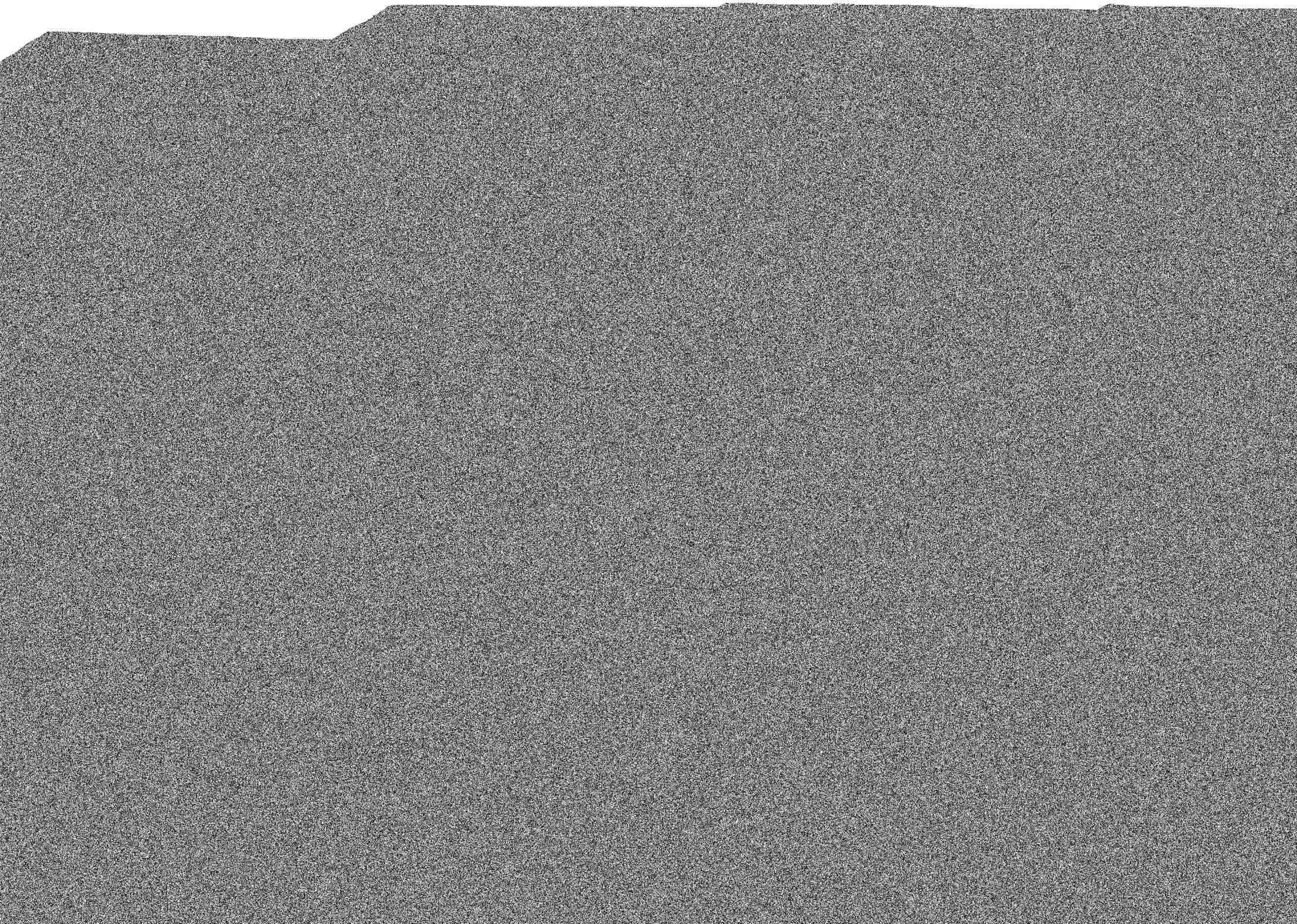












ANEXO A - Programa de Literatura do Curso Jurídico do Ginásio da Bahia -1936

Literatura

PROGRAMMA DE ENSINO

“Primeira série”

1- Conceito e significação de literatura e do facto literario; suas condições. Generos litterarios; a poesia, a prosa, o theatro, o romance, a história, a eloquencia, a satyra, o folk-lore: suas modalidades. A critica, o ensaio, o jornalismo e outros generos. Apreciação das influencias do meio, da epoca e dos costumes. Escolas litterarias. Noção de estylo.

Literaturas orientais antigas

2- Os monumentos litterarios da India antiga: os Vedas, os grandes poemas epicos e a literatura dramatica. Caldéia. O Código de Hamurabi. Os persas e o Zendavesta. Os hebreus e a Bíblia.

Litteratura grega

3- Periodo heroico – Homero e Hesiodo.

4- Poesia lyrica e pastoral. Alceu, Sapho e Anacreonte. A ode: Pindaro. A tragedia e a comedia.

5- Historia e philosophia. Herodoto, Tucidides e Xenofonte, Platão e Aristóteles. A eloquencia. Demosthenes.

6 – Periodo greco-alexandrino. Gênese de romance. O idylio: Theocrito. Periodo greco romano. Polybio, Plutarco e Luciano. Influencia do Christianismo; São João Chrisistomo. Periodo bizantino; declinio do espirito grego.

Litteratura latina

7- Phase de formação: origem da poesia religiosa dos romanos. Influencia do espirito grego. A epigraphia. A poesia epica e satyrica: Enio e Lucilio – A comedia: Plauto e Terencio.

8- Os precursores do período aureo: Cesar, Cícero, Salustio. A poesia: Catulo e Lucrecio.

9- O seculo de Augusto, A poesia: Virgilio, Horacio e Ovidio. A historia de Tito Livio.

10- Período post-classico: Quinto Curcio, Seneca. A poesia: Luciano e Marcial. A satyra: Juvenal. A história: Tacito.

11- Periodo da influencia christã – Tertuliano, São Jeronymo e Santo Agostinho. Ultima phase da poesia latina.

Renascença e litteratura italiana

12- A invasão dos barbaros e suas consequencias – Os primitivos codigos germanicos – a renascença carolingia – Genese das linguas e das litteraturas dos povos modernos. A poesia popular e as epopéas.

13- A origem da poesia italiana: o misticismo: São Francisco de Assis- Precursores da Renascença; Dante, Petrarca e Bocacio.

14- A renascença italiana: o humanismo. Poetas e prosadores do seculo XVI.

15- Periodo de classicismo e da decadencia. A Arcadia.

Litteratura francesa

- 16- A renascença franceza: Villon, Commines, Marot, Rabelais e a Pleiada – Prosadores políticos e moralistas- Montaigne.
 17- O seculo classico – Malherbe – As academias e os salões – Descartes – O Theatro- Corneille, Racine e Molière – Moralistas. Eloquencia sagrada. A fabula. Os grandes prosadores. Pascal, La Bruyère, Fénelon.
 18- O seculo XVIII- Voltaire- A Encyclopedia- Os philosophos- Romance, thetro, historia e critica.
 19- O romantismo francez: sua origem e evolução- Poesia- o romance e o theatro historicos.
 20- A reação parnasiana. O realismo.
 21- Litteratura provençal- Sua influência na Idade Média – O Felibrige - Roumanille e Mistral.

Litteratura hespanhola

- 22- Origens da litteratura hespanhola- Periodo inicial- Os romances de cavallaria. O Cid. O Romancero. O Amadis de Gaula.
 23- A litteratura espanhola no seculo XVI- a poesia: Quevedo e Gongora- Alonso de Ercilla – Hurtado de Mendoza – O misticismo: Santa Thereza de Jesus.
 24- Cervantes e Don Quixote- O theatro hespanhol: Lope de Veja, Molina, Calderon de la Barca.
 25- Seculos XVIII e XIX – Prosadores: Antonio de Solis. O romantismo hespanhol. Zorilla. Campoamar. Espronceda e Quitana, Castellar e Basco Ibanez.

Litteratura ingleza

- 26- Periodo inicial- Chaucer e Gower. Era elesabetana- Spencer- Marlowe – Prosadores: Bacon e Burton.
 27- Seculo XVII – Milton e o “Paraiso Perdido” Dryden. O Classicismo: Addison e Pope. O romance inglez no Seculo XVIII_ Dafoe-Switt e Goldsmith.
 28- O romantismo inglez- Scott, Byron, Shelley, Keats, Tennyson. Dickens - O pre-raphaelismo.

Litteratura allemã

- 29- Origens da litteratura allemã: a epopéa heroica. Epoca da Reforma e da Renascença- Hans Sachs- Klopstock, Lessing, Wieland, Kant e Helder.
 30- A litteratura allemã no Seculo XIX- Goethe- Schiller- Hölderlin- Jean Paul- Novalis- Keist. Os irmãos Grimm- Humboldt, Hegel e Schopenhauer – O drama wagneriano – Heine.”

“Segunda série”

Litteratura Portugueza

- 1- *Periodo medieval*- Formação da lingua portugueza. O lyrismo provençal: os trovadores. D. Diniz. Cancioneiros. Uma literatura palaciana. Novelas de cavallaria, seus cyclos, o Amadis de Gaula. Livros de linhagens. Influencia hespanhola: Garcia de Rezende e seu Cancioneiro Geral. O inicio da historia: chronistas.
 2-3- *Periodo classico*- O renascimento em Portugal. A medida nova e a medida velha. Influencia Italiana. Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Antonio Ferreira. Camões: os *Lusíadas*, epopéa de expansão maritima portugueza. O lyrismo camoneano. O theatro : Gil Vicente, suas fontes populares e influencia social. A historia: João de Barros.
 4- *Periodo classico*- O seiscentismo gongorico e o arcadismo – Academias literarias. D. Francisco Manoel de mello. As cartas de Soror Mariana Alcoforado. A historia da eloquencia: Frei Luiz de

- Souza, Antonio Vieira, Manoel Bernardes. As arcadias: Garção, Filinto Elycio, Nicolau Tolentino. Bocage, lyrico e satyrico. O teatro : Antonio José da Silva. A erudição: Viterbo.
- 5- *Periodo moderno*- O romantismo em Portugal. Garret, Herculano, Castilho. A poesia: Thomaz Ribeiro, Guerra Junqueiro.
- 6- *Reação contra o romantismo* – “Bom senso e bom gosto”- ou a Questão coimbrã. O symbolismo em portugal. João de Deus, Anthero de Quental, Antonio Nobre, Cenario (?) Verde, Eugenio de Castro.
- 7- O romance portuguez no seculo XIX. Julio Diniz, Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz, Fialho de Almeida. Camillo, romancista romântico; suas experiências naturalistas. Os verdadeiros naturalistas. Importancia de Eça de Queiroz, sua influencia.
- 8- A historia e a crítica. Oliveira Martins, Ramalho Ortigão (?) , Theophilo Braga. A philologia : Carolina Michaelis, Gonçalves Vianna, Leite de Vasconcellos, J. J. Nunes.
- 9- Actuaes correntes literarias.
- 10- Condições de formação da litteratura brasileira. A lingua portugueza no Brasil, sua evolução autonoma e diferenciação. Incorporação e influencia de elementos indigenas e africanos. O meio physico e o meio social. O phenomeno americano: transplantação do homem europeu.
- 11- Fontes da literatura brasileira. Sobrevivencias indigenas e africanas. Lendas americanas e negras do folk-lore brasileiro. Desenvolvimento desses estudos. Folk-loristas. Contribuição de Couto Magalhães e Nina Rodrigues.
- 12- Primeiros escriptos sobre a terra e o homem. Chronistas e viajantes. As letras jesuiticas na colonia. A poesia do seculo XVI: Anchieta e Bento Teixeira Pinto.
- 13- O seculo XVII. A historia e a poesia: Frei Vicente do Salvador e Gregorio de Mattos.
- 14- O seculo XVIII. Academias litterarias. O arcadismo. A escola Mineira: Thomaz Antonio Gonzaga e Claudio Manoel da Costa. As “Cartas Chilenas”. Tentativa de uma epopéa nacional: Basilio da Gama, Santa Rita Durão. Primeiros vestigios de influencia das formas populares: Domingos Caldas Barbosa.
- 15- O romantismo brasileiro. O espirito nativista. Declinio da influencia portugueza. 1ª phase: Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre.
- 16- O romantismo, 2ª phase. O indianismo. Gonçalves Dias e José de Alencar.
- 17- O romantismo, 3ª phase. Alvares de Azevedo, Fagundes Varella, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu.
- 18- O romantismo, 4ª phase. Os condoreiros: Castro Alves, Tobias Barreto. A poesia social.
- 19- Os romancistas românticos, Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, o Visconde de Taunay, Franklin Tavora e ainda José de Alencar. O Theatro de Martins Penna. A chronica: França Junior.
- 20- O naturalismo. Um precursor: Manoel Antonio de Almeida. Aluizio Azevedo, Julio Ribeiro, Raul Pompéa.
- 21- Machado de Assis: o poeta, o “conteur”, o romancista. A forma, o “humour”, a penetração psychologica em machado de Assis. Caracter excepcional e importância da sua obra.
- 22- A poesia parnasiana. Raymundo Corrês, Olavo Bilac, alberto de Oliveira. O symbolismo: Cruz e Souza, Alphonsus de Guimarães. Outros poetas: Luiz Delfino e Vicente de Carvalho.
- 23- O romance e o conto depois do naturismo. Coelho netto, Affonso Arinos, Lima Barreto. O regionalismo.
- 24- A eloquência e o jornalismo no Brasil: Mont’Alvergne, Evaristo da Veiga, Hypolito de Araujo, Ruy Barbosa. A erudição: o dicionarista Moraes. O ensaio moral social e politico: Mathias Ayres, João Francisco Lisboa, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha. A história: Varnhagen, Oliveira Lima, Capistrano de Abreu. A critica: Sylvio Romero, José Verissimo, João Ribeiro.
- 25- O movimento modernista na poesia e na prosa. O romance contemporaneo. Correntes actuaes.

Literatura hispano-americanas

- 26- Os povos americanos na época do descobrimento. Resistência à colonização. As linguas indigenas e a lingua européa: reacções. A acção dos jesuitas. Panoramas das litteraturas hispanoa americanas nos periodos colonial e nacional. Traços communs e caracteres distinctivos. Movimentos de nacionalismo litterario. Tendências e correntes contemporâneas nas litteraturas hispano-americanas. Escriutores e obras a destacar: Rubén Dario, sua repercussão na Hespanha. O “Martin Fierro” , Hernandez: o

“Facundo” de Sarmiento: o “Don Segundo Sombra”, de Ricardo Guimarães; o grupo argentino de “Prôa” ; Zorrilla de San Martín, Silva Valdes, Juana de Ibarbourou, Ricardo Palma, Gabriela Mistral, Amando Nervo, Santos Chocano, o grupo mexicano do “Ateneo”: Affonso Reves, José Vasconcellos, Antonio Caso, Pedro Henrique Ureña, Gonzalez Martinez: “Los de abajo”, de Mariano Azuela, Juana Inês de la Cruz, Herrera y Reis sig, José Eustaquio Rivera, Gutierrez Najera.

27- A literatura americana antes do grande desenvolvimento industrial. Longfellow, W. Irving, Fenimore Copper, Ms. Beacher Stowe, Emerson, Poe, Hawthorne, Thoreau, Walt Whitman, poeta da democracia. O romance social e o romance de aventuras. O período do grande industrialismo. A poesia. Os neo-realistas. O humorismo. O teatro. A poesia negra. O espírito e a reação da literatura. Grandes escritores contemporâneos.

As literaturas europeas contemporâneas

28- A literatura francesa desde os fins do século passado. Renovação da poesia: Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Mallarmé. O simbolismo, Claudel e a poesia católica, Paul Valéry. O Unanimismo: o grupo da Abbaye. Alargamento na concepção poética de Apollinaire ao supra-realismo. O romance: Anatole France, Loti, Bourget, Barres, Romain Rolland, Proust e Gide. O teatro: Cecque, Cœuret, Bataille, ...enormand, Jules Romain. Evolução do ensaio e da crítica: Saint-Beuve, Taine, Renan, Gourmont, Peguy, Maurras Alain, Benda, Thibaudet. A filosofia: Bergson. Revistas literárias. Tendências atuais e escritores novos mais importantes.

Literatura alemã

29- A literatura alemã desde o século XIX. A influência de Nietzsche. O romance: Gottfried Keller, Th. Fontane, os Irmãos Mann, Jacob Wassermann. A poesia e o drama. Wedekind. G. Hauptmann, Spitteler, Etaphan George, Hugo von Hofmannsthal, Rainer Maria Rilke. O ensaio filosófico: Spengler e Keyserling. O expressionismo. Literatura da guerra. Correntes atuais.

Literatura inglesa

30- O romance inglês na era vitoriana: Dickens e Thackeray, as irmãs Brontë e George Eliot, Disraeli, Samuel Butler. Meredith e Hardy. Os eduardinos; George Moore Gissing, Henry James, Kipling, Wells. Os jorgeanos e os contemporâneos: Galsworthy, Bennett, Lawrence, Swinerton, Rodker, Huxley. O romance de aventuras, de Stevenson a Conrad. Os irlandeses: James Stephen e Joyce, Mulheres romancistas : May Sinclair, Dorothy Richardson, Virginia Woolf, Katherine Mansfield. O ensaio e a crítica de Carlyle, Newman, Ruskin, Pater e Chesterton e Middleton (Burry). A poesia: influência de William Blake. Os Browning, ...winburne, Kipling, Thompson, Masfield, Yeats, T. S. Eliot. O teatro: Wilde, Shaw e Somerset Maugham.

Literatura italiana

31- A literatura italiana desde o romantismo: Alfieri Foscolo, Leopardi, Manzoni, Carducci, Paolini, Verga e o verismo. D'Annunzio, Panzini, Pallazzeschi, Ungaretti, Marinetti e o futurismo. O teatro: Pirandello e Rosso di San Secondo. O romance de análise: Italo Svevo. A história, o ensaio e a crítica; Ferrero, Benedetto Croce, Papini. O novecentismo: Bontempelli.

Literatura espanhola

32- Decadência da literatura espanhola na 2ª metade do século XIX. Escritores desse período: Alarcón, Valera, Pereda, Galdós. A geração de 98: Angel Ganivet, Unamuno, Baroja, Azorín, Valle-Inclán, Antonio Machado. As gerações seguintes: Juan Ramón, Jiménez, Pérez de Ayala, Eugenio Gómez de la Serna e as “greguerias” Gabriel Miró. O ultraísmo e as novas tendências poéticas. Ressurreição de Gongora. O teatro: Benavente. A erudição: Menedez y Pelayo, Menedez Pidal, Americo Castro. Escritores novos.

Litteratura russa

33- Causa do aparecimento tardio da litteratura na Russia: histórias, políticas, economicas. Formação da lingua. O folk-lore, riqueza e importancia como fonte litteraria. Saga ou canto de Igor. Epopéas. Lomonosov, primeiro poeta consideravel. Tentativas artificiaes de occidentalização. O romantismo, eclosão do genio litterario nacional: Puchkin, Lermontov. O romance russo, suas características sua importancia. Gogol, Turgueniev, Gontcharov, Tchecov, Dostoievski, Tolstoi, Korolendo, Gorki. A critica: Bielinski. Os romancistas contemporâneos: Gladkov, Pilniak, Ivano, Ehrenbury, etc. A poesia: Soloviev, Balmont, Sologub, Biey, Essenin, Blok, Maiakovski. O teatro: Andreieç.

Litteratura nordica

34-Importancia e influencia universal do teatro de Ibsen. Alguns escriptores: Soren Kirkegaard, Andersen, Bjornson Bjornstiern, Strindberg, Jorgsen, Hamsun, Selma Lagerlof, Siegrid Undesef, Georg Brandes, critico e ensaista.

Litteraturas orientaes

35- Chinezta, Japoneza, Persa, Hisdú, Árabe. Características geraes. Alguns nomes: Confucio, Lao-tse, Li-Tai Po, Khayyam, Saadi, Ferdôssi, Hafez. As mil e uma noites [otar] (?), Mahomet e o Corão. Kahlil Gibran, Gandhi e Tagoe. A atracção do mundo occidental pelo oriente. A occidentalização dos povos e das litteraturas orientaes.

ANEXO B

Fichas do Gabinete Antropométrico

APEB
 GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
 SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E ASSISTENCIA PUBLICA
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
 "GYMNASIO DA BAHIA - GABINETE MEDICO E DE ANTHROPOMETRIA PEDAGOGICA,
 OUTUBRO - 1935

DOC 1-C "GYMNASIO DA BAHIA - EDUCAÇÃO PHYSICA

DECRETO 9767 – Anexo 1ª pagina

Ficha no.

Nome

Serie.....SecçãoNumero.....

Côr.....

Idade.....

Naturalidade.....

Residencia.....

Nome, Idade e Naturalidade dos paes.....

Ordem de filiação.....

FICHA SANITÁRIA

HISTORIA PREGRESSA

HISTORIA ACTUAL

Exame clínico

Apparelho circulatorio

Apparelho respiratorio

Systema nervoso

Apparelho digestivo

Apparelho locomotor

Systema osseo

Orgãos dos sentidos

Constituição

Exames complementares

Diagnostico

Indicações especiaes

Observações

O MÉDICO

ANEXO C – Fontes Documentais

A-ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA - APEB

Seção Republicana

Fundo: Secretaria de Educação e Saúde - Departamento de Educação.	Período	Caixa/Maçõ ou notação
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1901- 1904	952/8989
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1905- 1908	953/8990
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1909-1912	954/8991
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1913 -1915	955/8992
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1916- 1918	956/8993
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1919- 1920	958/8995
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1021-1922	959/8996
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1923	960/ 8997
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1924-1925	962/8999
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1926	963/9000
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1927	964/9001
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1928	965/9002
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1929	967/ 9004
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1930	970/9007
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1931-1935	987/ 9024
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1936- 1942	988/ 9025
Folhas de pagamento do Colégio Estadual da Bahia (contratados)	1942-1949	1017/9054
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1942	1025/9062
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1940-1942	1026/9063
Folhas de pagamento do Ginásio da Bahia	1939-1943	1107/9139
Mapa demonstrativo das inscrições e resultados gerais, preparatórios e pessoal administrativo do Ginásio da Bahia.	1924- 1924	3714/ 1080
Mapa demonstrativo do corpo docente do Gymnasio da Bahia em 1910.	1910	3714/ 1080b
Mapas demonstrativos dos alunos matriculados no Instituto Oficial de Ensino Secundário.	1892- 1892	3714 / 1080
Processo de nomeação de professores para o Ginásio da Bahia e para a cidade de Ventura.	1928-1932	3718/1090
Registro de professores e respectivas cadeiras e das cadeiras complementares.	1905-1929	3726/ 1123-1128
Termo de Exame e admissão de professores.	1907-1925	3734/ 1151
Decreto de aprovação de regulamentos do curso complementar do Ginásio da Bahia, Hinos da escola Normal e outras.	1926/ 1938	3921/02
Decreto de designação de professor.	1939	3921/02
Decretos referentes a estrutura administrativa do Ensino no Estado da Bahia, instalação de cursos colegiais nos estabelecimentos de ensino médio oficial, e outros.	1940/ 1964	3921/02
Ofícios expedidos pelo Secretário de Educação e Saúde.	1937/ 1961	3924/05
Ofícios recebidos pelo Secretário de Educação e Saúde.	1935/ 1969	3924/ 06
Portarias do Secretário de Educação e Saúde.	1928/ 1961	3924/ 08
Processo referente ao reajustamento do Ginásio da Bahia.	1939	3924/ 09

Exposição de motivos do Colégio da Bahia.	1948	3950/ 53
Inquérito administrativo sobre professores.	1938	3950/ 53
Processo referente à instalação do ginásio de esportes no Ginásio da Bahia.	1938	3954/60
Processo sobre inquérito administrativo de fatos ocorridos no Ginásio da Bahia.	1938	3954/60
Processo propondo professores para regerem cadeiras do curso complementar no Ginásio da Bahia.	1937	3954/60
Processo solicitando substituição de sub-inspetor de alunos que fora transferido do Ginásio da Bahia para a Biblioteca Pública.	1938	3954/60
Relatório da Inspeção do Ensino Secundário e Profissional.	1936	3974/ 53
Relatório do Colégio da Bahia - Central.	1941	3976/ 105
Circular sobre posse de diretoria do grêmio do Colégio da Bahia.	S/d	3989/ 137

Biblioteca

TAVARES, Luís Henrique Dias (Coord.). **Ementário da Legislação Educacional do Estado da Bahia no Período Republicano**. Salvador: Instituto de Estudos e Pesquisas em Ciências, Educação e Cultura Anísio Teixeira, 1985. 465 p.

UMA SAGRAÇÃO: O Gymnasio da Bahia ao Prof. Cassiano da França Gomes. Bahia: Oficinas Graphicas d'A Luva. 1932. 59 p.

B - BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA - BPEB

Obras raras

BRITO, Manoel Joaquim de Souza. **Licções de Litteratura** de accordo com o Programma do Ensino do Gymnaio Nacional pelo Dr. Brito. Lente Cathedrático do Gymnasio da Bahia. Vol. 1 Quinta série, 1906.

MENEZES, Francisco da Conceição. **Os Holandezes na Bahia**. These apresentada ao Gymnasio da Bahia, para o Concurso de História Universal e do Brasil. Bahia: Livraria e Typ do Commercio, 1922, 259 p.

MÜLLER, Christiano Alberto. "These apresentada ao Gymnaio da Bahia para ser defendida pelo Conego Christiano Alberto Müller do Cabido Metropolitano da Bahia e Primacial do Brasil e lente de Latim do Gymnasio Ypiranga. Afim de obter a Cadeira de Substituto da 3ª Secção **Dissertação Sobre a Syntaxe de regência no Grego e no Latim**. 1919 Livraria Catilina de Romualdo dos Santos Livreiro editor.

OLIVEIRA, Sócrates Marback. **A 4ª. Dimensão como Equação Exponencial**. These apresentada à congregação do Colégio da Bahia para concurso à cadeira de matemática. Bahia: livraria e papelaria Catilina, 1944

REBELLO, Guilherme Pereira **Grammatica Philosophica**. Bahia, Typographia do Diário, 1870.22 p.

ROCHA, Álvaro Vasconcellos da. **Do gerúndio e do gerundivo da Língua Latina.** These de Concurso no Gymnasio da Bahia. Bahia: A Nova Graphica, 1926.

ROCHA, Álvaro Vasconcellos da. **Do Latim em relação com os seus codialectos.** These de Concurso no Gymnasio da Bahia. Bahia: Imprensa Official do Estado. 1929. (Ponto sorteado pela Congregação)

SANTOS FILHO, João Gustavo. **Diversos aspectos sob que se nos apresenta a composição na língua alemã.** Pontos similares entre os compostos allemães e inglezes. These apresentada para o Concurso de Professor cathedratico da Cadeira de Allemão do Gymnasio da Bahia. Bahia: Livraria Catilina, 1926 41 p.

SANTOS FILHO, João Gustavo. **Observações a respeito de algumas dificuldades encontradas pelo brasileiro no estudo da Grammatica elementar allemã.** These de concurso. Bahia: A Nova Graphica 1926.

TOSTA FILHO, Joaquim Ignácio. **O Inglês Americano.** These para o concurso de professor substituto da cadeira de Inglez no Gymnasio da Bahia. Bahia: setembro de 1922.

Periódicos raros

Periódico	Período	
	Dia/ Mês(es)	Ano
Almanaque de Pernambuco(Recife-PE)	-	1900
Almanaque do Diário de Notícias	-	1897
Correio de Notícias	Fevereiro a novembro	1895
	Janeiro a dezembro	1896
	Janeiro a novembro	1897
	Janeiro a novembro	1898
	Janeiro a dezembro	1899
	Janeiro a dezembro	1900
A Tarde	Outubro a dezembro	1912
	Maio a setembro	1914
	Maio a agosto	1917
	Maio a dezembro	1918
	Janeiro a junho	1922
	Agosto	1923
	Agosto	1925
	18 de maio	1927
	Abril a agosto	1931
	Janeiro a setembro	1932
	Janeiro	1933
	Agosto	1935
	Fevereiro a agosto	1936
	Janeiro a setembro	1937
	Fevereiro a setembro	1939
	Abril a dezembro	1942
Março a setembro	1943	
Diário da Bahia	16 de abril	1909
	Abril	1942

Diário de Notícias	Fevereiro a Maio	1911
	Fevereiro a agosto	1915
	Julho e agosto	1917
	Março e abril	1931
	15 de abril	1932
	Fevereiro a junho	1935
	Fevereiro a abril	1936
	Setembro	1937
	Março a maio	1942
Estado da Bahia	15 de junho	1936
Jornal de Notícias	Março e abril	1911
	Março a julho	1915
	Julho e agosto	1917
	Maio	1942

C - COLÉGIO ESTADUAL DA BAHIA – CENTRAL

COSTA, Weldon Americano da, et alli. **Memórias Históricas do Colégio Estadual da Bahia.** 1937 - 1971. Bahia: Imprensa Oficial da Bahia, 1971. 222 p.

FARIAS, Gelásio de Abreu e MENEZES, Francisco da Conceição. **Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial na Bahia.** 1837 – 1937. Bahia: Imprensa Oficial do Estado. 1937. 434 p.

Pastas de alunos do Ginásio da Bahia 1909 - 1942

D- FUNDAÇÃO CLEMENTE MARIANI - CEDIC

DEVOTO, Dr. Manoel Carlos . **Discurso Pronunciado pelo ilustrado Dr. Manoel Carlos Devoto perante a Congregação do Gymnasio da Bahia em ocasião de sua posse no cargo de Diretor do mesmo Gymnasio.** Bahia: Typographia do Correio de Notícias, 1898.

DIAS, Deraldo. **Sobre Poesia e Poetas Brasileiros.** Conferências lida na instalação da Sociedade de Letras dos alunos do Gymnasio da Bahia. Grêmio Carneiro Ribeiro em 15 de Novembro de 1925 e publicada por iniciativa dos mesmos alunos. Bahia: Imprensa Oficial, 1926.

DINIZ, Almachi. **Da Estética na Literatura Comparada.** (Com aplicações aos programas Gymnasiaes) Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

BARRETO, Octaviano Moniz. **Discurso proferido pelo Dr. Octaviano Moniz Barreto. Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública em 28 de Maio de 1900 por ocasião da inauguração do Gymnasio da Bahia.** Bahia: Typ e Encadernação do Correio de Notícias, 1900.

FARIAS, Dr. Gelásio de Abreu. **Vergílio. Motivos de sua Obra.** Discurso pronunciado no Gymnasio da Bahia por ocasião da solenidade commemorativa do Bi-millenario de Vergílio. Bahia: Officinas Graphicas d'A Luva, 1931.

GUIMARÃES, Clemente. **Relatórios apresentados ao Director Geral do Departamento de Educação pelo Dr. Clemente Guimarães.** Inspectoria de Ensino Secundário e Profissional e Director do Gymnásio da Bahia. Anno de 1935. Bahia: Libro- Typographia Almeida, 1936.

MENEZES, Francisco da Conceição. **Expansão do Brasil até o fim do século XVIII. Tentativas para a demarcação de fronteiras.** These apresentada para concurso de Professor Cathedrático da Cadeira de História do Brasil do Gymnasio da Bahia. Ponto Sorteado. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1927.

MORAES, Deraldo Dias de. **Do Latim em Relação com os seus Codialetos.** These de Concurso à 2^a Cadeira de latim do Gymnasio da Bahia. Ponto Sorteado pela Congregação. Bahia: Officinas Graphicas d'A Luva, 1929.

MORAES, Deraldo Dias de. **Em Torno das Onomatopéas Latinas.** These de Concurso. Bahia: Officinas Graphicas d'A Luva, 1929.

PASSOS, Alexandre **O Centenário do Gymnasio da Bahia.** Artigo publicado no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, de 24 de Outubro de 1937. Livreto 13 folhas.

PEREIRA, Enéas Gonçalves. **Sobre a Theoria dos Restos.** These para concurso de professor substituto da cadeira de Mathemática no Gymnasio da Bahia. Bahia: Officinas da Livraria "Duas Américas", 1922.

PROGRAMA do curso complementar do Gymnasio da Bahia. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1936. Decreto n. 9.883, de 31 de Março de 1936. Aprova o Regulamento para o funcionamento do Curso Complementar no Gymnasio da Bahia.

REGULAMENTO do Gymnasio da Bahia. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1935.

RIBEIRO Filho, Ernesto Carneiro. **Factos Semânticos no Domínio da Língua Francesa.** These de Concurso à cadeira de Francês do Gymnasio da Bahia. Bahia: Officinas da Livraria Duas Américas, 1922.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Discurso Proferido pelo Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro por ocasião de ser collocado o seu retrato no salão nobre do Gymnasio da Bahia em 26 de Abril de 1902.** Bahia: Officinas do Diário da Bahia, 1902. 17 folhas (03 exemplares)

ROCHA, Álvaro Vasconcellos da. **Da Partícula "quando" em Latim.** These de Concurso no Gymnasio da Bahia. Ponto de livre escolha. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1929.

SANTANNA, Francisco Hermano. **Contribuição ao Estudo da Etymologia Popular em Português.** These apresentada ao Gymnasio da Bahia para concurso de livre docente de Português. Bahia: Livraria e Typ. do Commercio, 1926.

SANTANNA, Francisco Hermano. **Um Poeta Romântico Plínio de Lima.** These de Concurso à Cadeira de Literatura Brasileira e das Línguas Novi-Latinas no Gymnasio da Bahia. Ponto de livre escolha. Bahia, 1930.

SPÍNOLA, Lafayette Ferreira. **Caracteres da Evolução do Rythmo.** These de Concurso à Cadeira de Literatura Brasileira e das Línguas Latinas do Gymnasio da Bahia. Bahia: A Nova Graphica, 1930.

E -INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA – IGHB

Acervo documental

SECRETARIA do Estado, 1914 – **Lei n. 1058 de 19/8/1914.** Reorganiza o Ensino Secundário. (Reorganiza o Ensino Secundário Ministrado do Ginásio da Bahia).

DIAS, Deraldo. **Saudação em nome da mocidade do Ginásio da Bahia ao imortal Vergílio por ocasião do 2º milenário de sua morte.** 1930.

HOMENAGEM ao Ginásio da Bahia no seu Centenário em 1937.

LAGES, Waldemar. **Aluno da 6ª série Ginásial do Colégio da Bahia: “ Casa da Bahia”.** 1930

MATOS, Artur Ventura de. **“Imortalidade!”** Poesia recitada pelo ginásiano Artur Ventura de Matos, em 10 de Setembro de 1939, no Ginásio da Bahia, quando pelo Centenário do Professor Ernesto Carneiro Ribeiro. Pp 355-360.

Acervo fotográfico

Fotografias registrando em 1928 o desfile realizado na Semana da Educação, onde vemos os alunos e alunas do Ginásio em dois momentos, ao sair do Largo do Ginásio e ao chegar no Campo Grande, com suas faixas e a grande bandeira do Brasil.